
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO

OLGA RODRIGUES VICENTE FERNANDES

**DOS ENCANTOS ÀS PROBLEMÁTICAS ECOLÓGICAS DE GUARAPARI:
REFLEXÕES E SABERES NOS COTIDIANOS ESCOLARES A PARTIR DE
*IMAGENS NARRATIVAS***

VITÓRIA

2022

OLGA RODRIGUES VICENTE FERNANDES

**DOS ENCANTOS ÀS PROBLEMÁTICAS ECOLÓGICAS DE GUARAPARI:
REFLEXÕES E SABERES NOS COTIDIANOS ESCOLARES A PARTIR DE
*IMAGENS NARRATIVAS***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação, do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão escolar.

Orientador: Prof. Dr. Soler Gonzalez

VITÓRIA
2022

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

F363e Fernandes, Olga Rodrigues Vicente, 1982-
Dos encantos às problemáticas ecológicas de Guarapari : reflexões e saberes nos cotidianos escolares a partir de imagensnarrativas / Olga Rodrigues Vicente Fernandes. - 2022. 149 f.

Orientador: Soler Gonzalez.
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Educação ambiental. 2. imagensnarrativas. 3. Cotidianos escolares. I. Gonzalez, Soler. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE Mestrado Profissional em Educação**

Ata da sessão da centésima vigésima quarta defesa de dissertação do Programa de Pós-graduação de Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE), do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, da discente **OLGA RODRIGUES VICENTE FERNANDES**, candidata ao título de Mestre em Educação, realizada às **14h00min** do dia **seis de dezembro de dois mil e vinte e dois**, remotamente, conforme Portaria nº 08/2021 da PRPPG/UFES. O presidente da Banca, Soler Gonzalez, apresentou os demais membros da comissão examinadora, constituída pelas Doutoradas Larissa Ferreira Rodrigues Gomes e Shaula Maira Vicentini de Sampaio. Em seguida, cedeu a palavra à candidata que em trinta minutos apresentou sua dissertação intitulada **"DOS ENCANTOS ÀS PROBLEMÁTICAS ECOLÓGICAS DE GUARAPARI: REFLEXÕES E SABERES NOS COTIDIANOS ESCOLARES A PARTIR DE 'IMAGENS NARRATIVAS'"**. Terminada a apresentação da aluna, o presidente retomou a palavra e a cedeu aos membros da Comissão Examinadora, um a um, para procederem à arguição. O presidente convidou a Comissão Examinadora a se reunir em separado para deliberação. Ao final, a Comissão Examinadora retornou e o presidente informou aos presentes que a dissertação havia sido APROVADA. O presidente, então, deu por encerrada a sessão da qual se lavra presente ata, que vai assinada pelos membros da banca examinadora.

Vitória, 06 de dezembro de 2022.

Prof. Dr. Soler Gonzalez

Orientador

Profa. Dra. Larissa Ferreira Rodrigues Gomes

Membro Interno (PPGMPE/Ufes)

Profa. Dra. Shaula Maira Vicentini de Sampaio

Membro Externo (Universidade Federal Fluminense)

Universidade Federal do Espírito Santo – Centro de Educação – Programa de Pós-graduação de Mestrado Profissional em Educação. Avenida Fernando Ferrari, nº 514, Goiabeiras, Vitória/ES.
CEP: 29075-910. Telefone: (27) 4009-7779. E-mail: ppgmpe.ufes@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por SOLER GONZALEZ - SIAPE 2086070
Departamento de Educação, Política e Sociedade - DEPS/CE
Em 12/12/2022 às 15:38

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/620145?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
LARISSA FERREIRA RODRIGUES GOMES - SIAPE 2159218
Centro de Educação Infantil Criarte - CEIC/CE
Em 12/12/2022 às 16:41

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/620227?tipoArquivo=O>



Documento assinado digitalmente

SHAULA MAIRA VICENTINI DE SAMPAIO

Data: 12/12/2022 17:49:04 0300

Verifique em <https://verificador.itl.br>



Dedico essa pesquisa a professora Beatriz Bueno. Minha grande inspiração!

Vai aqui uma breve narrativa:

Durante uma palestra com um físico renomado da UFES que falava das areias monásticas, pessoas faziam perguntas sobre as areias e outros fatos sobre a cidade então o palestrante apontou:

-Pergunta a professora Beatriz, ela irá explicar melhor!"

Um orgulho dessa mulher. professora, guarapariense de coração, que ama e se dedica em "fazer conhecida" nossa cidade. Sua luta admirável e incansável, sua

pesquisa para que fatos históricos e conhecimentos ecológicos de nossa cidade não ficassem esquecidos. Almejo mais professoras “Beatrizes” para nossa Guarapari.

“Por isso não temas, porque estou contigo; não te assustes, porque sou o teu Deus; Eu te fortaleço, ajudo e sustento com a mão direita da minha justiça”

Livro de Isaías 41:10

Agradeço YHWH, Deus, Pai e Criador. Aquele que sustenta toda a vista nesta Terra. Foi por meio da fé que cheguei até aqui. Minha profunda adoração e gratidão!

A minha mãe, Rita; e à minha filha, Isabella que souberam entender este tempo de dedicação, ausências, alegrias e também angústias. Mas que me seguraram pela mão, acreditaram e sonharam junto comigo. O motivo dessa pesquisa também parte de vocês.

Ao orientador e querido mestre, professor Dr. Soler Gonzalez. O qual admiro pela sabedoria, paciência, acolhimento, gentileza, palavras motivacionais, amizade e principalmente por ter acreditado nesta pesquisa.

Às professoras Larissa Ferreira Rodrigues Gomes e Shaula Maíra Vicentini Sampaio que fizeram parte da banca de qualificação e defesa, e que deram importantes contribuições, reflexões, sugestões na qualificação do projeto e que alavancaram minha escrita. Gratidão por participarem deste processo compartilhando suas experiências e saberes.

Aos amigos, dos quais prefiro não citar nomes para não ser injusta, que enviavam força, incentivo para continuar.

A todos que participaram desta pesquisa, professores, escolas que cederam espaços, colegas de trabalho. Saibam que essa pesquisa são vocês e para vocês. Ela só se concretizou porque cada um de vocês fazem parte dela. Agradeço as narrativas, imagens cedidas e outros detalhes que de muitos “escaparam”, mas que de alguma forma fazem parte dela. Tenho orgulho de ser professora porque vocês me ensinam a amar e me dão esperanças, apesar dos tempos sombrios em que vivemos.

Ao Programa de Mestrado Profissional da UFES e todos os professores, por existir, reexistir e oportunizar que nossas pesquisas existam e sejam tão importantes para a educação.

Agradeço aos colegas pesquisadores que fizeram parte da minha turma Carolina Maria de Jesus, e que alimentaram seus sonhos por meio da pesquisa, pelo aprendizado, pelo ombro amigo mesmo a distância em tempos de COVID -19, pela parceria.

Ao nosso grupo de Pesquisa do Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão Narradores da maré, formado pelos ecoamigos Raphael, Fledson, Márcia, Edilene, Pauliano, Vitor, Thaynara, Letícia, Simara, Gabriel e outros que vão chegando com suas pesquisas que rompem com o óbvio, que fomentam novas geografias, novas ecologias, novas formas de ver o mundo, à vocês, a minha gratidão pelo aprendizado nos encontros, nas leituras e releituras memo que em um novo 'espaçotempo' digital.

Pelos coordenadores Soler Gonzalez e Andreia Ramos que nos move com suas paixões, belezas, reexistências. Gratidão!

*E, por fim, gratidão aos meus alunos, as crianças que alegram todos os meus dias!
Vocês são o combustível, a chama que mantém acesa o conhecimento em mim!
Amo vocês!*

Algumas formas de pesquisar se diferenciam dos modos validados pelo proposto rigor científico, que reduz o que é pesquisado a algo sem vida (NILDA ALVES)

RESUMO

Esta dissertação tem como temática as práticas pedagógicas e os projetos de educação ambiental no município de Guarapari. Pretende-se analisar de que modo as imagens em relação a cidade de Guarapari atravessam essas práticas, projetos e os cotidianos escolares. Tal projeto de pesquisa justifica-se pelo fato de que as narrativas como “cidade saúde”, “Guarapari e seus encantos”, relacionada a Guarapari, contém, em si mesmas, diversos sentidos imagéticos que variam de acordo com as áreas onde são usadas, isto é, no jornalismo, na produção científica, nas publicidades e nos cotidianos escolares. As imagens produzidas por essas narrativas, em cada uma destas esferas, nem sempre encampa toda a realidade local e acabam, desembocando nas práticas pedagógicas, que hegemonizam e constroem imagens representativas, desconsiderando temas como a falta de coleta seletiva de resíduos, questões de saneamento básico, dentre outros temas importantes para a educação ambiental. Portanto, é importante e necessário cartografar essas imagens, produzidas pela referida narrativa nas diferentes esferas em que ocorrem, para que, na educação básica, sejam possíveis algumas abordagens que permitam enxergar os temas presentes e ausentes nelas. Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa e procurar soluções possíveis para as problematizações levantadas, cartografamos, segundo orienta KASTRUP (2009) as educações ambientais institucionalizadas no município, projetos e práticas pedagógicas conectados com o tema, tendo como aportes teóricos-metodológico as pesquisas com o cotidiano escolar (ALVES, 2019) as narrativas ficcionais (REIGOTA, 1999) que nos permitiram por meio de *‘imagenarrativas’* (ALVES; FERRAÇO, 2015), analisar a presença e a ausência de temas ambientais importantes para um processo educativo emancipatório (FREIRE, 1996). Por fim, as imagens da cidade foram captadas em ambientes de vivências dos alunos, incluindo instituições, espaços públicos e áreas de convívio social, para uma análise por meio do conceito de *espaçotempos* (ALVES, 2010). Em relação ao produto educacional, produzimos uma sugestão de oficinas que chamamos de *‘Fotoconversas’* e *outras ecologias de Guarapari*, cujo objetivo é problematizar o potencial político e pedagógico das imagens para as educações ambientais.

Palavras-chave: *‘Imagenarrativas’*. Educações ambientais. Cotidianos escolares.

ABSTRACT

This dissertation has as its theme pedagogical practices and environmental education projects in the municipality of Guarapari-ES. It is intended to analyze how the images related to the city of Guarapari cross these practices, projects and school routines. This research project is justified by the fact that narratives such as “health city”, “Guarapari and its beauties”, related to Guarapari, contain, in themselves, several imagery meanings that vary according to the areas where they are used, that is, in journalism, scientific production, advertising and school routines. The images produced by these narratives, in each of these spheres, do not always encompass the entire local reality and end up leading to pedagogical practices, which hegemonize and build representative images, disregarding themes such as the lack of selective waste collection, basic sanitation issues , among other important topics for environmental education. Therefore, it is important and necessary to map these images, produced by the aforementioned narrative in the different spheres in which they occur, so that, in basic education, some approaches are possible that allow seeing the present and absent themes in them. In order to reach the objectives proposed in this research and look for possible solutions to the problems raised, we mapped, according to KASTRUP (2009) the institutionalized environmental education in the municipality, projects and pedagogical practices connected with the theme, having as theoretical-methodological contributions the researches with the school routine (ALVES, 2019) the fictional narratives (REIGOTA, 1999) that allowed us, through 'imagenarrativas' (ALVES; FERRAÇO, 2015), to analyze the presence and absence of important environmental themes for an emancipatory educational process (FREIRE, 1996). Finally, the images of the city were captured in environments where the students lived, including institutions, public spaces and social areas, for an analysis using the concept of spacetime (ALVES, 2010). Regarding the educational product, we produced a suggestion of workshops that we call 'Fotoconversas' and other ecologies of Guarapari, whose objective is to problematize the political and pedagogical potential of images for environmental education.

Keywords: 'Narrativeimages'. Environmental educations. School daily life.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1- Menino observando o mar.....	16
Figura 2- Passeio de barco na infância no interior de São Paulo	25
Figura 3- Passeio de fim de semana na chácara da família.....	26
Figura 4- No dia da minha formatura com a professora que lecionou História da educação.....	27
Figura 5 - Café no transporte em comemoração à minha cessão de município depois de 6 anos viajando Guarapari X Vitória	28
Figura 6- Passeio com a turma do 3º ano do Ensino Fundamental no último dia letivo de 2021	29
Figura 7- Resultado final de classificação do Mestrado Profissional da UFES.	30
Figura 8- 1º encontro do grupo de pesquisa no início de 2020 antes da pandemia	32
Figura 9-Turma da pré escola do ano de 2017	34
Figura 10-Grupo da disciplina Currículos e cultura e o professor pesquisador Walter Kohan, no evento “Pedagogia Menina da Pergunta”, Serra-ES.....	35
Figura 11 – Foto com Walter Kohan e o colega de mestrado, Raphael no evento “Pedagogia Menina da Pergunta”, Serra-ES.....	35
Figura 12 Desenho classificado em 3º lugar, no concurso "Guarapari e Seus Encantos", realizado pela SEMED- Guarapari- ES.....	39
Figura 13- Desenho classificado em 2º lugar, no concurso "Guarapari e Seus Encantos", realizado pela SEMED- Guarapari- ES.....	40
Figura 14- Desenho classificado em 1º lugar, no concurso "Guarapari e Seus Encantos", realizado pela SEMED- Guarapari- ES.....	40
Figura 15- Fotografia classificada em 3º lugar, no concurso "Guarapari e Seus Encantos", realizado pela SEMED- Guarapari- ES.....	41
Figura 16- Fotografia classificada em 2º lugar, no concurso "Guarapari e Seus Encantos", realizado pela SEMED- Guarapari- ES.....	42
Figura 17- Fotografia classificada em 1º lugar, no concurso "Guarapari e Seus Encantos", realizado pela SEMED- Guarapari- ES.....	42
Figura 18- Esgoto transbordando na praia de Meáipe	43
Figura 19 - Roda de conversa com professoras (es), via Google Meet.....	46
Figura 20 - Convite anexado a carta-convite	47
Figura 21- Letreiro localizado na Praia do Morro	48

Figura 22- Praia da Areia Preta	49
Figura 23- Casa da cultura abandonada , localizada no centro da cidade.....	49
Figura 24 - lixeiras no pátio da escola.....	50
Figura 25-Terrenos de frente para a praia do meio e castanheiras no antigo caminho da praia. A casa que está com uma seta à caneta é da Madame Pax .	53
Figura 26- Acúmulo de lixo no bairro Itapebussu	55
Figura 27- Acúmulo de lixo no bairro Sol Nascente, onde fica localizada minha residência.....	56
Figura 28- Alunos pintando muros	62
Figura 29- Imagem das areias monazíticas, em Guarapari- ES, popularmente chamadas de “areias pretas”, o mineral dá nome à Praia da Areia Preta, na cidade.....	67
Figura 30- O menino olha para a praia.	69
Figura 31- FJORD (Suécia) e MERCATOR (Noruega) ancorados no cais da MIBRA, navios cargueiros que transportavam areia monazítica para Estados Unidos e Europa – 1948.....	71
Figura 32- Inauguração das instalações da MIBRA em Guarapari	72
Figura 33- Banhos de areia nas praias de Guarapari, no final do século XX.....	77
Figura 34 - Exploração de monazita em Guarapari - ES, início do século XX....	79
Figura 35 - Camisas de Auer em lâmpões a gás	80
Figura 36- Teste com bomba de U-233 durante a Operação Teapot , 1955.....	83
Figura 37- Barracão onde o tório era separado da areia, em Guarapari.	84
Figura 38 - Ensacamento das areias feito por trabalhadores.....	84
Figura 39 - Trabalhadores separando e armazenando tório.....	85
Figura 40- Animais utilizados nas explorações das areias monazíticas, em Guarapari.	85
Figura 41- Alunos da escola Municipal José Antônio de Miranda em visita ao Parque Estadual Paulo César Vinha.....	88
Figura 42- Alunos na porta da escola, prontos para a mini excursão até o Parque Paulo César Vinha.....	90
Figura 43- Enterro de Paulo César Vinha.....	92
Figura 44- Paulo César Vinha discursando sobre a extração de areias em Guarapari	93
Figura 45- Esposa de Vinha, Ligia Viana beija o marido morto.	94

Figura 46- Monografia escrita por Paulo César Vinha, em 1984.	95
Figura 47 - Alunos recebendo informações dos técnicos do parque.....	96
Figura 48- Sapinho-da-restinga. Espécie em extinção.	97
Figura 49- Trilha no Parque Paulo César Vinha que permite conhecer a restinga, habitat do sapinho-da-restinga	98
Figura 50- Extração ilegal de areia em área da restinga, em Guarapari.....	99
Figura 51- Busto de Paulo Vinha, acrílico sobre tela de Marivelton Borges	100
Figura 52- Lagoa de Caraís- Parque Estadual Paulo César Vinha	101
Figura 53- Areias do parque estadual Paulo César Vinha	102
Figura 54- Bloco monolítico de rocha, no Parque Estadual Paulo César Vinha	103
Figura 55- Banho na Lagoa dos Caraís.	104
Figura 56- Alunos em visita educacional ao Parque Morro da Pescaria	106
Figura 57- Contraste entre o natural e o urbano, no Parque Morro da Pescaria, em Guarapari- ES.	108
Figura 58- Sangradouro em calçadão da Praia do Morro.	109
Figura 59- Ordem da prefeitura de Guarapari para adaptação do Antigo Stay Bar	111
Figura 60- Prefeito de Guarapari Assinando Ordem de serviço para construção de um Bar, ao pé do Morro da Pescaria.	112
Figura 61- Maquete do projeto de adaptação do antigo Stay Bar, em Guarapari.	113
Figura 62- Atual centro de atendimento	114
Figura 63- Propaganda do restaurante que ocupa o espaço público do Parque Morro da Pescaria.	115
Figura 64- Aula em auditório	118
Figura 65- Alunos em aula sobre a importância das ONGs na preservação do meio ambiente.	119
Figura 66- Aluno em aula, no Parque Morro da Pescaria	120
Figura 67- Banho na Lagoa de Caraís.	124
Figura 68- Cartão postal de Guarapari, 1969.	135

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 PRIMEIRA MARGEM: INFÂNCIA E JUVENTUDE.	24
1.1 SEGUNDA MARGEM: VIDA DE PROFESSORA	27
1.2 A TERCEIRA MARGEM DO RIO- A PROFESSORA SONHADORA.....	29
1.3 AS MARGENS DA ALEGRIA: SER PROFESSORA DA EDUCAÇÃO INFANTIL.	33
2 CAMPO GERAL: OS MOVIMENTOS DA PESQUISA COM NARRATIVAS FICCIONAIS E IMAGENS NARRATIVAS.	38
2.1 GUARAPARI E SEUS ENCANTOS	38
2.2 RODA DE CONVERSA.....	44
3 DA EXPLORAÇÃO DAS AREIAS MONAZÍTICAS AO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NA “CIDADE SAÚDE”: ‘IMAGENS NARRATIVAS’ VEICULADAS PELA MÍDIA LOCAL.	67
4. AS AREIAS DO PARQUE PAULO CÉSAR VINHA: UMA TRAGÉDIA EM TRÊS ATOS.	88
4.1 PRIMEIRO ATO: O MÁRTIR DAS AREIAS DE GUARAPARI	91
4.2 SEGUNDO ATO: AS AREIAS DE GUARAPARI E O SAPO DO TAMANHO DE UMA MOEDA	95
4.3 TERCEIRO ATO: “ARTE E A VIDA”	99
5. IMAGENS NARRATIVAS NO PARQUE MORRO DA PESCARIA	106
5.1 DO RESTAURANTE STAY AO RESTAURANTE E BAR BISTRÔ KEBAB’S ...	110
5.2 DO PARQUE PARA A SALA DE AULA.	116
6. CONSIDERAÇÕES SUSPENSAS	122
7 PRODUTO EDUCACIONAL: FOTOCONVERSAS E OUTRAS ECOLOGIAS DE GUARAPARI.	128
7.1 FOTOCONVERSAS 1: DA EXPLORAÇÃO DAS AREIAS MONAZÍTICAS AO TURISMO NA “CIDADE SAÚDE”	131

7.2 FOTOCONVERSAS 2 - AS AREIAS DO PARQUE PAULO CÉSAR VINHA: UMA TRAGÉDIA EM TRÊS ATOS.	132
7.3 <i>FOTOCONVERSAS 3</i> : NO PARQUE MORRO DA PESCARIA.....	133
7.4 FOTOCONVERSAS 4: PROBLEMÁTICAS ECOLÓGICAS DA CIDADE SAÚDE.	134
REFERÊNCIAS	139
APÊNDICES	145
APÊNDICE A- AUTORIZAÇÃO DE USO DE MÚSICA	145
APÊNDICE B- CARTA CONVITE	145
APÊNDICE C - CONVITE	146
APÊNDICE D- AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA	147

INTRODUÇÃO

Segundo Alves e Ferraço (2015), as *imagensnarrativas* são condições disponíveis não para descrever uma determinada realidade, mas para inscrever nessa realidade uma perspectiva nova, inédita e potencializadora de novos sentidos. Assim, pensando com esses autores, essa fotografia, embora seja o “congelamento” de um momento, inscreve na realidade uma imagem irrepetível. Portanto, sua finalidade não é descrever um ponto estático no tempo e no espaço, mas, mais do que isso, revelar o movimento da vida que compõe o enredamento dos cotidianos. Para falar sobre essa imagem recorro ao saudoso escritor Guimarães Rosa:

Mãe, o que é que é o mar, Mãe?" Mar era longe, muito longe dali espécie duma lagoa enorme, um mundo d'água sem fim, Mãe mesma nunca tinha avistado o mar, suspirava. "Pois, Mãe, então mar é o que a gente tem saudade? (ROSA, 2001, p. 52).

Figura 1- Menino observando o mar



Fonte: arquivo pessoal

Essa fotografia (Imagem 1) foi tirada durante um projeto de estágio no curso de Pedagogia em maio de 2012, onde tínhamos que investigar diferentes espaços em que ocorriam processos educativos não formais. Sou eu (pesquisadora) que conto essa narrativa:

Resolvi levar para o grupo de estágio, que era composto por sete alunos do sétimo período do curso de pedagogia, a possibilidade de conhecermos uma ONG

que atuava em um parque de reserva localizado no final da Praia do Morro, em Guarapari- ES, conhecido como Morro da Pescaria, proposta que todos aceitaram. Foram muitos os desafios. Principalmente o de levar os alunos àquele lugar, mas conseguimos.

No final da prática, que ocorreu no dia em que tirei essa fotografia, os alunos lancharam na Praia do Ermitão. Foi uma festa! Eles só não entraram no mar porque não estava previsto. Eis que uma criança me chamou a atenção. Era a única que não corria e nem brincava, pois estava contemplando o mar. Foi irresistível, tive que tirar uma fotografia daquele momento. No final, quando pedimos às crianças para se organizarem - pois íamos voltar ao parque- a criança continuava lá. Eu tive que intervir. Chamei-a e perguntei o porquê daquele olhar tão contemplativo que não a deixou brincar na areia. Então, ela me disse: “É a primeira vez que vejo o mar, professora”. Depois, descobri que a criança morava recentemente em Guarapari e que tinha vindo da Bahia.

A imagemnarrativa acima se conecta a esta dissertação que tem como temática as práticas pedagógicas e os projetos de educação ambiental no município de Guarapari e o modo como essa ‘*imagemnarrativa*’¹ de “cidade saúde” se faz presente nas ações pedagógicas dos cotidianos escolares, nas publicidades e nas produções científicas.

Tal dissertação justifica-se pelo fato de que as narrativas “cidade saúde”, “Guarapari e seus encantos”, relacionada a Guarapari, contém, em si mesma, diversos sentidos imagéticos que variam de acordo com a área onde é usada, isto é, no jornalismo, na produção científica, nas publicidades e nos cotidianos escolares. As imagens produzidas por essas narrativas, em cada uma destas esferas, nem sempre encampa toda a realidade local e acabam, desembocando nas práticas pedagógicas, que hegemonizam e constroem imagens representativas, desconsiderando temas como a falta de uma política de coleta seletiva de resíduos, questões de saneamento

¹ Em uma nota explicativa, Alves e Santos (2016) explicam que usam certos “termos unidos e em itálico, com o objetivo de indicar que os termos que aprendemos dicotomizados, pelos modos de construção da ciência na Modernidade (ainda hegemônicos na contemporaneidade), têm significado limites ao desenvolvimento das pesquisas na corrente a que nos filiamos: pesquisas nos/dos/com os cotidianos. Ao longo do texto, vários termos serão escritos juntos e em itálico por acreditarmos que são indissociáveis, já que ação e pensamento não estão separados em nossos cotidianos.

básico, dentre outros temas importantes para a educação ambiental. Portanto, é importante e necessário cartografar essas imagens, produzidas nas diferentes esferas em que ocorrem, para que, na educação básica, sejam possíveis algumas abordagens que permitam enxergar os temas presentes e ausentes nelas. Desta forma, possibilita-se uma intervenção educacional verdadeiramente voltada para a “autonomia do aluno” (FREIRE, 1996).

Além disso, tal pesquisa se propõe a problematizar as educações ambientais institucionalizadas presentes nas práticas pedagógicas do cotidiano da escola e, diante dessas problematizações que foram surgindo no movimento da pesquisa, o objetivo principal se constitui em cartografar imagens produzidas a partir de várias narrativas e pensar a forma como elas atravessam ou não os cotidianos escolares, em Guarapari.

Os objetivos específicos, por sua vez, foram formados por meio do processo de pesquisa, com as leituras de textos e de “mundo” – “ser e estar no mundo” (FREIRE, 1996, p 28) – proporcionadas pelos encontros do grupo, diálogos potentes e narrativas com professores. Depois de pensar e discutir ‘*praticasteorias*’ por meio de imagens, procedeu-se, então, de forma específica, às seguintes etapas:

- a) Realização de uma revisão bibliográfica teórica e metodológica a fim de esclarecer os conceitos importantes para esse trabalho, ou seja, o conceito de cartografia, de ‘*imagensnarrativas*’ e *educação ambiental*;
- b) Levantamento de imagens presentes em notícias e publicidades, relacionadas ao tema deste trabalho;
- c) Registrar por meio de fotografia os cotidianos da cidade de Guarapari – lugares onde os alunos vivem e convivem - para analisar a realidade captada nas imagens;
- d) Capturar, por meio de roda de conversas com professores, saberes e reflexões sobre o que pensam e como realizam suas práticas pedagógicas em relação ao tema proposto.
- e) Elaboração do produto educacional por meio de: ‘*Fotoconversas*’ e outras ecologias de Guarapari cujo objetivo é problematizar o potencial político e pedagógico das *imagensnarrativas* em práticas de educação ambiental e também formação docente. Nesse sentido, um dos principais sujeitos desta pesquisa são as areias de Guarapari que, meio das *imagensnarrativas*, entrelaçam várias narrativas que vão desde finalidades bélicas até medicinais. De igual modo, os professores que atuam na educação básica de Guarapari- ES também são sujeitos desta pesquisa, pois, por

meio de suas narrativas, deixam transparecer seus pensamentos, suas verdades e suas experiências.

Assim, consideramos que uma pesquisa de tal natureza é imprescindível para a educação básica, pois compreender as motivações que atravessam determinadas *imagensnarrativas* é importante para o desenvolvimento de indivíduos críticos e aptos a discutirem o ambiente em que vivem em busca de melhorias e qualidade de vida. Tal postura dialoga com seguinte pensamento freireano:

Creio poder afirmar, na altura destas considerações, que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não poder ser neutra (FREIRE, 1996, p. 69).

No que tocam os **aspectos metodológicos** desta dissertação, para alcançar os objetivos propostos e procurar cartografar imagens, foi utilizada a pesquisa cartográfica (KASTRUP *et al.* 2019 p. 137) com a finalidade de se acompanhar os processos cartografando práticas e projetos de educações ambientais em Guarapari-ES. A partir deste método, isto é, a partir de conversas e registros fotográficos, procuramos identificar uma nova perspectiva de *imagensnarrativas* (ALVES, FERRAÇO, 2015) sobre cada um dos sujeitos e problemáticas que envolvem a pesquisa.

Já a abordagem narrativa (ALVES, 2010), essencial para uma pesquisa desta natureza, foi adaptada a partir das condições impostas pela pandemia de covid-19. Assim, optamos por expandir essa perspectiva para outras redes, principalmente, as redes sociais e os sites de notícia. Além disso, acrescentamos as conversas que foram possíveis por meio de ferramentas digitais, incluindo: *rodas de conversas virtuais*. Com isso, pudemos capturar dos *'praticantespensantes'* destas atividades pedagógicas, o que eles têm a dizer sobre a temática a partir de imagens que lhe foram apresentadas. As atividades aconteceram, portanto, em um novo 'espaçotempo' da escola.

A pesquisa foi realizada em diferentes contextos educativos e formativos, quais sejam, uma escola da rede municipal, Parque Natural Morro da Pescaria e Parque Estadual Paulo César Vinha, espaços em que, frequentemente, ocorrem práticas de educação ambiental.

Nossos aportes teóricos e metodológicos são as pesquisas com os cotidianos (ALVES, 2019) pesquisa cartográfica (BARROS, KASTRUP, 2015) e as pesquisas com as narrativas ficcionais (REIGOTA, 1999). A partir destes aportes, rompemos com uma escrita acadêmica academicista eliminatória, onde os teóricos são as vozes primordiais. Surge então outras vozes, outras significações advindas de sujeitos que foram historicamente excluídos deste processo enquanto sujeitos produtores e criativos, que se reinventam todos os dias como *praticantespensantes* do cotidiano.

A pesquisa cartográfica que acompanha processos (BARROS; KASTRUP, 2009) foi a escolha assertiva para trabalhar as problemáticas ambientais de Guarapari. Quando chegamos ao campo de pesquisa muitos acontecimentos e movimentos estavam em curso. Lidamos com isso tendo em mente que cabe ao pesquisador (a) nos abirmos ao novo e ao que está acontecendo.

As pesquisas narrativas são foco dos estudos do professor Marcos Reigota (2016) e nos mostra uma nova força, um novo movimento no espaço acadêmico, trazendo para a literatura acadêmica outros acontecimentos, novas produções de sentido que tendem a questionar e problematizar os discursos hegemônicos e ideológicos.

Como pesquisadora, levo em conta as diversas experiências para acolher o que o outro pode me oferecer de saberes de uma forma que não iniba os pares para quem e com quem fazemos a pesquisa. Considerando que o “chão da escola” é a nossa luta cotidiana como cita Alves (2019), acreditamos que é este lugar que “verdadeiramente” forma os docentes para as práticas pedagógicas, curriculares e didáticas. Ou seja, a reinvenção constante do cotidiano.

Convoco o leitor(a) a seguir a margem deste mar, que envolvem a escola, os professores, as ecologias do município de Guarapari -ES, que nesta dissertação organizamos nos seguintes capítulos:

No capítulo 1, “*Minhas primeiras histórias*”, utilizo-me das pesquisas com os cotidianos (Alves, 2019) que procura dialogar com histórias e imagens, propondo compreender os processos pedagógicos e curriculares. Diante deste pensamento apresento aos leitores a minha trajetória de vida pessoal, tanto a infância como a juventude, as lutas da carreira de docente e as expectativas, frustrações de uma pesquisadora. Também a paixão por ser educadora infantil e reflexões que faço acerca das práticas pedagógicas deste nível de ensino.

No capítulo 2, *“Campo Geral”, trato os movimentos da pesquisa com narrativas ficcionais e ‘imagensnarrativas.’* No início do capítulo, problematizamos práticas elaboradas no âmbito da secretaria de educação com a temática “Celebrando seus encantos- Guarapari, 130” anos, onde analisamos as imagens divulgadas e as narrativas presente nos currículos oficiais. O campo da pesquisa, as educações ambientais presentes nele são narrados pelo grupo de professores, sujeitos desta pesquisa. Por meio das narrativas ficcionais (REIGOTA, 1999) é visível as denúncias de problemáticas sociais e políticas que anunciam novas possibilidades do fazer pedagógico. Também estão presentes as educações ambientais pesquisadas no âmbito da Secretaria Municipal de Educação que atravessam os cotidianos escolares.

No capítulo 3, *Da exploração das areias monazíticas ao desenvolvimento do turismo na “cidade saúde”:* *‘imagensnarrativas’ veiculadas pela mídia local, destaco que as areias monazíticas são protagonistas de uma história que entrelaça várias narrativas, envolvendo finalidades políticas, armamentistas, turísticas, medicinais, entre outras, procuro demonstrar que essa história fez com que Guarapari se construísse – continua a se construir - como cidade. Por meio de pesquisas em revistas (BRANDÃO, 1953), livros (MELLO, 1971) e páginas da internet (GUARAPARI MEMÓRIAS,2020) a historicidade ambiental de Guarapari e das areias monazíticas vão sendo registradas e contadas em um enredo que envolve exploração internacional, tornando Guarapari centro de um debate político, a nível nacional.*

No capítulo 4, *as areias do Parque Paulo César Vinha: uma tragédia em 3 atos*, continuam no contexto da narrativa sendo protagonista de uma história marcada pela exploração das areias do local, pela morte do biólogo Paulo César Vinha (RODRIGUES,1993), outras problemáticas enfrentadas pelo parque, porém a vida em todas as suas formas insiste em prosseguir. A visita com os alunos ao parque é de grande importância e potencial pedagógico para essa pesquisa e reafirma que o professor se depara cada vez mais com o emparedamento da educação, o que impede aos alunos aprenderem por meio de outros *‘espaçostempos’*. Na revisão de literatura, constatamos que ao procurar informações sobre o biólogo que dá nome ao parque, dificilmente encontramos reportagens que falem da sua vida e estudo. Uma reflexão sobre a importância de o aprendizado ir além de obter conhecimentos científicos é aprender por meio da memória, sensibilidade e da arte.

No capítulo 5, *‘imagensnarrativas’ no Parque do Morro da Pescaria*, demonstramos um campo rico para práticas de educação ambiental em um espaço

que tem sido transformado de maneira abrupta pelo mercado imobiliário e pelo turismo. Segundo Nilda Alves (2010) os *espaçotempos* nos obrigam ao exercício contínuo de compreender como ocorreu a presença do homem urbanizado e a condição de troca do meio natural com os espaços construídos. Assim, observando atentamente as *'imagensnarrativas'* presentes neste capítulo observamos que o Morro da Pescaria provocou diversos movimentos sociais ecológicos que estão presentes em leis e projetos legislativos

A proposta de produto educacional desta pesquisa se traduz em algumas propostas pedagógicas advindas de quatro oficinas vinculadas às potencialidades ecológicas e ambientais de Guarapari - ES que foram temas de pesquisa desta dissertação. As oficinas receberam o nome de "Fotoconversas e *outras ecologias de Guarapari* que podem ser utilizadas também na formação docente. O potencial pedagógico, criativo que as *imagensnarrativas* proporcionam permite que novas problematizações atravessem os cotidianos escolares.

CAPÍTULO 1: MINHAS PRIMEIRAS HISTÓRIAS

Segue, neste capítulo, um breve memorial da minha trajetória de vida pessoal e profissional. Uma trajetória cheia de significados e sentidos. Para ajudar nessa escrita, utilizo-me daquilo que me ajuda a enfrentar os problemas mais desafiadores da minha vida: a literatura.

Se até Guimarães Rosa, a literatura regional tinha como foco os problemas sociais - como ocorreu em “Iracema”, de José de Alencar, e em a “Escrava Isaura”, de Bernardo Guimarães - depois deste autor, o sertão é elevado à condição universal da literatura, pois o autor passa a explorar as ações do sertanejo, a partir de suas vontades. É neste contexto que aparecem características do sertão nunca mencionadas antes: a loucura, a fé, a política, a violência, a natureza, o progresso etc. (COVIZZI e SANTOS NASCIMENTO, 1988).

A *‘imagemnarrativa’* que primeiro me vem à mente é aquela do Rosa, garimpando falas, criando palavras para descrever fatos até então inenarráveis, ou simplesmente esquecidos, mudando os personagens de lugar e, ao fim, juntando tudo isso para expressar o sertão universal. Como bem menciona Cortez (2014, p. 113) “O sertão universal de Guimarães Rosa está à margem [...]”, e, de fato está, não há referências de lugares ou datas na maioria das obras de Guimarães Rosa, porque o que de fato importa é o sentido que as pessoas – que habitam o sertão - dão a ele.

Assim, esta pesquisa também é uma narrativa a partir das margens. De mim mesma, para a cidade e da cidade para mim mesma. Pois, a minha história é “[...] *uma viagem inventada no feliz*”, no processo rizomático da vida. Coloco, aqui nesta escrita, meu processo histórico, que cruza com esta obra madura e fenomenal de Guimarães Rosa: *Primeiras Estórias* (ROSA, 2001), da qual me aproprio para falar do processo que me fez chegar até esse ponto. A vida de quem vos escreve são espectros destes contos, nos quais se observa mistura de lirismo, paixão, medo, fantasias, sonhos, realidade entre outros sentimentos que estará presente na escrita desta dissertação, pois, ao realizá-la, [...] *as coisas vinham docemente*[...], (ROSA, 2001, p. 45).

As ideias, esperanças, reflexões, medos, incertezas, aprendizagens, estiveram presentes nas redes de conhecimento que me formaram como profissional e existencial neste planeta. Tudo foi me instigando a querer revelar o potencial de uma prática libertadora e que movesse aquilo que acredito.

Nesta pesquisa, relato duas paixões que me movem: ser professora de educação infantil e viver na cidade que escolhi: Guarapari- ES. É aqui, que, quando abro a janela, lembro-me de que “[...] *enquanto mal vacilava a manhã. A grande cidade apenas começava a fazer-se [...]*” (ROSA, 2001, p. 46), *tudo é começo*, o continente começa aqui, o mar começa aqui, a educação começa no convívio com as crianças que irão muito mais além do lugar onde eu pude ou ainda poderei chegar.

Inconformada com um ensino baseado em conteúdos, isto é, de uma educação bancária, como já denunciava Freire (1997), que elenca conteúdos reprodutores de desigualdades e desconexos da realidade e dos contextos vivenciados, a falta de tempo e espaço para essas discussões na escola; diante de um sistema rígido que não proporciona uma prática reflexiva senti-me impulsionada adentrar no mundo da pesquisa pelos mares das formações continuadas, dentre elas, o Mestrado Profissional, “[...] *ver ainda mais vívido — as novas tantas coisas [...]*”. (ROSA, 2001, p. 46),

Os currículos reprodutores e conteudistas estão muito arraigados nos ‘*saberesfazeres*’ da educação infantil, o que nos faz lembrar, mais uma vez, Freire afirmando que “na visão ‘bancária’ da educação, o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber” (FREIRE, 1987, p.38). A intensa necessidade de aprender e reaprender e como lidar com o conhecimento sempre foi vívido em mim, o que fez com que eu chegasse até aqui, apesar das incertezas, apesar desse olhar de menina que “[...] *se doía e se entusiasmava [...]*”. Se dor, doía por ver a “*terraplenagem*” da educação, se entusiasmo, entusiasmo pela [...] luzinha verde, vindo mesmo da mata, o primeiro vagalume [...]”. (ROSA, 2001, p. 38).

1 PRIMEIRA MARGEM: INFÂNCIA E JUVENTUDE.

Coloco aqui um pouco da minha biografia: paulista, filha de um imigrante espanhol e uma mineira. Apesar de meu pai ter uma situação financeira estável, sempre fui alguém que lutou muito para alcançar os próprios objetivos. Passei minha juventude com muitas incertezas em relação ao meu futuro, pois a escola meritocrática dos anos 1990 no Brasil, passava a ideia de que só estudando muito e frequentando as melhores escolas era possível chegar à Universidade.

Figura 2- Passeio de barco na infância no interior de São Paulo



Fonte: arquivo pessoal.

A minha opção não agradou muito ao meu pai, [...] *era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino [...]*" (ROSA, 2001, p. 66). Ele era contra a minha decisão de seguir a profissão de professora e, sendo assim, tive pouquíssimo apoio dele nessa escolha. E, se era pouco o apoio moral, menor ainda foi o financeiro. Mas, eu estava resignada, consegui bolsa de estudos em colégios particulares e cursinho pré-vestibulares. Quando realizei meu primeiro vestibular não encontrei muito sentido na vida – na época, culpei minha incapacidade e não tinha uma visão abrangente e crítica do sistema. Novamente, as críticas do meu pai, [...] *com gesto me mandando para trás [...]* (ROSA, 2001, p. 77) em relação aos meus passos em seguir o professorado.

Figura 3- Passeio de fim de semana na chácara da família



Fonte: arquivo pessoal.

Depois de passados tempos e dificuldades, finalmente concluí a licenciatura em Pedagogia e, a partir do ano 2013, passei por estágios, substituições, fui auxiliar de docente até chegar - com muita luta - a dois cargos públicos nos quais, hoje, sou regente de classe. Um destes cargos é ser professora de Educação Infantil, sendo esse um rio a jorrar em mim, navego entre crianças que procuro ajudar a superar seus problemas pessoais e, quando elas me perguntam o porquê dessa atitude, respondo: “[...] foi pai que um dia me ensinou a fazer assim [...]” (ROSA, 2001, p. 68).

Figura 4- No dia da minha formatura com a professora que lecionou História da educação



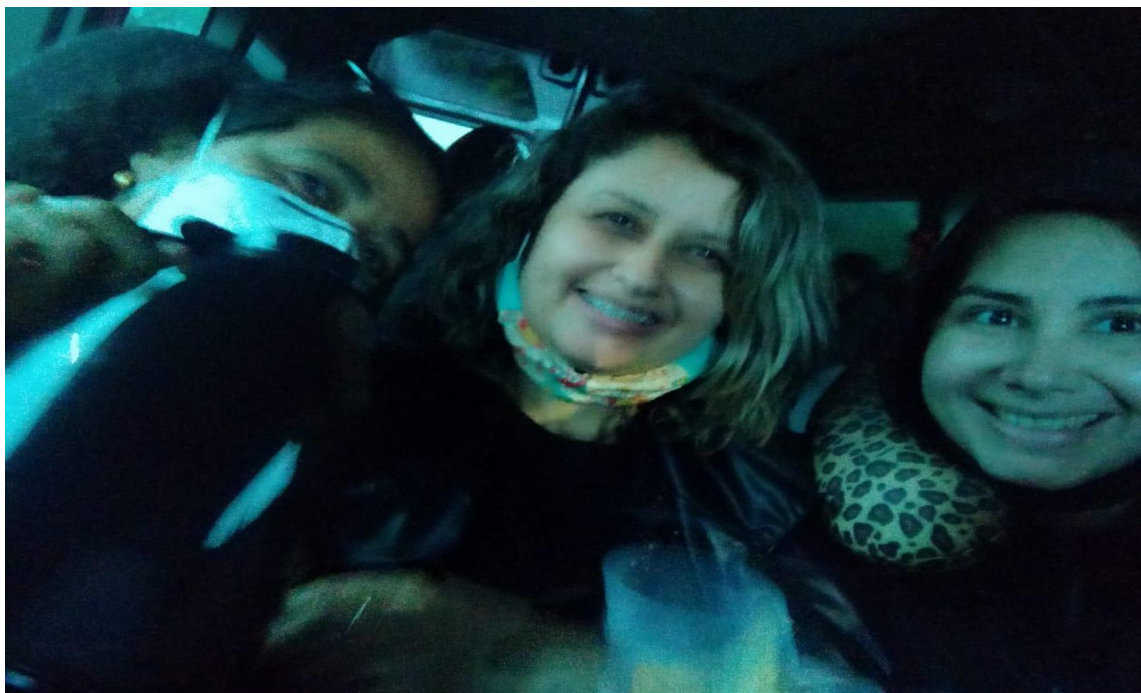
Fonte: arquivo pessoal.

1.1 SEGUNDA MARGEM: VIDA DE PROFESSORA².

Exercer a docência neste país sempre será um ato de coragem. Na minha formação acadêmica inicial, eu não tinha dimensão das lutas e embates travados no cotidiano da escola pela maioria dos profissionais de educação neste país: instabilidade de emprego, duplas ou triplas jornadas para garantir um rendimento necessário à sobrevivência, falta de incentivo à pesquisa, grandes deslocamentos para trabalhar em outros municípios. Passei por todos estes desafios, sempre com muita fé e esperança na mudança.

² Esse subcapítulo é dedicado a professora Andreia. Além de ser um dos seres humanos mais generosos que conheci em toda a minha existência é excelente professora de Artes, amante das plantas (cozinha e conversa com elas!) e de canoagem. Segue na luta diária de nossa existência e está quase próxima de gozar a aposentadoria.

Figura 5 - Café no transporte em comemoração à minha cessão de município depois de 6 anos viajando Guarapari X Vitória



Fonte: arquivo pessoal.

A foto acima (figura 5) me recorda anos de luta, sono, cansaço, mas também de muitas realizações. Era minha despedida do transporte pois tinha conseguido cessão para o meu município de residência. Faço minhas as palavras de Nilda Alves: “o cansaço era grande, já que eram nove/dez horas de aula por dia e as tantas idas e vindas em ônibus, (Alves, p.32, 2019) pois nunca aprendi a dirigir, nem nunca tive carro. Isso aumentou ainda mais as dificuldades, pois, como a maioria dos professores, por muitos anos trabalhei em dois municípios distintos.

No início de carreira, passei em dois concursos e não podia simplesmente abandonar estas oportunidades. Durante seis anos acordava as 4h20min. da manhã e viajava para Vitória- ES, município que lecionava no período matutino, que fica a 60 km de Guarapari - ES. E no período vespertino, trabalhava no meu município de residência. Muitas vezes tive que sair correndo e pegar um ônibus para voltar para Guarapari, pois minha filha, quando menor, tinha uma saúde muito fragilizada.

Figura 6- Passeio com a turma do 3º ano do Ensino Fundamental no último dia letivo de 2021



Fonte: arquivo pessoal.

Foi trabalhando na capital que aprendi a lidar com muitos desafios que acabam desembocando na escola: abandono, fome, agressão física e verbal, expectativas e frustrações. Mas o que sempre prevaleceu na minha prática educativa foi a afetividade, a ética e o compromisso.

1.2 A TERCEIRA MARGEM DO RIO- A PROFESSORA SONHADORA

Apesar do cansaço da jornada, durante um período de 6 anos, tendo como rotina acordar todo os dias às 4h15min e chegar às 18h15min em casa, dando conta da tarefa de ser mãe – e pai- de uma criança de 12 anos, que também é cuidada e amada pela avó, pela qual tenho profunda gratidão. Quantos cursos necessários e, por vezes vários deslocamentos, para que eu chegasse até aqui! Toda essa luta não me fez desanimar de tentar transformar e continuar acreditando em uma educação verdadeiramente para todos.

A sala de aula, apesar de todos os desafios, é o meu lugar de refrigério e satisfação, vendo em meus alunos uma contínua construção de saberes, trocas, conversas e afetos. Lembro de uma outra fala de Alves (2019, p. 31) que acalentou meu coração por representar em seus textos científicos o que é ser professor no Brasil, a autora diz: “morando sempre longe das escolas, eu tinha uma dura vida diária

que, naturalmente, ficou ainda mais difícil com o nascimento da minha filha, em 1968. Ainda bem que morávamos com meus pais”. Nesse trecho está a síntese de parte da minha vida e de muitas professoras mulheres neste país.

A pergunta, o questionamento, a curiosidade sempre foram algo que representou o fio condutor das minhas ações, a centelha de vida em mim. Paulo Freire (1996) diz que a indagação está em todos os tempos, é uma tarefa autorreflexiva, e que a pesquisa é intrínseca ao processo de ensinar. E ela tem grande utilidade porque constata uma realidade. Com isso, podemos intervir educando e aprendendo.

Sempre me preocupei em trazer questionamentos sobre fatos que estão já pré-determinados e foi isso que me fez ingressar em três processos seletivos para mestrado. Foram três tentativas frustradas, mas tive a felicidade de, na quarta vez, ver meu nome no rol dos aprovados do Programa de Mestrado Profissional da UFES do ano de 2019.

Figura 7- Resultado final de classificação do Mestrado Profissional da UFES

The image shows a document from UFES (Universidade Federal do Espírito Santo) titled 'CLASSIFICADOS' for the 'PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL'. The document lists candidates and their scores. A green highlight is drawn across the row of the author, indicating their successful classification. The text 'QUANDO O SONHO VIRA REALIDADE! GRATIDÃO' is overlaid on the bottom of the image, along with three yellow prayer hands emoji.

Classificação	Nome do Candidato	Número de Inscrição	Prova Escrita	Prova Oral	Total
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

Fonte: arquivo pessoal.

Logo após esse momento, veio o desafio de fazer efetivamente o mestrado e, com ele, chegaram todas as suas demandas. Desafio principalmente para aqueles

professores que, como eu, são os únicos responsáveis pelo sustento de sua casa e, sabem o quanto é difícil conciliar a pesquisa e carreira do magistério.

Antes de chegar ao magistério, que também foi um sonho realizado, atuei profissionalmente em outras áreas: lojas comerciais (principalmente nas altas temporadas de turismo de Guarapari), onde muitas vezes não tive nem horário para almoçar, farmácias, atendente de perfumaria, babá etc.

Todas elas construíram em mim uma vontade tremenda de superação e muita fé para conquistar tudo o que tive até hoje. Infelizmente ouvimos de gestores públicos neste tempo atual frases do tipo: “Hoje, ser um professor é ter quase que uma declaração de que a pessoa não conseguiu fazer outra coisa”. Isso é um total desrespeito a classe docente brasileira. Vivemos em tempos, que como brasileira, jamais imaginaria presenciar: governo de direita extremista, fundamentalista que gera pobreza, violência, descaso, autoritarismo, cinismo. Em relação ao chefe da nação deste tempo comungo da mesma preocupação do líder Indígena Ailton Krenak que, em uma entrevista disse: “Estou preocupado é como os brasileiros não indígenas vão sobreviver a esse sujeito” (MAAKAROUN, 2021). Fico pensando em como sobreviver a estes tempos sombrios. Às vezes, a resposta mais lógica que me ocorre é: basta encontrar pequenas felicidades no ensinar, no convívio com os colegas de profissão, na família, nos amigos, na fé e no banho de praia.

Mas vamos falar de “esperanças”. Finalmente, aconteceu o primeiro encontro com o grupo de pesquisa da Universidade. Quanto orgulho de fazer parte de uma Universidade Federal! A federal do Espírito Santo (UFES). Aquela para qual sonhava em prestar vestibular, mas sequer tentei porque sabia que não teria condições de conciliar trabalho e ir à Vitória para estudar. Quanta expectativa! Eu e meus novos “ecoamigos” (expressão citada pela professora Márcia, que hoje já é mestre) no sentido de esperar, apesar das lutas e batalhas de cada um. Uma recepção maravilhosa, regada a cordéis de heroínas negras, com um lindo pôster de Conceição Evaristo e com um café cheio de afetividade. Segue registro do único encontro presencial, porque, logo em seguida, a pandemia de Covid 19 mudaria radicalmente nossas vidas.

Figura 8- 1º encontro do grupo de pesquisa no início de 2020 antes da pandemia



Fonte: arquivo pessoal.

Convenço-me, cada vez mais, de que educar é pesquisar, observar, compreender, ou, como nos diz Guimarães Rosa (2011), enxergar “*a terceira margem do rio*”. Educar é ser um pesquisador(a) durante toda a trajetória de nossas vidas. Mas confesso que foi em um período muito difícil não só da minha vida, mas desafiador para toda a humanidade. E, daqueles tempos sombrios e tragadores, eu, “*tendo [...] arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado [...]*” (ROSA, 2011, p. 70). Refiro-me aqui à pandemia enfrentada pelo mundo, em 2019.

Nas águas de um rio, a enchente acelera o que já está em curso, o mesmo acontece com a sociedade diante de uma pandemia. Na canoa da Covid- 19, muitas vidas embarcaram, mas, com elas, como se fora uma batalha, foram-se também parte das coisas que comungam com o mundo do meu pai, aquilo de ser conservador e tributário de uma tradição dura.

Foi necessário nos recolher em nossas casas, “[...] *A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade [...]*” (ROSA, 2011, p. 70), distantes um dos outros. A

Universidade e a maioria das instituições de ensino optaram, no início da pandemia, pelo ensino remoto. Aquele sonho de participar e viver a Universidade Federal em todo seu contexto, ao vivo e a cores, foi-se por água abaixo.

Apesar de todos os desafios enfrentados, segue a pesquisa que imita a arte da vida: múltipla, resistente e criativa. Porque não foi feita sozinha, ela contou com a multiplicidade em que fomos “ajudados, aspirados, multiplicados” (DELEUZE, 2011, p.17).

O que sempre me impulsionou foram as perguntas e as histórias. Desde a infância sempre tive um vínculo muito forte com essa mãe natureza, que já recebeu de outros povos outros nomes como *Mãe Terra, Pacha mama, Gaia*, entre outras. E em todas estas histórias ela é tão dadivosa, generosa, bela e cheia de fartura. Infelizmente este reconhecimento não foi o suficiente para que a chamada “civilização” levasse essa mãe a completa exaustão, já demonstrando uma crise sem precedentes (KRENAK, 2019). Esse processo desumano de lidar com a “Terra mãe” e outras fontes de vida foi algo que me impulsionou a realizar práticas e também chegar até aqui como pesquisadora.

Pesquisar sobre as educações ambientais, os problemas sociais e ecológicos de Guarapari é algo que tem me impulsionado e despertado sentimentos já que foi nessa cidade que construí, de forma sólida, boa parte da minha vida. Inclusive como profissional. É por acreditar numa prática educativa política e não neutra que dedico o tempo, os afetos e os sonhos a este estudo. Continuarei abordando algumas questões da área de Educação Infantil e também falarei sobre infâncias.

1.3 AS MARGENS DA ALEGRIA: SER PROFESSORA DA EDUCAÇÃO INFANTIL.

As experiências vividas com as crianças da Educação Infantil têm proporcionado reflexões sobre o potencial das crianças, sobre como elas aprendem, o que lhe ensinamos e como elas nos surpreendem nesse processo. E foi aí que fez sentido, para mim, a reflexão de Freire (1996, p. 60- 61): “A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar”. Brigar contra preconceitos e opiniões que se opõem àquilo que é mais sagrado no ser humano: o direito de ser o que deseja ser e construir para si a identidade que melhor lhe caiba.

Figura 9-Turma da pr]é escola do ano de 2017



Fonte: arquivo pessoal

A minha identidade sempre foi a de uma eterna “criança”. Por isso que concordo com a visão do pesquisador e filósofo Kohan (2015) que vem trazendo um conceito de infância muito diferente de tudo aquilo que aprendi nos bancos da minha faculdade de formação: infância não é uma questão cronológica, mas sim de experiências. Como tive uma infância bastante livre, criada em sítio, perto de lagoas, escalando goiabeiras, pegando mexerica no pé, corridas ao ar livre no quintal de casa, entre outras maravilhas que nossa “mãe terra” nos proporciona, não posso desejar menos que toda essa experiência para meus alunos. O desejo que pulsiona é que toda essa vivência das infâncias com a natureza é algo natural e do cotidiano, mas o sistema educacional foi resumido a “um espaço contido, de crianças e adultos entre paredes [...]” lugar onde o movimento livre dos corpos é tido como perturbação de uma ordem necessária à aprendizagem (TIRIBA, 21, 2021).

Sobre os processos de ensino na educação infantil, no “trilhar” da pesquisa conheci pessoalmente o professor e pesquisador Walter Kohan. Ao ler parte de sua obra, e compreender um pouco de sua proposta filosófica para se entender as infâncias, reforcei uma visão que sempre tive de mim mesma: uma eterna infante. Tivemos o privilégio de conhecê-lo pessoalmente em um evento, a convite da nossa professora Dra. Larissa que, na ocasião, ministrou suas aulas na disciplina de Currículos, cultura, cotidianos e subjetividades. O evento foi proporcionado pela

gerência de formação no município da Serra, na praia de Manguinhos. O tema da roda de conversa visava afirmar as infâncias por meio da pedagogia menina da pergunta.

Figura 10-Grupo da disciplina Currículos e cultura e o professor pesquisador Walter Kohan, no evento “Pedagogia Menina da Pergunta”, Serra-ES.



Fonte: arquivo pessoal

Figura 11 – Foto com Walter Kohan e o colega de mestrado, Raphael no evento “Pedagogia Menina da Pergunta”, Serra-ES.



Fonte: Arquivo pessoal.

Aliás falando em perguntas, curiosidades e questionamentos, algo muito associado ao universo infantil, tais categorias sempre moveram minha prática. Sobre isso, Kohan (2020, p.134) fala-nos com propriedade de que são colocadas

[...] num lugar de incapacidade, desimportância ou até incontinência... poderíamos ampliar os adjetivos e, com eles, as dimensões em que se manifesta esse olhar de cima para baixo em relação às perguntas das crianças. E a questão não diz apenas às perguntas das crianças, mas a tantas outras coisas: direitos, tempos e espaços.

É necessário conceber as infâncias como sujeito possuidor de potências, vontades, inclinações, necessidades, interesses e desejos. A noção dominante e reguladora, que insiste em cuidar e proteger excessivamente, justifica um processo educativo que tem como meta instruir, disciplinar; é uma tentativa de “capitalizar” a criança, desconsiderando o poderio infantil e seus processos naturais diante do mundo, é aquilo do Rosa “[...] assunto que jogava para trás meus pensamentos [...]” (ROSA, 2001, p. 68).

A escola e seus reducionismos sufocam práticas diversificadas insistindo em manter uma visão cartesiana, fragmentada e individualizada de educação. Por isso que metodologicamente optei por utilizar a pesquisa com os cotidianos escolares, tendo inspiração nos escritos da professora Nilda Alves (2019, p.20) que nos diz que os cotidianos “são sempre plurais e complexos, os cotidianos não se reduzem a uma única explicação, rompem com a dicotomia entre micro e macroanálise e exigem de nós um constante pensar sobre as nossas práticas como pesquisadores. “Esta ruptura precisa coexistir nos cotidianos escolares, já que nos mesmos presenciamos situações diversas com múltiplas possibilidades que compõem em nós, docentes, novos ‘saberesfazeres’ (ALVES e FERRAÇO 2015, p. 308).

É por isso que, assim como fazem Alves e Oliveira (2004), esta pesquisa parte do pressuposto de que apenas os textos verbais e suas relações discursivas não dão conta de expressar a realidade dos cotidianos. Para as autoras,

[...] as possibilidades da imagem e de seu uso como meio de contemplar os múltiplos elementos da complexidade da vida cotidiana nas/ das escolas de modo mais efetivo que aquilo que podemos fazer por intermédio, apenas, dos textos escritos (ALVES e OLIVEIRA, 2004, p. 32).

As autoras ainda afirmam que as imagens expressam realidades que são escondidas nos textos. Por mais que a produção de uma imagem possa ser pensada

ideologicamente, é possível ao espectador olhar para ela, ver o que falta, o que aparece, o que deveria aparecer etc.

Diante disto, convenço-me, cada vez mais de que educar é, como nos diz Guimarães Rosa, enxergar “a terceira margem do rio”. E é esta minha intenção nesta dissertação. Que os leitores, estudantes, professores, moradores, turistas e amantes de Guarapari conheçam as práticas cotidianas dos professores e suas resistências perante um sistema que insiste em silenciar, negligenciar a realidade, tentando emoldurar pensamentos e práticas.

2 CAMPO GERAL: OS MOVIMENTOS DA PESQUISA COM NARRATIVAS FICCIONAIS E IMAGENS NARRATIVAS.

2.1 GUARAPARI E SEUS ENCANTOS

Desse modo, damos início a este capítulo problematizando práticas pedagógicas elaboradas pela Secretaria Municipal de Educação de Guarapari (SEMED), dentre elas a que foi intitulada “Celebrando seus Encantos, Guarapari 130 Anos de História” em comemoração aos 130 anos de emancipação política do município. Para apresentar os objetivos do projeto, foi realizada, por parte da SEMED, uma *live*, no dia 28 de setembro de 2021, transmitida pelo *Youtube*³, por meio do canal denominado *NTE- Núcleo de Tecnologia Educacional*. Isso, porque neste período as escolas ainda estavam funcionando com revezamento de estudantes, devido a pandemia do COVID- 19 (NTE, 2021).

O objetivo da *live* era comemorar os 130 anos de emancipação política de Guarapari. Nessa *live*, a atual secretária municipal de educação, faz a seguinte afirmação:

[...] sabemos que, oficialmente, são 130 anos de emancipação política, mas, Guarapari tem muito mais que isso de história, de cultura e de arte. Nós, enquanto educação, temos que trabalhar com os dados oficiais, mas a gente está ali, mostrando para todos os nossos alunos, tudo que Guarapari tem para além desses 130 anos (NTE, 2021, 4m.10s- 4min.18s).

A secretária ainda menciona que o objetivo do projeto era resgatar a história de Guarapari e celebrar os encantos da cidade. Então, na 1ª e 2ª *lives* são transmitidos alguns projetos que tentam trazer a memória algumas historicidades de Guarapari, como mitos, monumentos históricos, pontos turísticos de Guarapari etc.

De fato, vídeos autorais com participação de estudantes resgatam a história da cidade e o sentimento de pertença. Contudo, como se vê no programa, os cotidianos não aparecem, como a secretária afirma, há uma predileção pelo que é “oficial”, isto é, aquilo que está registrado formalmente. Mas, e no cotidiano da escola, como essa constituição histórica do município é elaborada? Qual história é contada? Existem outras histórias e origens? Porque elas são negligenciadas no currículo? Ressalta-se, nessa comemoração, o concurso proposto aos estudantes e professores. Dividido em três categorias. A Secretária explicou o concurso nos seguintes termos:

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OuXsl43XGvE&t=253s>

Foram três categorias. Na categoria desenho concorreram os alunos de Pré I, Pré II, 1º e 2º anos. Depois nós vamos para a categoria dos poemas, que foi para os alunos do 3º ao 5º ano. E para os alunos do 6º ao 9º e EJA, foi a competição de fotografia (NTE, 2021, 1h.6m.31s- 1h.6min.51s.).

A comissão julgadora foi a Academia Guarapariense de Letras e Artes (AGLA). A secretária destaca que o concurso não foi obrigatório, era por “livre demanda”. Havia também uma premiação: um tablet para os classificados em 1º lugar, de cada categoria, e um relógio do tipo *smartwatch*, para os classificados em 2º e 3º lugares, de cada uma das categorias (NTE, 2021, 1h.7min. 55s. – 1h.8min.07s.).

Problematizo e narro - ao modo de Alves (2016, p. 375) - aqui, a categoria desenhos e fotografias, do concurso, tendo em vista o conceito de *imagemnarrativa*, de Nilda Alves (2010). Em terceiro lugar, conforme Figura 12, aparece um desenho paisagístico, feito a lápis de cor.

Figura 12 Desenho classificado em 3º lugar, no concurso "Guarapari e Seus Encantos", realizado pela SEMED- Guarapari- ES.



Fonte: NTE, 2021, 1h.10min.04s.

Sobre o desenho, um dos membros, que fez parte da comissão julgadora, destaca que o

aluno retratou três cenários paisagísticos que são referências em Guarapari [...] O manguezal, que é um ecossistema muito importante para o meio ambiente (embora) pouco valorizado na região, as montanhas e as praias do município” (Fonte: NTE, 2021, 1h.10min.23s.- 1h.10min.30s.)

Em seguida, é apresentado o desenho que levou o 2º lugar, conforme Figura 13.

Figura 13- Desenho classificado em 2º lugar, no concurso "Guarapari e Seus Encantos", realizado pela SEMED- Guarapari- ES.



Fonte: NTE, 2021, 1h.11min

Sobre esse desenho, a comissão da AGLA considerou os seguintes critérios:

O aluno retrata a paisagem, em sua visão, sem nenhum tipo de direcionamento de um adulto, pontos turísticos que são referência do município de Guarapari como Radium Hotel, o Marlin, a estátua do Tigrão. Olha lá estátua do Tigrão [...] o ônibus escolar [...] obedecendo também os critérios de originalidade criatividade e respeito ao tema (NTE, 2021, 1h.11min.16s.- 1h.11min.37s.).

E, por fim, o desenho que alcançou o primeiro lugar, de acordo com os jurados, conforme figura 14.

Figura 14- Desenho classificado em 1º lugar, no concurso "Guarapari e Seus Encantos", realizado pela SEMED- Guarapari- ES.



Fonte: NTE, 2021, 1h.12min. 25s.

Sobre esse desenho, os jurados da AGLA se posicionaram da seguinte maneira:

O desenho que ficou em primeiro lugar preenche todos os critérios presentes no regulamento de criatividade, originalidade, qualidade, respeito ao tema e adequação aos pré-requisitos, retratando de modo criativo um costume corriqueiro dos adolescentes de Guarapari, que [...] saltar da ponte que fica perto do posto Tigrão, para mergulhar no canal (NTE, 2021, 1h.12min. 25s.- 1h. 12min. 48s.)

A equipe de jurados também analisou as fotografias produzidas, premiando do primeiro ao terceiro lugar. A fotografia que ficou em terceiro lugar tem como elemento paisagístico as praias, de Guarapari. O elemento considerado criativo foi a escolha por uma praia deserta, conforme figura 15.

Figura 15- Fotografia classificada em 3º lugar, no concurso "Guarapari e Seus Encantos", realizado pela SEMED- Guarapari- ES.



Fonte: NTE, 2021, 1h.14min. 24s.

A foto, tirada na Praia de Santa Mónica, ao entardecer foi considerada pela AGLA como original, especialmente por ter evitado os pontos mais badalados da cidade.

Figura 16- Fotografia classificada em 2º lugar, no concurso "Guarapari e Seus Encantos", realizado pela SEMED- Guarapari- ES.



Fonte: NTE, 2021, 1h.14min. 30s.

Na análise da fotografia acima, a representante da AGLA menciona o enquadramento da Igreja Nossa Senhora do Caravaggio, e a importância das escolas no interior, uma vez que a foto fora tirada no interior de Guarapari.

Figura 17- Fotografia classificada em 1º lugar, no concurso "Guarapari e Seus Encantos", realizado pela SEMED- Guarapari- ES.



Fonte: NTE, 2021, 1h.16min. 57s.

De acordo com Alba Sampaio, a academia premiou essa fotografia com o 1º lugar do concurso porque ela representa a tradição pesqueira da cidade. Tal atividade

pedagógica na forma de um concurso, proposto pela secretaria de educação do município, nos possibilitou pensarmos os “encantos de Guarapari”, mas, principalmente, a partir de uma concepção de educação problematizadora, nas problemáticas ecológicas que são invisibilizadas nos processos pedagógicos.

O que aparece nos desenhos e nas fotografias são as imagens factuais, e não as problemáticas que, ao nosso ver, contém os elementos essenciais para uma educação problematizadora. O que queremos dizer é que, os elementos factuais são aqueles que acontecem na vida cotidiana, mas não nos chocam - ou por que são narrados de um ponto de vista acrítico, ou porque são, intencionalmente, isolados dos problemas.

Tomando o próprio corpo humano como uma metáfora, assim como faz Alves (2010, p. 193) podemos dizer que a facticidade do organismo está no fato de não nos lembrarmos de um determinado órgão, enquanto esse funciona plenamente. A problematização ocorre quando ele adocece e afeta o restante do organismo. Ao nosso ver, sugerir os “encantos de Guarapari” sem considerar as suas mazelas é negar o adoecimento da cidade frente os sérios problemas ambientais que a acometem.

Figura 18- Esgoto transbordando na praia de Meaípe



Fonte: Brasil,2018.

Embora o evento esboce a finalidade de abordar as questões ambientais, ao destacar as belezas dos pontos turísticos de Guarapari- ES, demonstra sua fragilidade

ao não ressaltar o problemático da cidade, que se manifesta nas imagens narrativas presentes em cenas como a descrita na figura 18.

2.2 RODA DE CONVERSA

Outro movimento de grande importância na pesquisa foi a roda de conversa com as professoras/es da rede municipal de Guarapari. A narrativa de cada professor participante é de uma beleza e de uma potência tão marcantes que é impossível colocá-las no discurso tradicional científico, vigente na maioria das escritas acadêmicas.

Oliveira (2010) diz que as várias expressões de conhecimento saem do campo da neutralidade e da objetividade para assumir novos modos de ler/ouvir/sentir o mundo e de narrá-lo aos diferentes saberes, fazeres, emoções e valores. Também é necessário deixar expresso aqui a importância das narrativas ficcionais e a opção por sua escolha ao fazer parte do aporte metodológico desta pesquisa.

Por meio das narrativas ficcionais presenciamos experiências, vivências, relações de afetividade, de cumplicidade que nos ajudam na escrita, tornando-se mais uma escrita *parceirista* do que individualista. A sensação do pesquisador é que a escrita é verdadeiramente coletiva. Lembro-me de quando fui ler o primeiro volume de “Mil platôs” de Deleuze e Guattari (2011, p.17) onde ele inicia o capítulo com a seguinte fala: “Escrevemos o anti-Édipo a dois. Como cada um de nós era vários, já era muita gente”.

Nessa mesma esteira, para entender esta metodologia, o ecologista Marcos Reigota em seu livro *Ecologistas* nos explica sobre as narrativas ficcionais:

As narrativas (escrita, oral, visual, corporal) não são nem verdades, nem mentiras, mas uma forma criativa (depressiva, alegre, positiva, negativa, pessimista, otimista, nostálgica, saudosista, futurista, realista, surrealista, impressionista, fragmentada, barroca, minimalista, redundante, clássica, erudita, pop, etc.) de organizar e comunicar situações vividas e imaginadas. (REIGOTA, 1999, p. 80)

O uso das imagens é fundamental nos dias de hoje. Vivemos em uma sociedade totalmente imagética. Elas estão presente nas práticas pedagógicas e em outras redes que também fazem parte do nosso cotidiano dos quais estamos interligados. A utilização de imagens nesta pesquisa começa com registros da minha vida, contam a historicidade ecológica da cidade de Guarapari e denunciam os problemas ambientais em diversos pontos e tempos da cidade.

Toda essa perspectiva nos faz acreditar que por meio das imagens e narrativas descortinamos as escolhas do passado e ampliamos o entendimento do presente com todas as suas existências invisibilizadas, contribuindo para vislumbrar um futuro (OLIVEIRA e GERALDI, p.25, 2010). Em relação a este momento da pesquisa a autora Kastrup (2009, p. 30) deixa claro que conhecer a realidade é acompanhar o processo de constituição, o que não pode se realizar sem uma imersão no plano da experiência. Isto é, educar o ser humano (e educar-se como ser humano) a partir da concepção de que ele é membro de um imenso cosmos impõe uma drástica mudança na forma de ver o mundo, na revisão de valores e na forma de perceber o outro.

É com este pensamento que tratar as questões ecológicas requer uma postura de “cidadania” como algo que precisamos aprender urgentemente. Falamos da construção de cidadania de políticos, ambientalistas e militantes, pessoas com alto poder de persuasão, mas que negociaram princípios em busca de poder, nas variadas formas de institucionalização,

Muitos(as) colegas, pouco antes e principalmente durante o primeiro governo Lula deixaram de lado as relações que sustentam o ideário político ecologista de solidariedade, colaboração e perspectiva de construção de uma sociedade justa, sustentável e pacífica pelo pragmatismo do poder passageiro e pelos benefícios do capital simbólico oferecido pelo aparelho do Estado, dos patrocínios das empresas estatais, das agências de publicidade e dos cofres públicos. (REIGOTA, 2008, p.62)

Estamos ainda na tentativa de construir o que é realmente cidadania. Porque no meio do processo da redemocratização brasileira houve retrocessos e pequenos avanços. E um destes avanços notamos nas narrativas das professoras que serão aqui transcritas por meio de uma roda de conversa.

Figura 19 - Roda de conversa com professoras (es), via *Google Meet*



Fonte: Arquivo pessoal

A roda de conversa na perspectiva do reencontro entre professores, mesmo sendo feito de modo virtual devido a pandemia, sempre é motivo de muitas alegrias, risadas e aprendizagens. Elaborei uma carta-convite de apresentação junto com meu orientador e fui pessoalmente entregar ao grupo de professores na escola. A conversa ocorreu no dia 24 de agosto de 2021, às 19h, via *Google Meet*. Ir presencialmente fazer o convite, conversar com cada um sobre a minha intenção de pesquisa já foi um aprendizado enorme. Neste momento pude presenciar na prática as apreensões, questões e reflexões que conversávamos e líamos nos artigos, publicações no nosso grupo de pesquisa.

Figura 20 - Convite anexado a carta-convite



Fonte: arquivo pessoal

Diante do convite, ouvi muitas vezes: “*mas eu não sou professora de ciências*”, “*essa não é muito a minha área*”. Como se isso fosse condição para se discutir as questões ambientais.

Quem explica essa perspectiva de meio ambiente e educação ambiental - que muitas vezes é ligada ao ensino de ecologia - e como ela tem se apresentado no currículo brasileiro, no decorrer dos anos, é o ecologista Marcos Reigota. Ele tem argumentado que o ensino de ecologia é diferente de educação ambiental e essa “visão” tem camuflado os reais problemas ambientais de nossa realidade com afirmativas simplificadoras do tipo: “*O homem destrói o meio ambiente*”, criando essa visão biologizante da sociedade e conseqüentemente da prática do professor (REIGOTA, 2014).

Foram convidados, no total, 20 (vinte) professores de duas escolas da rede municipal, mas, efetivamente, participaram da roda de conversa apenas 7 (sete). Uma das escolas representadas foi a unidade onde iniciei minha carreira como professora de educação infantil. A professora que estava na gestão, à época da roda de conversa, havia sido minha professora na formação docente. Tenho, por ela, grande admiração pelo compromisso amoroso com a educação, que faz a diferença por onde atua, pela

luta, sensibilidade e principalmente pelo apoio dado aos professores pesquisadores, como no meu caso.

Ao iniciar a roda de conversa falei um pouco sobre mim, sobre a minha intenção de pesquisa, que na época estava em fase de construção. E da honra e gratidão de tê-los ali comigo, aos que se dispuseram a participar depois de terem trabalhado o dia todo, e como era importante a presença e a narrativa deles ali naquele momento. Falei que o que me levou à pesquisa foram os incômodos que vinha sentindo em relação aos esquecimentos relacionadas às questões ecológicas do município. Também mencionei as possibilidades de associação, reflexão e argumentação que envolvem a narrativa “cidade saúde” atribuída ao município.

Para iniciar toda boa conversa uma música e uma boa história são fundamentais. Então, introduzi o encontro com a “Valsa de Guarapari, que é o hino da cidade.

Em seguida, selecionei quatro fotografias tiradas por mim relacionadas ao cotidiano de Guarapari. São elas:

Figura 21- Letreiro localizado na Praia do Morro



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 22- Praia da Areia Preta



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 23- Casa da cultura abandonada , localizada no centro da cidade.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 24 - lixeiras no pátio da escola.



Fonte: Arquivo pessoal

A narrativa ficou por conta de uma história encontrada na página do Facebook “Guarapari memórias”, narrada por Benedito Carvalho (2020) e lida para o gupo pela pesquisadora:

Há uma citação do escritor português, Virgílio Ferreira, que diz que uma história vivida não tem tempo de calendário e sim o que se viveu. A despeito dessa afirmação vou contar para todos uma história vivida por mim em 1951 e que se estendeu por 3 anos. Houve uma época em Guarapari que era muito fácil possuir um terreno, bastava localizar, remover alguns poucos contratemplos, registrar na prefeitura e pronto o terreno era seu. Nesse tempo não tinha o imposto territorial urbano, era só pagar uma taxa anual na prefeitura chamada décima de casa. Foi assim que eu acredito que aqueles terrenos de frente para a praia do meio e castanheiras no antigo caminho da praia chegaram às mãos dos primeiros veranistas e fundadores do Siribeira Clube. Construíram casas belíssimas entre elas uma que tinha uma inscrição frontal "Vila Pax" essa casa era de propriedade de uma francesa chamada madame Pax. Tinha em torno de sessenta anos, vivia sozinha, não era simpática, eu tinha até um pouco de receio dela, quando a caminho da praia passava em frente à sua casa tinha o maior cuidado de não deixar uma bola cair no seu terreno, caso isso acontecesse essa não

voltava mais, mas em outra ocasião eu passava em silêncio total para ouvir uns acordes de violino que vinha do interior da casa dando um clima suave ao ambiente em contraste com a sua pessoa, mas o incrível é que essa senhora tinha uma outra casa na rua das bonecas a 200 metros de onde eu morava, ao lado da residência do Sr José Silva e D^a Malvina, pais de meu amigo de infância Zé Alberto, grande inventor de brinquedo, quem fazia os nossos brinquedos éramos nós mesmos. Era uma casa modesta como a maioria das casas da rua e vivia constantemente fechada até que um belo dia chegou uma moradora, houve um certo frisson na rua quando souberam que era outra francesa Madame Jaqueline, este era o seu nome. Com a chegada dessa senhora a minha vida mudaria nos próximos três anos, como os senhores verão no decorrer de história. As pessoas de nossa rua ficaram penalizados pois era uma mulher sozinha e devido a sua condição física, ela era paralítica e se locomovia em uma cadeira de roda, mas verificou-se que apesar da sua aparente fragilidade era uma mulher de temperamento forte e estaria ali só de passagem pois ela tinha proteção daqueles moradores do caminho da praia e que iriam construir uma casa para ela próximo à Praia da Areia Preta, apesar do problema físico ela exercia a profissão de massagista era tão ágil que tinha até um verdadeiro ferramental. Tinha serrote, formão, esquadro e até uma furadeira de mão, mas ela precisava de uma pessoa para apanhar a sua refeição no Hotel Guara, minha mãe que tinha se aproximado dela disse que tinha essa pessoa, eu, Benedito Carvalho, que tinha um pouco de medo da francesa da praia ia cair nas mãos de outra. Antes de prosseguir quero dizer que o hotel Guara substituiu o antigo hotel Balneário que era próximo ao porto e pertencia a dona Maria casada com o Sr Aprígio, um coronel reformado do exército, por isso era conhecida por todos como D^a Maria do Sr Aprígio. Minha mãe levou-me à madame e disse que eu entrava no colégio às 8h e saía às 12h e que ficava na mesma rua do hotel, portanto não haveria prejuízo para os estudos, ela me olhou procurei não baixar os olhos, fez uma série de exigência e uma que eu jamais esqueci, disse: "quero que você quando chegar bata na porta e diga Madame, eu abrirei e ao entrar se estiver um casal na minha sala diga, senhoras e senhores meu cordial bom dia, meu cordial boa tarde" cumprimentava todos quando chegava e só me embaraçava um pouco quando minha mãe estava presente, aí ela dizia, sai e faça novamente. No dia seguinte a apresentação começou a minha tarefa, pela manhã apanhava o vasilhame na ida para o colégio e deixava na cozinha do hotel, na volta ao meio dia tornava ir no hotel pegava o vasilhame e deixava para madame, logo o

meu trabalho ia aumentar pois ela escrevia e recebia muitas cartas. Almoçava e voltava na casa dela para levar as correspondências ao correio. Todo dia tinha que verificar se tinha carta para ela, nessa época não tinha carteiro, só se entregava em casa telegrama. Aproveito para informar, com muito prazer, que o primeiro carteiro de Guarapari foi o Sr Deusdete Santana, uma das melhores pessoas que eu conheci. Passaram-se seis meses e a casa da madame ficou pronta na praia da areia preta, naquele tempo era um local descampado com pouquíssimas casas. No dia de sudoeste, mar bravo, barulho das ondas, dia nublado às 14h parecia que era noite, não se via uma pessoa na rua. Meu trabalho ia aumentando, já ficava de 3 a 4 horas por conta dela, conversava muito, no tempo que não se falava em ecologia, preservação ambiental ela já se preocupava com o corte excessivo de árvores, era uma protetora dos animais e criticava muito as crateras feitas para a extração de areia para as construções que já se deslanchavam. Ela estava a 10 anos à frente do seu tempo, mas tudo que tem começo tem fim, houve o dia do desentendimento, um belo dia ela me mandou olhar no espelho e disse "você está parecendo o diabo" eu respondi a ela, larguei o que estava fazendo, bati a porta com força e fui embora, foi a última vez que a vi, mas meu trabalho não se encerraria ali. Falei com minha mãe que não voltaria mais na madame, pode ir lá falar com ela, minha mãe foi até lá e ela disse que tinha sido uma bobagem e que não podia ficar sem o meu trabalho. Ela fabricou uma caixa com uma tampa de correr que foi colocada no canto da varanda e todos os dias eu ia sem fazer ruídos, apanhava o vasilhame, à tarde retornava com a refeição, colava na caixa, ia ao correio trazia as cartas, colocava na caixa, isso durou mais ou menos 8 meses, até que um dia encontrei um bilhete lá no fundo da caixa onde dizia "Benedito, diga a sua mãe para vir na minha casa com urgência", pensei o que é dessa vez, mamãe falou "o que foi que você fez" eu falei que nada. Minha mãe foi até lá e quando voltou disse que a madame falou que eu não preciso mais voltar lá, fiquei sentido pois já tinha 8 meses que não a via e não a veria mais que dessa viagem ela não mais voltou. Tenho certeza que todas as vezes que entrava na varanda ela me olhava através da veneziana. Meus amigos, quem fez esse mundo fez bem feito e não precisou de ajuda, mas gostaria de pelo menos por alguns minutos voltar no tempo e dizer algumas palavras a essa francesa admirável... como ela ficaria feliz... o Pátio dos milagres, a Prisão do templo, a Praça da greve, o Jardim da Tulheria, a Abadia de Momatre, a Bastilha, o Louvre, a Ponte nova do Bearnés

Henrique IV, tudo isso ao som do sudoeste assoviando e encrespando as águas da praia da areia preta.

OBS: Peço desculpas por utilizar essa foto que já foi postada anteriormente, mas ela está rigorosamente dentro do texto, a casa da madame Pax e a quarta da esquerda para a direita. Uma pergunta despreziosa, mas significativa, por que nenhuma família genuinamente de Guarapari teve acesso a um terreno de frente para praia?

A imagem, à qual o autor se reporta, mostra uma Guarapari ainda pouco explorada pelo mercado imobiliário.

Figura 25-Terrenos de frente para a praia do meio e castanheiras no antigo caminho da praia. A casa que está com uma seta à caneta é da Madame Pax



Fonte: Guarapari memórias, página na rede social do Facebook

Pedi que os professores fossem se apresentando e compartilhassem algo sobre suas práticas que estivessem conectadas a toda essa conversa inicial. Tínhamos ali professores do nível do fundamental I e II, a maioria professores alfabetizadores, mas todos atuando no momento com as séries iniciais do Ensino Fundamental. A maioria residia em Guarapari e declararam gostar de morar na cidade. Alguns não nasceram no município, mas moram nele, já há muito tempo. Uma docente

declarou que já morou aqui, mas que hoje reside na vila de Iriri, em Anchieta. Uma professora começa a conversa com a seguinte narrativa:

É impressionante! Como é bonito e gostoso estudar e pesquisar. Que bom para quem tem essa oportunidade, né? Mas a maioria de nós, professores, estamos no cotidiano das escolas.

Essa narrativa da professora me faz lembrar uma pergunta sobre a qual devemos refletir, sempre que a ouvirmos:

Que ambiente é esse que repudia aqueles que vêm das margens e os utiliza e os quer apenas, ou melhor dos casos preferencialmente, como informantes generosos, de pesquisas que serão publicadas em revistas Qualis e com um pouco de sorte e de lobby institucional os resultados chegarão aos cadernos de cultura dos jornais ou às revistas de divulgação científica? (REIGOTA, 2010, p.3).

Sempre muito amorosa, a professora cumprimenta a todos da sala virtual agradecendo à participação da sua equipe e saudando os professores da qual ela já teve oportunidade de conhecer e atuar. Ela complementa:

Depois da história contada pela Olga e respondendo por que as pessoas tem privilégios de morar na beira da praia, Fagner já respondeu isso né? “Quem é rico mora na praia, mas quem trabalha não tem onde morar”, não é? e eu, quando a Olga me procurou, até conversei com ela sobre isso: a questão do lixo. Quando ela mostrou aquela montanha de lixo em uma foto, eu disse a ela que eu conheci uma pessoa lá no bairro Santa Margarida. E eu morei 24 anos no centro da cidade, e agora eu moro na Praia do Morro. Eu estava no bairro Santa Margarida num dia de quarta-feira e eu vi que as pessoas começaram a correr, abrindo os portões, aí perguntei: gente o que é isso? Era gente correndo para a rua porque era o dia do lixo, aí elas diziam : “hoje é o dia do lixo, senão colocar o lixo hoje, o lixo vai ficar dentro de casa, e se não colocar o lixo logo cedo na rua , fica, pois o caminhão não leva, mas foi aquela loucura, todo mundo abrindo os portões fazendo aquela montanha de lixo, parecia um desenho animado, aí vinha os cachorros rasgar e ficava aquela confusão aí eu falava: “mas gente, no meu bairro, na Praia do Morro, o (caminhão do) lixo passa todo dia, passa o reciclado todo dia , passa coleta seletiva e a pessoa respondeu: não, aqui só passa dia de quarta-feira.

Essa narrativa da professora nos conta uma realidade já antiga de Guarapari: a coleta de lixo comum nos bairros de periferia é feita 3 vezes na semana por uma empresa chamada CODEG (Companhia de Melhoramentos e Desenvolvimento Urbano de Guarapari). No centro e nos bairros considerados nobres, a coleta é feita de forma diária. A coleta seletiva em Guarapari é feita em locais chamados pontos de coleta.

Figura 26- Acúmulo de lixo no bairro Itapebussu



Fonte: Arquivo pessoal

A professora continua a narrar:

Aí a gente vai para o cotidiano da escola com a pergunta da Olga. Como a gente trabalha essa questão de cidade saúde? como a gente problematiza isso na escola, pensando naquela educação de perguntas e questionamentos. Porque é que só Praia do Morro, Centro e algumas localidades tem esses benefícios da coleta diária, entre outros serviços públicos né e as periferias não? Então, como esses assuntos são tratados no interior da escola? Então é muito pertinente essa temática da Olga e

eu estou muito feliz de estar participando e é um desafio nosso trazer esta educação mais problematizadora com mais questionamentos e menos respostas prontas.

A narrativa da professora é algo que, como disse no primeiro capítulo, motivam as questões que orientam essa pesquisa. Ao mesmo tempo, evidencia que o questionamento é algo fundamental e parece ter sido esquecido da nossa práxis educativa. No livro “*Pedagogia da pergunta*” Freire (2013) nos remete a pensar que atualmente o ensino é saber e não é pergunta. Ele diz que tanto os alunos, quanto professores parecem ter se esquecido de que todo conhecimento começa com uma pergunta. Ele chama de “castração da curiosidade”.

Figura 27- Acúmulo de lixo no bairro Sol Nascente, onde fica localizada minha residência



Fonte: arquivo pessoal.

Essa realidade da Praia do Morro que a professora comentou, de ser recolhida todos os dias, e da coleta seletiva, é a mesma realidade que eu tenho aqui em Iriri, porém, eu morei de 2018 a 2019 no Aeroporto. Eu aluguei uma casa aí por questões pessoais e eu vi e tive a mesma reação da professora. Por que que as pessoas corriam para botar o lixo né? Inclusive, eu fui advertida por vários vizinhos por deixar o lixo todos os dias na porta, né? Porque os cachorros rasgavam as sacolas, até eu entender o

que estava acontecendo. Aí eu fui, pesquisei, busquei a rota, né? De recolhimento de lixo da região e vi que naquela região tinha dias também. Você tem que guardar o seu lixo pra depois ele ser recolhido. E aí a gente tinha alguns problemas de saúde. Na localidade, aparecem insetos que não deveriam ter né? Na nossa casa por conta desse acúmulo (risos) de lixo. Isso está interligado com a mesma questão que a professora levantou, né? Das pessoas que moram na beira da praia né? Envolve a questão econômica, comercial né? E envolve o local onde a pessoa vive, se é um local comercialmente né? O valor aquisitivo ali maior vai ter um olhar diferenciado até por conta do turismo também né? Fotos que as pessoas tiram, o local tem que estar mais asseado, tem que dar uma outra aparência. E isso acontece em todos os municípios né? Mais, quando se joga isso para o cotidiano da escola fica bem evidente na questão dos hábitos das famílias né? Quando nós vamos trabalhar aí alguma coisa parecida com coleta seletiva, fazemos um projeto com os alunos... ...alguns alunos eles até trazem o material reciclável, mas ele tem um outro olhar para aquilo ali na questão de sustento. “Eu pedi meu pai pra pegar umas garrafas descartáveis pet dele, pedi pra trazer porque eu quero participar da gincana da escola, mas ele deixou de vender para eu trazer aqui”. Então assim é um outro olhar que ele tem para a coleta seletiva. Na realidade não existe no local em que eles moram, mas eles estão ali participando, é a questão da aprendizagem significativa, o que significa aquilo pra ele ali, né? Então é uma abordagem que nós temos que fazer diferenciada com os alunos devido essa diferenciação de bairros, situações vivenciadas por eles né? E por nós também, que às vezes nós mesmos temos que fazer pesquisa para entender o que o aluno está pensando, porque você não vivenciou aquilo, e você vai trazer você acha que está trazendo algo que é comum a todos e na realidade não é. É bem complexo né essa situação, mas é uma ...reiterando o que a professora falou é uma situação que deve ser discutida mesmo.

Como é importante que o professor olhe para o que está colocado nos livros, nos currículos e tenha a sensibilidade de entender a realidade e o contexto de vida do seu aluno. A fala desta professora coaduna com os dizeres de Freire (1996) de que a prática docente perpassa à questão de conteúdos, mas leva em conta a ética, preparação científica sem arrogância, respeito ao saber do educando, o saber da sua experiência. Além disso o posicionamento do professor deve ter coesão com quem falo, escrevo e faço.

Olhando essa questão do lixo nas escolas aqui no nosso município, não sei se você pegou essa época né? Que com a pandemia parou. Existiam as mostras literárias, e ainda tem essa cultura, agora nem tanto devido à pandemia, por exemplo Semana do Meio Ambiente aí começa os professores: Ah, vamos fazer não sei o quê e brinquedinhos fazer e faz exposição! Gente eu, assim sempre fui muito contra, porque o tanto de lixo que uma escola gera com isso é uma loucura gente! Vocês não têm noção! Tanto com os reciclados né? Ou coisas para serem recicladas e você faz os brinquedinhos, e você faz cartaz e usa E.V.A e não sei o quê! Isso é porque está trabalhando meio ambiente! (risos) então são posturas assim, faz o que eu falo, mas não faça o que eu faço! Até mesmo na internet, nos outros municípios, a gente acompanha né? As exposições, aquele monte de coisa, gente é muito lixo! As mostras literárias, teve uma época que aqui tinha uma disputa no município, qual a escola e tinha professor que até pagava para fazer painel e pagavam para fazer não sei o quê e era roupa de não sei o quê, aí ficava duas horas, três horas né? E depois aquilo ia pra onde? Então essa é uma das questões que a gente tem que ter esse cuidado, enquanto professores, enquanto educadores de estar tratando com esses assuntos que não adianta eu pregar uma coisa e fazer outra. Não sei se os colegas concordam, né?

A narrativa da professora denuncia, de fato, uma angústia nas escolas em relação a estes eventos. São eventos onde as crianças e os pais participam e realmente são trabalhos muito bonitos e enriquecedores, porém o acúmulo de materiais e a falta de destino correto dos materiais traz a problemática sobre qual destino irá todo este material que na maioria das vezes se torna sucata.

A escola parece cair numa contradição, como nos explica Machado (2019) que apesar do crescimento da educação ambiental, a escola ainda apresenta dificuldade de tratar com temas como, por exemplo, destinação imprópria do lixo e pouquíssima participação da escola em atividades comunitárias. E uma pesquisa, neste artigo do autor comprovou literalmente esta dificuldade.

Outra professora tomou a fala e prosseguiu:

Então, gente, eu quero fazer um adendo a fala da professora. Eu acho que essa questão do lixo aí é meio que cultural também, não é? como qualquer outra

questão, porque a professora citou aí o bairro que ela mora que é a Praia do Morro que é vizinho aqui do que eu moro em Muquiçaba. O pessoal corre para jogar o lixo para o coletor passar e pegar. Eu observo aqui na minha rua, que o pessoal, o carro ou o coletor passa mais ou menos 21h30min. Às 21h35min. tem vizinhos que vão lá e colocam lixo e... instantes depois, cinco minutos depois que o carro passou, aí a pessoa vai lá e coloca o lixo. Então eu acho que é muito uma questão também da cultura do lugar, porque a Praia do Morro ali para Muquiçaba já tem essa diferença. Esse outro olhar aí. E complementando também a fala da professora eu acho que essa questão é pertinente. Eu trabalho nas duas redes: Viana e Guarapari. Viana fez essa ...Incluiu no currículo os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) né? Que é muito pertinente, então assim se evita ao máximo o uso de E.V.A e coisas que degradem o meio ambiente, então assim a gente está passando para o aluno aquilo que a gente está orientando os alunos na formação deles. Então só fazer essa inclusão nas duas falas.

A professora coloca uma situação, né? Da comunidade, consciência do menino e qual o sentido de você trabalhar essas questões de reciclagem, reaproveitamento com o aluno porque ele tem esse foco né? De coletar latinha e pets para renda familiar e a escola trabalha naquela questão de preservação né? o foco é diferenciado também. O menino não tem essa consciência de preservar a coleta porque é a renda familiar também.

E aqui, falando ainda da questão da coleta do lixo, eu moro aqui na avenida praiana, aí daqui a um pouquinho, mesmo como tem a questão do lixo está no horário, muitos prédios, condomínios então, tem a norma do condomínio de botar o lixo para fora tal hora, então dificilmente os prédios e condomínios vão colocar o lixo depois né? porque tem a norma. Antes do carro da coleta do lixo passar, passam os coletores, os recicladores com a carrocinha para pegar papelão, latinha e é aquela barulhada e até o caminhão de lixo passar é uma barulhada na rua, então tem todo esse processo aí de... da coleta né? o pessoal que sai dos bairros e vem fazer coleta de reciclados em Muquiçaba, na Praia do Morro, enfim. Os projetos pedagógicos, a outra professora pontuou muito bem. É a questão principal também, acredito, que de Olga também. E como que a escola vem trabalhando essas temáticas? É só no dia 5 de junho, no dia do meio ambiente? Aí vem a fala da professora S. né, foi, é uma visão equivocada. Na ocasião, inclusive estava na Secretaria e a gente discutiu muito isso né? Eu, particularmente, gente, eu odeio E.V. A. Mas assim, é uma coisa minha, porque

trabalhando a questão de arte, Olga foi minha aluna, a gente trabalhava muita questão de produção do aluno. Então desde a educação infantil, e entendam, eu não estou aqui indo contra, é uma cultura nossa. Nós aprendemos. Quem fez a escola normal, aprendeu a fazer assim, os modelinhos. É a nossa prática, é nossa cultura e é a nossa formação, né? Trabalhar um modelo, então modelo material é ótimo para modelar é o E. V. A. Então a gente faz tudo muito bonito, isopor, maquetes, a gente perdeu muito isso. Eu mesmo há um ano e pouco atrás trabalhava disciplina metodologia do ensino de história e Geografia e mandei aluno fazer maquete, igual uma doida (risos) era maquete do Radium hotel, maquete do morro da pescaria, tudo lindo! E depois teve que recolher a exposição. Gente, eu não vou trabalhar mais isso não! Tudo muito bonito para quê, pra virar lixo depois? Eu estou produzindo lixo. Não é com o objetivo de produzir uma maquete que vai pro museu que vai pro morro da pescaria para ficar lá exposto. Qual é o objetivo disso?

Na narrativa da professora, que distingue a percepção do aluno em relação aos materiais descartáveis, está interligada mais com o sustento, do que com a preservação. Vemos a sensibilidade da professora em como apresentar esta temática relacionada ao meio ambiente em sala de aula. Ela considera o diálogo e a realidade que o estudante vivencia.

Enquanto subo o morro do bairro em que trabalho, que é considerado de periferia, sensibilizo-me com as questões sociais daquela comunidade. Lembro da primeira leitura que fiz de Freire, no livro *“Pedagogia da autonomia”*. Uma parte que tive que ler em lágrimas nos olhos, onde ele relata que caminhava com um jovem educador popular e, que:

[...] enquanto andávamos pelas ruas daquele mundo maltratado e ofendido eu ia me lembrando das minhas experiências de juventude [...] tropeçando na dor humana, nós nos perguntávamos. Que fazer, enquanto educadores, trabalhando num contexto assim? [...] Que precisamos nós, os chamados educadores, *saber* para viabilizar até mesmo nossos primeiros encontros com mulheres, homens e crianças cuja humanidade vem sendo negada e traída, cuja existência vem sendo esmagada? (FREIRE, 1996 p. 74).

O que nós professores estamos fazendo com o nosso saber? Será que esse saber se interessa em apenas cumprir um currículo, perpassar somente os conhecimentos hegemônicos para no final a escola passar por uma avaliação de

escala nacional ou estadual para atender aos índices do mercado? A favor de quem o meu **saber** tem se posicionado? lutado?

A narrativa da professora comunga também com a ideia de preservação, que é algo que precisamos questionar e refletir. O que é a natureza preservada? Qual a lógica (se é que existe!) em preservar determinados locais. Analisada por Reigota (2009, p.47) o autor propõe que a natureza conservada não deve ser apresentada como modelo, já que no cotidiano, sociedade e natureza sofrem permanentes transformações.

Assim, como já tivemos em épocas aí, parcerias com a Samarco, de escolas participando de projetos de meio ambiente. A escola faz a pedagogia da vitrine né, que aqui a gente coloca uma crítica. A escola faz projetos maravilhosos, vão lá ganham um prêmio, como foi o caso de uma escola que ganhou o prêmio x. Aí a escola foi passear na Samarco receber o prêmio. todo mundo recebeu um lanche. Acabou de lanchar, tinha latinha no chão, papel no chão. Qual a aprendizagem disso né então? A gente critica isso aí. É o que a professora coloca. Essa Pedagogia da vitrine. Você faz toda essa competição para expor, mas quais ensinamentos realmente ficam? O que nós estamos passando? Essas narrativas, essas experiências estão sendo contempladas na escola? Então, assim é um tema muito pertinente este.

Visitando a SEMED (Secretaria Municipal de Educação de Guarapari) conversei com uma pessoa responsável pela gerência de projetos educacionais, já que não existe um setor específico para a Educação ambiental. Perguntei pelos projetos envolvendo a Educação ambiental, para investigar as iniciativas e as promoções de educação ambiental oportunizadas pelo município.

De início, como professora de educação Infantil, quero dizer que, desde que fui efetivada em exercício para o cargo do magistério, não presenciei nenhum projeto específico para essa área de ensino. Podemos dizer que a educação ambiental fornecida pela SEMED é uma educação ambiental terceirizada advinda de projetos externos, conforme relatarei a seguir.

O primeiro projeto é o “**REDE ESCOLA AÍ**”, apoiado pelo Governo Federal e um consórcio de empresas privadas que têm como princípio envolver a comunidade local. Este projeto visa soluções para os desafios da escola e comunidade de maneira colaborativa. As atividades precisam ser lúdicas e que gerem comprometimento voluntário.

Ao pesquisar na internet, encontrei uma das escolas que assumiram a proposta deste projeto. Várias escolas foram premiadas no município de Guarapari. Os prêmios costumam ser vale livros, passeios coletivos, lanches e oficinas. Os temas são livres de acordo com as necessidades de cada escola. Em algumas fotos é possível ver alunos pintando postes e muros, com dizeres sobre meio ambiente. Isso, além de ser um tipo de poluição (visual) em geral, surte pouco efeito.

Figura 28- Alunos pintando muros



Fonte (Rede Escola aí, 2019)

Outro projeto é o **AGRINHO** do SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) que possui foco nas escolas do campo. É um programa do Sistema FAEP, que resulta da parceria entre SENAR- PR, FAEP, o governo do Estado do Paraná, mediante as Secretarias de Estado da Educação e do Esporte, da Agricultura e do Abastecimento, da Justiça, Família e Trabalho e do Desenvolvimento Sustentável e do Turismo tendo colaboração das Prefeituras municipais e diversas empresas e instituições públicas e privadas.

Essas parcerias permitiram que o programa viesse a ser o maior programa de responsabilidade social. De acordo com Santos e Castor (2020), o Agrinho é um

[...] programa de responsabilidade social do Sistema FAEP, que incentiva a prática da EA, apostando na compensação do aluno que demonstrar o melhor trabalho, através de desenho, texto dissertativo e crônica. O Programa tem uma proposta de EA crítica, onde colabora com recursos audiovisuais que propõem práticas pedagógicas dinâmicas, flexível e adaptável. No entanto, na escola pesquisa, o envolvimento no programa, dentre as turmas do ensino fundamental de 1º ao 5º ano, só envolve os professores de 4º e 5º anos, não envolve as outras turmas.

Os autores, no entanto, fazem uma crítica ao programa, afirmando que “Além do projeto Agrinho não alcançar a escola como um todo, sua realização restringe-se a um trimestre” (SANTOS e CASTOR, 2020).

Outro programa é o **ECOVIVER** que foi elaborado pelo Ministério do Turismo e o grupo “EcoRodovias”. Criado em 2006 traz a cada ano projetos que visam ações de transformação socioambiental. Essas ações devem acontecer nos entornos da comunidade escolar que adere ao programa e estão relacionadas as chamadas ODS-Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, tendo com inspiração o documento “Educação para os objetivos de Desenvolvimento Sustentável e mostras artísticas como o teatro. No ano de 2020 o tema foi trabalhar segurança viária e sustentabilidade. No final a escola participante também é premiada. Também é um projeto que só participa a gestão escolar que tem interesse de leva-lo para a escola. Cada professor recebe um caderno como guia metodológico e também uma “eco bag”.

O problema aqui não é somente este da fala da professora e também não é o fato de os projetos não contemplarem todos os níveis de ensino, em todas as escolas. O que devemos refletir e analisarmos é: qual será o verdadeiro “projeto” ambiental que os discursos hegemônicos advindos de grandes empresas e corporações insistem em propagar na roupagem de “sustentabilidade” e “preservação”?

Uma proposta de resposta é que a institucionalização da Educação Ambiental, hoje normatizadas em forma de documentos, leis e decretos que conseguiram, de fato, mascarar a violência e a injustiça ambiental produzidas por uma lógica de mercado que financia grandes mineradoras, setor petrolífero, agronegócio, construção civil que atingem os menos favorecidos, os povos ribeirinhos, povos originários, além da retirada de populações de seus territórios, entre outras problemáticas existentes nas periferias das cidades. E a escola? E o local onde se desemboca essa problemática toda disfarçada de cidadania? Assim,

[..] que a função principal da institucionalização é que o Estado e a legalidade capitalista, por sua normatividade, amarram os desiguais e diversos (elementos sociais concretos) sob o manto da igualdade perante a lei (princípio abstrato). Realidade essa que não foi devidamente questionada ou problematizada durante os governos progressistas, o que resultou na perpetuação de injustiças ambientais e sociais que se mantém a mais de 500 anos (MACHADO; MORAES, P. 53, 2019).

É... assim é tudo pertinente que foi falado. Mas eu vejo assim, por trabalhar numa experiência de Ensino Fundamental é de estar preocupada com o Meio ambiente da

escola. O que eu posso fazer dentro da minha escola porque a partir daí ele vai levar para casa. A limpeza da sala. O cuidado com o material dele. Nisso daí ele já vai perceber que é diferente. Na minha casa também eu tenho que fazer e cuidar. E falar também sobre a beleza de Guarapari, tudo que é belo tem que ser cuidado. Porque se não vai estranhar. Quando eu vou caminhar, onde que eu vou jogar o meu lixinho? Onde é que eu vou guardar? Porque a partir daí... e tudo leva ao pensar. Eu sempre falo com eles, o que que eu posso fazer? Dentro da minha sala, o que que vocês fazem na casa de vocês? O que vocês fazem quando saem? Guarapari é uma cidade que tem lindas praias. O que que eu faço para cuidar da minha praia? Porque para falar de lixo e tudo isso, eles não vão ter a noção. Porque tem bairros que nem carro de lixo passa, ou passa uma vez por semana, eles não têm essa noção, mas o cuidar têm. Eu penso sempre desse jeito. Porque eu tenho um filho também que é adolescente falo com ele sobre o cuidar. Como que eu posso cuidar da pessoa que está do meu lado. Como que eu posso cuidar do lixo que você produz? O que você faz é tentar entender o que outro pode fazer por você? Eu penso desse jeito.

Como não lembrar de Freire nesta fala? Ele acreditava em uma concepção progressista da educação, um aspecto que coloca no processo educacional a crença para o entendimento da realidade histórico-social e, assim, professores e alunos podem exercer na sociedade uma função de transformadores sociais. Ele sempre acreditou na importância do diálogo amoroso e que o princípio maior é o amor profundo pelo mundo e pelos homens (FREIRE, 1987, p.45).

Já que a professora tocou neste tema da mostra literária e nós também trabalhamos lá na creche nós fizemos diferente, usamos esses materiais, porém depois utilizamos ainda na sala de aula. E eu achei muito interessante, nós tivemos esse olhar. Não fazer aquela coisa bonita só para depois jogar fora. Fizemos jogos que, depois, daria para usar na sala com as crianças. Brinquedos para trabalhar cores e outros temas, e aí conseguimos fazer um trabalho assim aproveitando né? esse material que seria jogado fora? E utilizamos eles o ano todo. Para falar a verdade tem até material que tenho até hoje. Então, é vendo por esse lado, se a gente conseguir trabalhar né, com essas coisas assim e colocá-las na nossa produção no nosso trabalho, no dia a dia acho até viável sim, tem um jeito de transformar, isso que seria lixo em uma coisa útil para sala de aula.

É, eu também gosto muito deste tema, meio ambiente. É um tema que eu gosto muito de trabalhar e nós fizemos um projeto bem bacana lá na escola, em 2016, eu nem lembro se você estava lá, mas nós levamos as crianças para ver essa questão do lixo, porque às vezes a gente fala dentro da sala de aula, e eles não têm uma noção. Assim, não conseguem. E, de uma forma muito abstrata, então nós vamos com eles no concreto, para eles verem o lixo acumulado, o lixo jogado na rua, a lagoa que tem perto da nossa escola. Então, assim, trabalhar essa questão do meio ambiente é muito válido, porque realmente, é transformador mesmo. É aquilo que professora falou. Depois eles levam para a casa deles esse conhecimento. Então eu trabalho. A gente gosta bastante de trabalhar essa questão do meio ambiente. Também detesto essa questão do E.V.A. eu procuro trabalhar com papelão, este material que pode reutilizar. Esse material que conseguimos reutilizar mesmo né? os materiais para eles poderem aprender a trabalhar essa questão do meio ambiente é muito válido. Porque realmente é transformador mesmo né? Então é um tema muito interessante.

Gente me corta que eu falo demais, hein! Olha só, outro ponto que eu acho interessante a gente falar e acredito que seja pertinente é com relação ao primeiro até o quinto ano do fundamental. O infantil realmente tem essa cultura, mas estamos vencendo de produzir muita coisa para essas feiras, essas mostras. E agora o fundamental 2 a gente tem que ter falado nas feiras de ciências, as famosas feiras de ciências e eu já participei de muitas, já vi muitas produções interessantíssimas. Mas aí fica aquele questionamento: Gente depois que acabou a feira de ciências, cadê tudo que foi criado? Então, até em conversas com colegas a gente defendia o desdobramento daquela feira de ciências. Nessas feiras você vê o projeto que escolas fizeram de captação de água da chuva para molhar a horta da escola, tanta coisa bacana que a gente vê que os meninos produzem, mas isso se perde só naquela exposição. Depois aonde foi aquele projeto da captação da água? será que isso não poderia ir para uma coisa macro? Não é o próprio município que deveria aproveitar de algum projeto e implementar numa comunidade? Então, parcerias assim, da educação com uma Secretaria de agricultura para a Secretaria de meio ambiente. Você vê muitos projetos que os meninos criam junto com os professores de ciências e que esses projetos morrem na feira de ciências. Então teriam que ser projeto aqui

para serem levados avante. Assim a própria, a própria comissão da escola ou do Secretaria acompanhar a longo prazo. Seria uma das etapas né, dessa premiação, dessa feira o desdobramento desse projeto no cotidiano da escola ao grupo da tal escola x que criou o Sistema de captação de água da chuva, tá aqui funcionando, mas a gente só vê aquele momento estanque. A gente vê cada coisa linda que os professores fazem com os alunos, é cada coisa de louco! Mas aquilo morre na feira de ciências. Acabou a feira? acabou. Então vamos voltar ao livro, vamos voltar a estudar aqui de verdade. Tipo isso né? Não leva em frente, morre o projeto. Então é pensar nisso também. O conhecimento para a vida. Então vamos levar para própria escola e estendendo para a comunidade. Como é que a gente consegue vencer isso? Só a cultura da apresentação? fez e pronto? Não né é ir a frente disso, conseguir um patrocínio para ampliar esse projeto? Implementar mesmo.

As contribuições das narrativas demonstram a potência do professor que percebe a realidade e consegue por meio da colaboração das diversas redes, da sensibilidade com o outro, desmascarar falas emitidas por esta política vigente atual, na qual predomina a ideia de que somos doutrinadores, e tantas outras falas que lançam uma imagem negativa sobre o nosso papel.

Esse debate coincide com a questão da pandemia, que, essencialmente, é uma questão ecológica global, que soma com outras problemáticas que estamos vivenciando seja em escala nacional, estadual ou municipal, e como isso tem afetado a escola, as aprendizagens, o nosso modo de fazer e, também, nosso modo de estar no mundo. São falas denunciativas que não conseguem, muitas vezes, chegar até os currículos oficiais, mas como diz Alves (2019) chegam até o estudante e as nossas redes, mudando aquilo que é 'aprendidoensinado', por tudo que cada um vive 'dentrofora' das escolas.

No próximo capítulo, as narrativas dos docentes darão lugar às narrativas das areias de Guarapari. Essas narrativas procuram abranger mais de um século de acontecimentos, desde as primeiras autorizações do governo para exploração das areias monásticas até as questões mais recentes envolvendo o mercado imobiliário.

3 DA EXPLORAÇÃO DAS AREIAS MONAZÍTICAS AO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NA “CIDADE SAÚDE”: ‘IMAGENS NARRATIVAS’ VEICULADAS PELA MÍDIA LOCAL.

*Quer viver o sonho lindo
Que eu vivi?
Vá viver a maravilha
De Guarapari. (...)*

*Pelas suas noites claras,
A lua serena
Vem brindar os namorados
Na areia morena.*

(Hino oficial do município de Guarapari- ES).

Figura 29- Imagem das areias monazíticas, em Guarapari- ES, popularmente chamadas de “areias pretas”, o mineral dá nome à Praia da Areia Preta, na cidade.



Fonte: Arquivo pessoal

Este capítulo aborda as ‘*imagens narrativas*’ conforme o que é proposto por Nilda Alves (2015, p. 312), que defende a metodologia de pesquisa com os cotidianos

escolares como “possibilidade menos estruturada e formal de problematização dos cotidianos escolares”. No contexto da cidade de Guarapari – ES, tais ‘*imagensnarrativas*’ estão relacionadas à historicidade das areias monazíticas e entrelaçadas à história local constituindo na própria identidade da cidade: “cidade saúde”.

Para a escrita deste capítulo consultamos as imagens das seguintes fontes: Biblioteca Online do Instituto Jones dos Santos Neves (2019-2022), a revista “O Cruzeiro” (1949/1962/1963/1967), página do Facebook intitulada “Guarapari memórias” (2019-2022). Nessas bases, as ‘*imagensnarrativas*’ relacionadas às areias aparecem desde o início do século XX, quando o governo do Estado abriu concorrência para a exploração da areia preta⁴ em Guarapari, passando pela exploração das areias monazíticas para fins energéticos e bélicos, por volta das décadas de 1940-1950 (BRANDÃO, 1953). E, por fim, chegando ao final do século XX e atualidade, época em que as areias passaram a ser exploradas tanto para fins medicinais e como cartão postal para atração turística. (MELLO, 1970). Destacam-se, ainda, as ‘*imagensnarrativas*’ da atualidade que abordam os cotidianos atuais pelos vieses políticos e jornalísticos e científicos.

Nessa perspectiva, concordamos com Ailton Krenak, para quem, antes da Hipótese de Gaia⁵ existir, seus ancestrais já diziam ser possível “ouvir a voz das montanhas, dos rios e das florestas (KRENAK, 2020). Por este motivo, nada mais justo que elevar a voz de um dos principais sujeitos desta pesquisa: as areias monazíticas. Assim, é nesse entrelaçamento de narrativas, envolvendo finalidades políticas, bélicas, turísticas, medicinais etc., que Guarapari se construiu e continua a se construir como cidade em um contexto onde, por vezes, suas vozes são como o barulhinho suave das ondas do mar quebrando na praia, em outras, como uma ressaca de quem se revolta com a injustiça e a ganância humanas.

Desde o movimento literário do romantismo que Olavo Bilac afirmava “ouvir estrelas”. O interlocutor imaginário do eu lírico interpela: “Perdeste o senso!” e o eu

⁴ As areias pretas são assim chamadas por causa da ocorrência de monazita na região.

⁵ Segundo Leão, Maia (2010) a teoria de Gaia é uma concepção científica do sistema Terra, a Terra vista como autorreguladora com a comunidade de organismos vivos no controle. Ela foi desenvolvida principalmente pelo médico e cientista britânico James Lovelock.

lÍrico responde veemente: “Que, para ouvi-las, muita vez desperto” e, por fim, dá a fórmula:

*E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas (BILAC, 2002).*

Do romantismo de Bilac ao modernismo de Mário de Andrade a natureza continua falando com a humanidade. Em Macunaíma, o homem, as matas, os rios e os astros são todos uma única comunidade dialógica. O surrealismo andradiano suspende a lógica racional do capitalismo para pôr em evidência outra realidade, que, completamente fragmentada, reintegra homem e natureza a partir de uma interpretação mítica (BOSI, 2017, p. 376- 380).

Transpor esse dialogismo para a escrita científica também é uma prática recorrente, geralmente definida como “literaturizar”

Literaturizar a ciência se constitui, portanto, em um movimento de romper tanto com um sujeito anônimo de uma linguagem supostamente neutra, como de autorizações dadas para o falar ou escrever por alguém colocado em uma única posição (ALVES, CALDAS E ANDRADE, p. 32).

Assim sendo, comecemos por uma imagem muito significativa, de nosso arquivo pessoal que intitulamos “o menino olha para a praia”, conforme figura 30.

Figura 30- O menino olha para a praia.



Fonte: Arquivo pessoal

O que essa praia, e todas as outras de Guarapari, tem a contar para o menino que a olha com olhar contemplativo? É preciso, antes de tudo, refletir no que nos ensina Nilda Alves, literaturizar a ciência é um movimento que pretende ir além da “linha” e propor uma “tecitura” que encampe os cotidianos. Portanto, trata-se de um movimento para a pesquisa com os cotidianos (ALVES, CALDA e ANDRADE, 2019, p. 20).

Ao olhar para a praia, as areias têm muito a narrar ao menino. Mas, essa narrativa precisa ser suspensa da linearidade, precisa ser fragmentada e remontada, como faziam os cubistas e dadaístas⁶, para exprimir os seus vários sentidos. Se não é possível recortar as praias, talvez a sobrescrita de muitas versões da mesma história na mesma areia revele a efemeridade que dura um discurso no contexto da sociedade capitalista exploratória.

A primeira fala da areia ao menino remonta ao século XIX. Brandão, o jornalista da extinta revista Manchete, em uma matéria de 1953, explica que os problemas ambientais em Guarapari tomaram uma dimensão internacional a partir de 1898, quando os irmãos Aníbal Pereira Borges e Dioclécio Pereira Borges requereram o direito de exploração das praias da “Areia Preta”, no município de Guarapari. O governo, ao perceber a intenção dos irmãos, abriu concorrência para a exploração do lugar, e, com isso, a partir de 1900 começaram as exportações da areia para a produção de energia atômica.

- Quem foram os irmãos Borges? Perguntaria o menino, ao olhar silenciosamente para a Praia.

Pouco se sabe sobre eles. Algumas menções, no entanto, lançam luz sobre esse fragmento narrativo das praias do Espírito Santo, vejamos alguns “Em 1889, foram descobertas areias monazíticas e ilmeníticas no litoral capixaba pelos irmãos Aníbal e Dioclécio Pereira Borges, cujas exportações iniciaram em 1900 para a Alemanha com 600 toneladas” (TAKEHARA, 2015, p. 177). A autora menciona a fonte de onde retira a informação, à qual, também tivemos acesso.

⁶ O cubismo e o dadaísmo foram movimentos de vanguarda europeia. Dentre as suas técnicas, o recorte e a colagem tinham como objetivo propor várias interpretações de uma mesma imagem. Na escrita, pretendia-se que o automatismo colocasse em perspectiva a originalidade (BENJAMIN, 2012, p. 21- 36).

Tesch (1984) detalha a gênese da “descoberta” (exploração) da Areia Monazítica, no Espírito Santo. De acordo com autor, no século XIX, a Areia era exportada clandestinamente para Europa, sendo utilizada como “lastro”⁷ para os navios que passavam pelo estado. Mais tarde, os irmãos Aníbal Pereira Borges e seu irmão Dioclecio Pereira Borges registraram, oficialmente, a “descoberta” das areias pretas de Guarapari. E, já no ano seguinte, haviam enviado cerca de 600 toneladas delas para a Alemanha. Logo outras empresas passaram a explorar esse recurso mineral, estendendo suas ações mineradoras até o município de Itapemirim, no sul do estado. E, por cerca de três décadas, a exploração esteve voltada quase que exclusivamente para fins de exportação.

Figura 31- FJORD (Suécia) e MERCATOR (Noruega) ancorados no cais da MIBRA, navios cargueiros que transportavam areia monazítica para Estados Unidos e Europa – 1948.



Fonte: Guarapari memória, ([facebook.com/grupos/Guarapari memoria/](https://facebook.com/grupos/Guarapari%20memoria/)).

⁷ Lastro é o peso colocado no fundo do navio para evitar que ele tombe. Na engenharia naval, equivale a um contrapeso ao “mastro”.

Tesch (1984) ainda acrescenta que, as décadas de 30 e 40, do século XX, as exportações diminuíram em função da concorrência internacional. Isso ocorreu porque, as areias pretas da Índia eram mais ricas em tório que as areias de Guarapari. Mas, mesmo assim, na década de 1940 instalou-se em Guarapari a empresa Monazita e Ilmenita do Brasil Ltda (MIBRA) que adquiriu as jazidas dos irmãos Borges e passou a explorar o mineral, no litoral no Espírito Santo. Além da MIBRA, outras empresas, como Societé Minière et Industrielle Franco-Bresilienne, também exploraram as areias das praias de Guarapari interessadas na extração e produção de tório, um material radioativo que, naquele tempo (década de 1940) representava o interesse das grandes nações do mundo para a fabricação de armas atômicas, no contexto da Segunda Guerra Mundial.

Figura 32- Inauguração das instalações da MIBRA em Guarapari



Fonte: ICA-AtoM

Quanto a isso, outro pesquisador-viajante, Reigota (2015), no livro “Hiroshima e Nagasaki”, esclarece esse processo político e tecnológico na produção de bomba atômica. Em relação aos cientistas, aqueles que se dedicaram a estudar o átomo, radioatividade e a bomba atômica ganhavam prêmio Nobel, como ocorreu com Pierre Currie, Albert Einsten, Nielhs Bohr. Por outro lado, a bomba era considerada a arma mais potente, criando assim uma corrida armamentista entre vários países. Como diz

o autor: “além do potencial destruidor, estava carregada de símbolos: de potência política e militar, de desenvolvimento tecnológico e de domínio geoestratégico internacional” (REIGOTA, 2015, p. 16).

Reigota (2015) escreve este texto por meio de narrativas. Uma das narrativas neste livro feita pelo Sr. Pierre Tanguy, um ex-inspetor geral para a Segurança Nuclear, se expressa da seguinte maneira:

Em 1954...havia grandes projetos, nos quais a energia nuclear barata seria o motor do desenvolvimento de regiões pobres, onde a dessalinização da água do mar permitiria transformar as regiões áridas em terras cultiváveis, onde o nuclear pacífico traria soluções aos problemas de grande escala da sociedade da época. 1954 foi também o ano no qual se iniciou a cooperação internacional em pesquisa nuclear. (TANGUY apud REIGOTA, 20015, p.37-38).

Este relato é muito importante, pois traz à tona o motivo da exploração de elementos radioativos nas areias de algumas praias do litoral brasileiro, além de evidenciar toda a ideologia da época. O discurso dos militares em prol da segurança nacional sempre teve a intenção de estimular o pensamento do benefício da produção de energia nuclear com um forte discurso nacionalista e de racionalização de recursos.

Mas, essas areias têm muito mais a narrar àquele menino que, contemplativo olha o mar. Mesmo que o ir e vir das ondas da história possam apagar algumas das linhas traçadas nas areias pretas da praia, algumas continuam disponíveis e bem registradas.

A origem desta narrativa pode ser rastreada desde a obra “Guarapari: Maravilha da natureza” do Dr. Silva Mello que, na segunda metade do século XX, passou a divulgar a cidade de Guarapari como um lugar, que por suas próprias características naturais, promovia a saúde de seus habitantes, sobre isso, ele escreve

Verifiquei que o clima da região era excelente, havendo muita gente de idade avançada e de boa saúde, muitos habitantes falando das propriedades de Guarapari para o tratamento de determinadas moléstias. Eu encontrava na natureza o que conhecia de laboratórios e pude prever com absoluta segurança que essa dádiva da natureza, de incomensurável valor e ainda completamente desconhecida, teria um futuro de proporções inacreditáveis. (MELLO, 1971, p. 6).

Mais especificamente, Mello (1971, p. 99) menciona as areias monazíticas de Guarapari, chamando a atenção para a presença do elemento Tório que, por suas propriedades radioativas, segundo Mello, continham princípios medicinais curativas, especialmente para doenças reumáticas. Assim, Guarapari, divulgada por Mello como

“A maravilha da natureza”, passou a atrair pessoas de diversos lugares do Brasil e do mundo que vinham em busca da cura para seus mais diversos problemas de saúde. As narrativas das areias de Guarapari encontram em Silva Mello três momentos: o da esperança, em que o autor prevê e se entusiasma com as potencialidades da cidade espírito-santense; o esforço científico na legitimação do empirismo sobre as propriedades medicinais das areias pretas e, por fim, a gravidade crítica quanto a exploração dos recursos naturais e do espaço geográfico, de forma descomprometida e capitalista. Deixemos que, pela pena de Silva Mello, as areias narrem esses três momentos.

O momento de esperança, expresso na obra de Silva Mello (1971), começa nos anos entreguerras. Naqueles tempos poeirentos das estradas sem asfalto, da década de 1930, que Silva Mello chegou a Guarapari. O que desencadeou tudo isso foi uma breve descrição, ouvida de um paciente em seu consultório: “perto de Vitória, Clima maravilhoso, vida tranquila e primitiva, praias esplêndidas, região de coqueiros e peixe fresco” (MELLO, 1971, p. 2). Faltou, como o próprio autor nota, que esse paciente lhe falasse das areias monazíticas.

O interesse de Silva Mello pelas areias radioativas de Guarapari está relacionado a outras descobertas da época ainda do “colegial⁸”. Na introdução do livro, o autor conta de sua emoção ao ler sobre a descoberta do rádio (*radium*), em 1898, pela cientista polonesa Marie Curie (1867- 1934). A publicação que impressionou ao menino Antônio da Silva Mello (1886- 1973), estava publicada em um almanaque de 1904. Mello (1971, p. XV) diz ter lido em francês sobre a descoberta de um novo elemento químico que, por sua natureza, era “capaz de queimar sem se consumir”. Assim, pode-se dizer que Guarapari encontra no olhar contemplativo de um menino do século XIX a curiosidade de que necessita para se revelar.

De fato, o rádio, elemento 88 da tabela periódica, sofre uma decomposição muito lenta, perdendo cerca de 1% de sua radioatividade a cada 25 anos. Na medida em que esse decaimento avança, vai se transformando em outros elementos mais pesados até chegar ao produto final: o chumbo. Fora toda sua cientificidade, o decaimento do rádio serve bem como metáfora para obra de Mello (1971). Em uma proporção muito mais rápida, aquilo que era uma “potencialidade”, nos anos 30, vai assumindo uma característica menos luminescente nos anos seguintes até aparecer

⁸ Antiga nomenclatura para o que, na atualidade, passou-se à denominação de “Ensino Médio”.

como um lugar alienado de suas próprias características naturais nos “anos de chumbo”.⁹

A transição, contudo, entre os anos dos primeiros contatos com Guarapari e a triste constatação da realidade do que a cidade veio a ser, na década de 1970, há uma série de considerações que merecem ser discutidas. Para tanto, selecionamos alguns capítulos da obra “Guarapari, maravilha da natureza” com a intenção de representar essa realidade histórica literaturizada pelo Dr. Silva Mello.

É indispensável a essa narrativa o *Capítulo primeiro*. Como já adiantado no prefácio, o autor narra o porquê de sua primeira ida para a cidade capixaba, bem como os meios empregados para lá chegar (navio, do Rio de Janeiro à Vitória e carro, de Vitória a Guarapari). Ao chegar à cidade, mesmo constatando o que as narrativas de seu consultório afirmavam, é impactado com a presença de material radioativo nas areias. Sobre isso, escreve:

Eu havia sido assistente do Instituto de Radium de Berlim no decurso da Primeira Guerra Mundial, iniciada em agosto de 1914 e terminada em novembro de 1918. Publiquei então, em revistas médicas alemãs, trabalhos experimentais sobre os efeitos biológicos da radioatividade sobre o organismo animal, especialmente sobre o sangue e os órgãos hematopoiéticos. Por essa razão, conhecia bem os problemas da radioatividade, sabendo que as areias monazíticas eram radioativas, sobretudo pelo tório e outros elementos que deviam conter. Conhecia também o efeito que a radioatividade tinha sobre determinadas enfermidades, principalmente reumáticas, conforme estudos de Gudzent, então chefe do citado Instituto de Berlim, do qual era Wilhelm His o diretor. Verifiquei que o clima da região era excelente, havendo muita gente de idade avançada e de boa saúde, muitos habitantes falando das propriedades de Guarapari para o tratamento de determinadas moléstias. Eu encontrava na natureza o que conhecia de laboratórios e pude prever com absoluta segurança que essa dádiva da natureza, de incomensurável valor e ainda completamente desconhecida, teria um futuro de proporções inacreditáveis (MELLO, 1971, p. 6).

O que se segue a essa narrativa descreve não só a potencialidade de Guarapari, mas, sobretudo, a ética do autor. Quando se soube na cidade que ele era uma autoridade sobre o assunto, isto é, sobre as propriedades radioativas das areias, reuniram-se a ele, em uma praça pública, onde o doutor explicou detalhadamente o que viria a ser a cidade e suas circunvizinhanças, no futuro. Terminada a palestra,

⁹ Termo utilizado para descrever os anos da Ditadura Militar, no Brasil. O termo é emprestado do poema de Friedrich Holderlin intitulado “*Der Gang aufs Land*”, (*Passeio no campo*), no verso em que diz: “O dia está sombrio, dormitam as travessas e as vielas e quase me parece atravessarmos um tempo de chumbo”.

explicou que nada aceitaria da prefeitura como presente e ainda que a mesma regra deveria ser estendido a todos os seus parentes. Isso porque, como ele mesmo diz, não queria que sua fala fosse entendida como uma “propaganda” de “interesse financeiro”. Em outras palavras, queria evitar a especulação imobiliária.

O *Capítulo terceiro* acrescenta dois pontos notáveis para a narrativa das areias: a transcrição da carta do Barão d’Andrian e a publicação de um artigo sobre Guarapari, em um jornal do Rio de Janeiro, pelo Dr. Silva Mello.

A carta do Barão d’Andrian, traduzida por Mello, diz, logo no início: “Aqui me acho em tratamento. É uma pequena vila que logo gozará foros de cidade no Brasil e, quiçá em futuro bem próximo, uma das estâncias mais notórias das Américas e mesmo na Europa. Chama-se Guarapari!” (MELLO, 1971, p. 28). O Barão d’Andrian, era um embaixador da Áustria que, naquela ocasião (década de 1930) estava como diplomata no Brasil. Ao longo da carta, menciona lugares famosos da Europa por onde esteve e sustenta que Guarapari é para ele algo inigualável.

A motivação da carta era, sobretudo, demonstrar que as narrativas sobre a eficácia das areias iam além dos mitos sobre o lugar. Sobre isso, ele escreve:

Fala-se em casos surpreendentes de cura e tive a oportunidade de ver, com os meus próprios olhos, um funcionário da polícia que, ao chegar, arrastava as pernas amparado em muletas e, ao termo de três semanas, recobrou completamente a firmeza, caminhando normalmente (MELLO, 1971, p. 28-29).

O testemunho de d’Andrian vai além da observação.

Eu mesmo, velho e inveterado peregrinador das termas de maior renome da Europa, e sem resultados convicentes, senti já no oitavo banho conjugado de areia e de mar uma acentuada melhora no meu estado de saúde. [...] além de suas areias milagrosas, é um clima de uma amenidade sem par, sem os extremos de calor e de frio (MELLO, 1971, p. 29).

Quanto aos banhos de areia, conforme mencionado por Mello (1971), era uma prática comum, desde a década de 1930, em Guarapari, como se vê na figura 33.

Figura 33- Banhos de areia nas praias de Guarapari, no final do século XX



Fonte: Silva, 1951, p. 1949.

Com relação ao artigo publicado pelo Dr. Silva Mello, no *Jornal do Rio de Janeiro*, destacam-se a contextualização histórica da, então, Vila de Guarapari; a descrição do clima do lugar, e as dúvidas científicas sobre o poder curativo das areias. No primeiro caso, Mello destaca o fato de que a vila remonta à Colônia e que fora fundada pelo Pe. Anchieta, mesmo fundador de São Paulo e importante jesuíta na construção da educação e da literatura brasileiras. Além da igreja colonial, o autor destaca a construção de Poços, realizada pelos Jesuítas e que representava o provimento de água para o lugar (MELLO, 1971, p. 23).

Ao falar das areias monazíticas, cientista que era, Mello é cauteloso:

É problema ainda aberto saber exatamente a influência que tais substâncias podem ter sobre o organismo humano e animal, estabelecer o seu valor terapêutico, descobrir todas as suas virtudes curativas. Dos 80 elementos existentes na natureza, há 32 na água do mar, alguns deles, dos mais raros, abundando em Guarapari. Tudo isso constitui problema científico da mais alta relevância, cuja solução pode transformar Guarapari num lugar único do mundo, verdadeiramente excepcional, sob múltiplos aspectos. O que sabemos, por enquanto, tendo sido por nós próprios verificado, é da ida para lá de grande número de doentes, principalmente do sistema nervoso, que se restabelecem com extraordinária rapidez (MELLO, 1971, p. 23).

É importante juntar a essa passagem, o que é relatado no *Capítulo 4*, que trata as questões de saúde pública em Guarapari e, por extensão, em todo o interior e, como diz Mello, até mesmo na capital da república, naquela época. Para abordar o tema, o autor apresenta 14 casos clínicos. Via de regra, os casos consistem em apresentar pessoas que sofrem de algumas doenças e procurar as causas para tais.

A título de exemplo, o *Caso 1* é referente a um pescador de 30 anos que estava doente já há três semanas.

Mello (1971, p. 34- 36) aponta que a alimentação do homem é precária, carente de verduras, frutas e mesmo de outras variações de alimentos de origem animal como aves, boi etc. Relata que o Peixe é o que mais se consome na região. Quanto ao diagnóstico e às formas de tratamento, Mello diz que o paciente costumava tomar purgantes. Um posto para controle de malária, na vila, havia indicado que o paciente não possuía a patologia. Diante da falta de recursos, Mello questiona: “Tuberculose? Colicistite? Que fazer? Que terapêutica propor?”

Os demais casos seguem a mesma situação, doença desconhecidas, automedicação, recursos escassos etc. Diante da situação, Mello propõe “uma campanha de esclarecimento quanto aos problemas alimentares” como algo urgente para a região. Além disso, reflete:

Aliás, como acontece por todo o Brasil, a confiança da classe pobre no médico é muito pequena, exceto quando a sua terapêutica produz efeitos decisivos e imediatos. É isso, talvez, uma consequência das próprias circunstâncias, no sentido de os conhecimentos dos nossos médicos nem sempre estarem à altura das exigências que precisam enfrentar. É esse um grave problema de medicina rural, que não poderá ser resolvido convenientemente senão pela melhoria da aprendizagem prática em nossas faculdades, assim como pela boa compreensão de diversos fatores psicológicos que envolvem a questão (MELLO, 1971, p. 51).

Essas reflexões de Mello sobre a saúde pública do lugar são de suma importância, porque revelam que aquilo que vai em seus livros sobre as areias são considerações e não credices que, como ele mesmo afirma, representavam um problema para o enfrentamento dos desafios da medicina.

Ao sugerir uma solução para o problema, cobra dos políticos: Os nossos governantes, de regra, quase desconhecem tais problemas, ignorando o que é o Brasil e as necessidades reais da sua população”. Assim, além de explicar que a classe médica deve sempre chamar a atenção para os problemas de saúde pública, acrescenta que “Para bem governar o Brasil, é preciso olhar principalmente para as zonas rurais, onde vivem dezenas de milhões da nossa população” (MELLO, 1971, p. 51).

Por fim, com relação à obra *Guarapari: maravilha da natureza*, vale ressaltar o que Mello apresenta no *Capítulo décimo*. O capítulo trata dos primeiros estudos realizados sobre as areias do litoral do Espírito Santo e Sul da Bahia, uma imagem representativa dessa condição pode ser vista na figura 6. De acordo do o autor, as primeiras amostras da areia foram levadas do Brasil à Europa para análise, pois o capitão de um navio, ao perceber as cores amareladas das areias, imaginou que elas pudessem conter algum metal precioso, como o ouro. Os resultados mostraram que os minerais contidos eram outros, para os quais, ainda não haviam nenhuma empregabilidade na indústria (MELLO, 1971, p. 131).

Figura 34 - Exploração de monazita em Guarapari - ES, início do século XX



Fonte: (BRANDÃO, 1953, p. 20)

Quando, porém, na Europa começou-se a falar em camisas especiais para os lampiões a gás, logo o tório passou a ser empregado na indústria de tal tecnologia, e, por isso, as areias começaram a ser exportadas clandestinamente do Brasil. Na Europa, o tório era retirado e usado na fabricação das camisas que davam uma coloração amarelada e forte à chama. O que se segue é uma série de fraudes, corrupção e escândalos envolvendo as areias monazíticas e sua aplicação para a iluminação pública e particular na Europa (MELLO, 1971, p. 132).

Importante mencionar, portanto que o uso das areias monazíticas para a iluminação está relacionado às matérias primas para a fabricação de lâmpões. A técnica consistia em utilizar o tório na fabricação das camisas que, encandecidas pela chama do gás, produzia a iluminação. A iluminação a gás era usada tanto na iluminação privada, isto é, no interior das casas, como também na iluminação das vias públicas, das principais cidades- especialmente na Europa. Um Exemplo do uso desse recurso pode ser visto na Figura 5 (SERRA, LIMA E SOUZA FILHO, 2015).

Figura 35 - Camisas de Auer em lâmpões a gás



Fonte: Serra, Lima e Souza Filho (2015, p. 258)

Nos anos seguintes, até a década de 1930, o governo brasileiro passou a abrir concorrências para a extração e comercialização de monazita. E, em 1937, ocasião da primeira viagem de Mello, ao Espírito Santo, a já referida MIBRA estava atuando no país. E, nas décadas de 1940 e 1950, ao tomar consciência da exploração desses recursos, movimentos de protestos importantes ganharam vulto no Brasil, mas, sem grandes resultados.

Retomando um dos personagens mais as areias recontam uma história que o menino Silva Mello ouviu repetidamente sobre a exploração das areias de Guarapari. Um dos personagens dessa história era um engenheiro chamado Jhon Gordon, que resolveu explorar clandestinamente as areias da região da Bahia. Segundo ele, a justificativa era servir de lastro para os navios. O governo da Bahia, em 1890, proibiu esse tipo de exportação. Segundo informação do autor, só em nosso estado vizinho

foram embarcadas aproximadamente 15 mil toneladas de areia. Mello continua nos contando que, em 1886, os abusos em relação ao recurso continuavam, devido a uma autorização oficial para extração da monazita de terrenos devolutos da Marinha.

Uma fala muito interessante de Othon Leonardos, que foi engenheiro e geólogo brasileiro, está transcrita nessa parte do texto de Silva Mello que muito me chamou a atenção. A narrativa é a seguinte: “Como sói (esta palavra existiu mesmo!) acontecer, o Estado é sempre o pior dos comerciantes e nada de prático resultou das medidas oficiais.” (MELLO, 1971, p. 135).

A história é longa e continua. Segundo Dr. Silva Mello (1971), velhos habitantes de Guarapari e Vitória, revoltados com a exploração, dizem que as questões da areia sempre foram envoltas de muitos mistérios.

Em 1916, Gordon fez um novo contrato com o governo federal desistindo do aforamento de Prado, na Bahia, porém, terrenos de igual tamanho, à escolha dele, lhe seria oferecido para extração e importação da monazítica. Havia suspeitas de que Gordon era quem manobrava os negócios da MIBRA. Sob a afirmativa que seus terrenos estavam sendo explorados por outras firmas, pediu uma indenização e em 1933 o tribunal da Bahia decidiu contra ele.

Mello (1971) cita ainda que o geólogo Othon Leonardos aponta que a exploração de monazita cessou desde 1933, quando foi substituída pela areia de Travencore, na Índia, pois possuía maior porcentagem de tório. Isso nos leva a pensar que a extração dessas areias foi feita de forma clandestina, uma vez que a MIBRA começou a atuar no ano de 1937. O referido autor ainda fala de uma de suas visitas à empresa e afirma “(...) cheguei e vi à usina da MIBRA funcionando dia e noite, sem parar, tendo três turmas de operários pessimamente mal pagos (MELLO, 1971, p. 134). Mello, solidarizando-se com os explorados, escreve:

O que é de lastimar é que os acontecimentos tenham prosseguido na mesma marcha através dos anos, desde quando John Gordon exportava areias monazíticas como simples lastro de navios, pretensamente para lhes dar peso e estabilidade. Era um roubo manhoso, que continuou variando apenas de modalidade. Éramos ingênuos e inocentes, à maneira dos nossos matutos e tabaréus quando venderam as suas antiguidades a espertalhões julgando-as sem valor porque eram velhas. Assim, semelhantemente, ocorreu com as areias monazíticas, em que tanto nacionais sabidos quanto estrangeiros espertos se locupletaram à custa do nosso País (MELLO, 1971, p. 135).

Vale lembrar que, em 1971, quando o livro que estamos revisando fora escrito, os horrores da Segunda Guerra Mundial já eram conhecidos, bem como os temores

das consequências da Guerra Fria. Sobre a corrida atômica que se desenvolveu nessa época, o autor escreve sobre a

O almirante Álvaro Alberto, então presidente do Conselho Nacional de Pesquisa, informou à Comissão de Inquérito que durante anos chocou-se com uma barreira intransponível, decorrente da lei de energia atômica americana, que proibia cooperação com o nosso País no terreno da tecnologia de reatores, razão pela qual ele se dirigiu à Alemanha e à França, onde encontrou a maior boa-vontade para a solução dos nossos problemas atômicos. Nessa ocasião, o almirante revoltou-se contra a maneira de proceder americana, alegando que havíamos tomado parte nas duas Grandes Guerras, não sendo justo que nos recusassem participação nessas questões, também já agora investigadas por outras nações, igualmente revoltadas contra os empecilhos que os Estados Unidos procuravam criar (MELLO, 1971, p. 141- 142).

Nessa mesma época o jornalismo do Espírito Santo denunciou tanto a exploração das areias monazíticas de Guarapari, como também o risco dessas exportações em relação a construção de armas atômicas. Lopes e Bourguignon (2015), exploram uma série de arquivos do jornal A Gazeta para explicarem a relação de Guarapari com a produção de bombas atômicas.

A questão nuclear brasileira começou no primeiro governo Vargas e refletiu durante muitos anos o papel do Brasil como exportador de matérias primas em detrimento do desenvolvimento de produtos e tecnologias (LOPES E BOURGUIGNON, 2015).

Nesse contexto, acordos entre Brasil e Alemanha chegaram a estabelecer um programa de enriquecimento de urânio no Brasil. Embora o projeto não tenha avançado por aqui, no exterior, algumas armas nucleares à base de urânio foram testadas, como se pode ver

Figura 36- Teste com bomba de U-233 durante a Operação Teapot , 1955



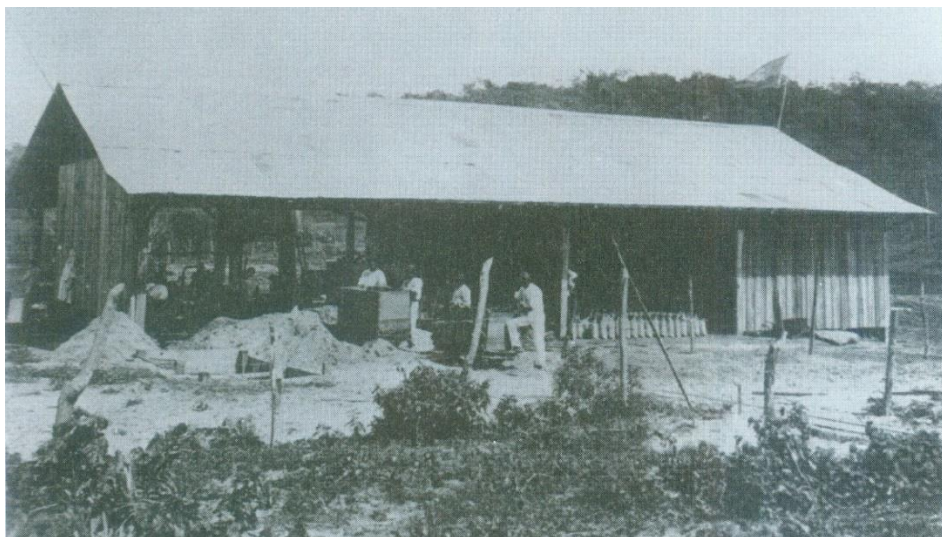
Fonte: LOPES E BOURGUIGNON, 2015.

A lástima apresentada por Mello aponta que as areias monazíticas foram, desde o princípio, “roubadas” do Brasil, enriquecendo estrangeiros e brasileiros corruptos. E, no fim, o Brasil ainda ficou fora da corrida atômica, o que reforça sua posição de subserviências tanto aos países europeus quanto aos Estados Unidos.

Quando lemos sobre o assunto, percebemos que a atuação do Estado nas questões ambientais é nítida, como afirma Barchi (2013, p. 3260), trata-se da centralização do poder do Estado em sua aliança com o capital para promover a destruição do planeta. A interferência do Estado em relação ao uso de recursos naturais sempre foi pautada em minimizar os impactos advindos de empresas e indústrias. Nunca foi preocupação do “Estado de bem estar” fortemente ligado ao plano de desenvolvimento o cuidado com outras instâncias de vida.

Continuando com suas decisões nefastas, o Governo Federal abriu concorrência para a exploração: A indústria Orquimia e, mais tarde, a Société Minière et Industrielle Franco – Brésilienne – a MIBRA. Para isso, barracões (Conforme figura 7) foram instalados nas praias de Guarapari, para se separar o tório dos demais componentes encontradas nas areias monazíticas.

Figura 37- Barracão onde o tório era separado da areia, em Guarapari.



Fonte: Lopes e Bourguignon, 2015.

Esse material era armazenado em sacos. Tudo isso explorando a mão de obra local. Esse aspecto é interessante para a discussão desta pesquisa, porque ele ressalta a força do capital que, para atingir seus objetivos, aliena as pessoas da sua realidade. Ou seja, o trabalhador realiza uma atividade sem considerar seus impactos localista e globais. Sequer considera os impactos da atividade que realiza para a própria saúde..

Figura 38 - Ensacamento das areias feito por trabalhadores



Fonte: Guarapari memórias ([facebook.com/groups/Guaraparimemoria/](https://www.facebook.com/groups/Guaraparimemoria/)).

O site Guarapari Memórias ainda ressalta as condições em que os trabalhadores se encontravam, sem nenhuma proteção ou condições de salubridade. Conforme figura 39.

Figura 39 - Trabalhadores separando e armazenando tório.



Fonte: Guarapari Memória (facebook.com/groups/Guaraparimemoria/).

Nesse processo, animais também eram utilizados para puxar as areias sobre trilhos de ferro, conforme se vê na figura 10.

Figura 40- Animais utilizados nas explorações das areias monazíticas, em Guarapari.



Fonte: Guarapari Memória (facebook.com/groups/Guaraparimemoria/).

Tudo isso põe em evidência os abusos, as explorações e o desrespeito aos direitos e à dignidade humanos, bem como, as agressões aos animais e ao meio ambiente, como um todo.

Garrard (2006, p. 32-56) elenca uma série de posturas que se assume, atualmente, em relação ao meio ambiente. Dentre elas, destacam-se o cornucopianismo, que nega a maioria das ameaças apontadas em relação ao meio ambiente; o “ambientalismo”, que atua no combate à poluição e ao aquecimento global; a “ecologia profunda”, que é uma forma radical de ambientalismo e muito importante nas formações fora da academia, movimentando um grande grupo de ativistas; o “ecofeminismo” que encontra na dicotomia homem-mulher um fundamento para explicar a destruição do meio ambiente, uma vez que as mulheres são historicamente relacionadas ao “material” e o homem ao “imaterial”, o que confere a esse segundo o status de dominador; “ecologia social marxista” em que os “sistemas de dominação” (capitalismo) é oposto à conservação do planeta; e a “ecofilosofia heideggeriana” em que a “Terra” é vista como um “ser” e não apenas como um “ente”

Em cada uma dessas posturas - com exceção da postura cornucopiana, encontramos um pouco do pensamento de Silva Mello. É claro que o que Garrard faz é determinar posicionamentos para facilitar o estudo e a compreensão do modo de atuar dos diferentes grupos que lidam com questões ambientais. E, por isso, essas posturas não contém uma tipologia purista, mas, estabelecem padrões, relativamente estáveis, nos quais a maioria dos posicionamentos podem ser pensadas.

Se pensarmos em uma delas para compreender a atuação de Silva Mello, talvez o ambientalismo seja a categoria com a qual ele mais dialoga. De acordo com Garrard, os ambientalistas, em geral, além de se interessarem por questões como a despoluição e o controle do aquecimento global, “muitos deles valorizam os estilos de vida rurais, as caminhadas ou a prática de acampar” (GARRARD, 2006, p. 35). Isso diz muito sobre a forma como Silva Mello descreve Guarapari, quase como um refúgio para quem foge dos grandes centros, como era o caso dele que, de férias na capital fluminense, buscava descanso na orla capixaba.

Contudo, conforme Garrard (2006), o ambientalismo é apenas uma forma de se enfrentar os problemas ambientais, e, no geral, incompleta. As imagens narrativas que vimos até aqui, nos mostram um ambientalista que procura em Guarapari um lugar de conforto e descanso e, ao ver que essa condição que a cidade oferece está sob ameaça, move-se no sentido de denunciar a exploração ilegal, na tentativa de

garantir que os espaços naturais do lugar, bem como suas riquezas, continuem a ser um bem de todos e para todos. No próximo capítulo trataremos do ativismo de Paulo Vinha que parece muito mais ajustado a uma concepção de “ecologia profunda”.

4. AS AREIAS DO PARQUE PAULO CÉSAR VINHA: UMA TRAGÉDIA EM TRÊS ATOS.

*Vou para Guarapari
(Lá tenho o mar que eu quero
-Lá posso ser feliz).*

*(E quando eu estiver triste
Mas triste de não ter jeito)
Deitada na rede tranquila
Na brisa me envolverei.*

*No horizonte, barcos brancos
Manchas azuis se espriam
Gaivotas em voos perfeitos
Imagens de muita paz.*

*Pasárgada é o lugar de um poeta:
Bandeira- (amigo do rei)
Guarapari também é um Éden
Lá meus sonhos sonharei.*

(Paraíso dos poetas de Aparecida Ramos.)

Figura 41- Alunos da escola Municipal José Antônio de Miranda em visita ao Parque Estadual Paulo César Vinha.



Fonte: arquivo pessoal

No contexto das narrativas das areias de Guarapari, tema que permeia essa pesquisa, é importante destacar que além das areias ricas em monazita, das praias, as areias de áreas fluviais também narram os embates na área ambiental de Guarapari. Isto é, se as areias pretas das praias de Guarapari estão marcadas pela exploração internacional, as areias das áreas fluviais de Guarapari estão marcadas pela exploração local. O episódio mais trágico dessa exploração pode ser recuperado de um assassinato brutal, ocorrido na década de 1990 (RODRIGUES, 1993).

O Parque Estadual Paulo César Vinha antigo Parque Estadual de Setiba, foi criado por meio de decreto estadual nº 2.993-N, de 05 de junho de 1990 (ICMBIO, 1990). O atual nome se deve a um fato histórico marcante: a morte do biólogo Paulo César Vinha, que foi assassinado na região no ano de 1993, “por defender a preservação do lugar contra a extração ilegal de areia” e demais agressões à biodiversidade (ROCHA, 2012).

Sobre a criação do parque, Coelho (2013) menciona que, mesmo com o decreto que transformou a região em um parque em 1990, a população continuou a demarcar lotes e a aterrar partes do espaço de utilidade pública, o que prejudicou seriamente a biodiversidade do lugar. O autor afirma que, mesmo com projetos de recomposição da vegetação nativa, no final da década de 1990, cerca de 65 hectares correspondiam a solo desprotegido, isto é, sem vegetação. Esse percentual, segundo afirma, sofreu uma redução de cerca de 50%, e, na década de 2010, correspondia aproximadamente 30 hectares.

O que torna a região alvo da exploração são, como no caso das praias, as areias. Porém, o motivo é outro. No lugar, um dos atrativos é a Lagoa de Caraís, uma das fontes de água doce, na região. Foi próximo a essa região que, em 1993, Paulo César Vinha foi assassinado a tiros, exatamente por organizar uma frente de protesto contra os extrativistas de areia para construção civil. Essas areias, das áreas fluviais, também têm uma história a narrar.

Com a chegada de 2021 e a amenização da pandemia, quis que meus alunos ouvissem mais das areias de Guarapari. Para isso, organizei uma passei ao Parque Paulo César Vinha. Tracei, como objetivo, que voltassem de lá sabendo o que era uma Unidade de Conservação (UC), mas, muito mais que isso, que soubessem das lutas que marcaram a história do lugar.

De imediato, percebi que a empolgação das crianças crescia na medida em que o apoio pedagógico diminuía. A escola, que em tantos “treinamentos” fala da importância da aprendizagem fora da sala de aula, não foi além do discurso, e a organização e despesas correram por minha conta. Mesmo assim, eu mesma, como professora, precisava daquela experiência. Os alunos vieram preparados para essa aula em campo. Alguns com chapéus, outros com blusas que protegiam dos raios ultravioletas e todos com protetor solar.

Figura 42- Alunos na porta da escola, prontos para a mini excursão até o Parque Paulo César Vinha.



Fonte: arquivo pessoal

É importante mencionar que educar, como menciona Tiriba (2005) é um direito à alegria. Por isso, mesmo diante de toda a burocratização (que, aliás, é necessária para garantir a segurança de todos envolvidos no projeto pedagógico), eu assumi essa responsabilidade de garantir que os alunos, eles mesmo, ouvissem um pouco do que as areias daquele parque tinham a narrar.

No entanto, Tiriba (2021, p. 117- 141), menciona um emparedamento da educação, especialmente por meio das normas sancionadas para educação infantil. Em alguns casos, segundo a autora, essas normas são coercitivas, e não garantem, por exemplo, uma experiência do educando em “espaços ao ar livre”, o que justifica a experiência vivida com os alunos. Ao discutir essas possibilidades, a autora afirma que são importantes para

O exercício de convívio com o mundo natural e a vivência de outras relações de produção e de consumo que possibilitará às crianças se constituírem como seres não antropocêntricos, que saibam cuidar de si, dos outros e da Terra (TIRIBA, 2021, p. 141).

Isto é, desta perspectiva, é de suma importância incluir as práticas educacionais em *espaçostempos* (ALVES, 2019) e ao ar livre para a possibilidade de uma construção crítica nos processos educacionais. Pensando nisto, é que se organizou a prática aqui tratada.

Era final do mês de novembro, e o dezembro se anunciava com muitas chuvas. Ao sair, lembrei-me da *Vei*, do Mário de Andrade. Se em *Macunaíma*, o Sol se assume no gênero feminino, o que o impede de ser uma professora? E de fato, naquele dia, Vei abriu as cortinas do céu, e espalhou sua luz e calor sobre o parque, com quem prepara o tablado para o primeiro ato de uma peça (ANDRADE, 2017).

4.1 PRIMEIRO ATO: O MÁRTIR DAS AREIAS DE GUARAPARI

As informações sobre o biólogo Paulo César Vinha são raras. Em geral, a internet retorna matérias relacionadas ao nome do parque, mas não sobre quem foi Paulo César Vinha, biólogo. Quais eram suas pesquisas? O que publicou? Para essas perguntas, as respostas são raras. Isso demonstra que o nome do parque se sobrepõe ao nome do biólogo que o protegeu. Essa é mais uma evidência sobre como as narrativas são construídas. Hoje, a internet retorna nome de hotéis, restaurantes e pontos turísticos, quando o nome do biólogo é buscado. Mas, sobre ele mesmo, sua pessoa, suas pesquisas, quase nada.

O relato mais detalhado foi encontrado na revista *Manchete*, de 1993. Uma semana depois da morte do ecologista, a revista publicou uma matéria de duas páginas com o título: “Paulo Vinha: O Mártir do Verde”. De acordo com o texto, precedeu ao assassinato do biólogo uma denúncia feita sobre a extração ilegal de

areia no litoral do Espírito Santo. Seguiu-se à denúncia uma série de ameaças que, de acordo com a reportagem, não foi levada a sério pela polícia. As imagens apresentadas na revista compõem uma parte dramática da história das areias de Guarapari. A começar pelo sepultamento do biólogo (figura 43), percebe-se sua vida misturava-se com suas lutas pela preservação da restinga.

Figura 43- Enterro de Paulo César Vinha.



Fonte: Rodrigues, 1993

De acordo com a reportagem, Paulo Vinha, no dia em que foi assassinado, saiu de casa cedo para fotografar a restinga. No lugar, foi abordado por dois homens e um deles disparou três vezes contra o pesquisador. O primeiro disparo nas costas, e, em seguida, mais dois tiros na cabeça. Os assassinos foram logo descobertos e identificados como sendo os irmãos Airton Barbosa de Queirós e José Barbosa de Queirós, empresários que extraíam areia ilegalmente no local. Dentre os fatores que levaram à polícia aos culpados, consta o depoimento do filho de um deles. “Meu pai e meu tio surgiram do mato, falando para a gente ir embora, pois o pessoal do meio ambiente tinha passado para Guarapari e a barra estava suja”. De acordo com a reportagem, o rapaz ainda informou à polícia que seu pai tinha um revólver calibre .38, o mesmo calibre dos projéteis que atingiram Paulo Vinha (RODRIGUES, 1993, p. 20).

As fotos que o ecologista estava fazendo, no dia de sua morte, comporiam uma pesquisa financiada pela prefeitura Municipal de Vila Velha e pela Companhia Vale do

Rio Doce (hoje, Vale), sobre a restinga que vinha sendo ameaçada, pela extração das areias, em Guarapari.

Figura 44- Paulo César Vinha discursando sobre a extração de areias em Guarapari



Fonte: Rodrigues, 1993, p. 21.

A morte do ecologista, embora tenha provocado algumas medidas legais naquele tempo, como a proibição de extração de areia no local, representou uma perda na frente das lutas pela preservação. O assunto, repercutiu a nível nacional, sendo, inclusive, mencionado pelo então Ministro do Meio Ambiente Coutinho Jorge: “Mais uma vez, o nome do Brasil é manchado no cenário internacional”. A reportagem é concluída mencionando que Vinha, ao morrer lutando contra a extração ilegal das areias de Guarapari, podia ser comparado a Chico Mendes¹⁰, que poucos anos antes, 1988, fora assassinado no Amazonas, em suas lutas a favor da preservação da Amazônia, no contexto da extração de látex (RODRIGUES, 1993, p. 21). A imagem mais chocante dessa luta, foi o beijo de despedida da esposa, no velório (figura 45).

¹⁰ Chico Mendes foi um importante ativista que atuou, principalmente, no contexto da extração de látex, na Amazônia. Ele foi assassinado em 1988 em função de seu ativismo (ALMEIDA e BRITO, 2013).

Figura 45- Esposa de Vinha, Ligia Viana beija o marido morto.



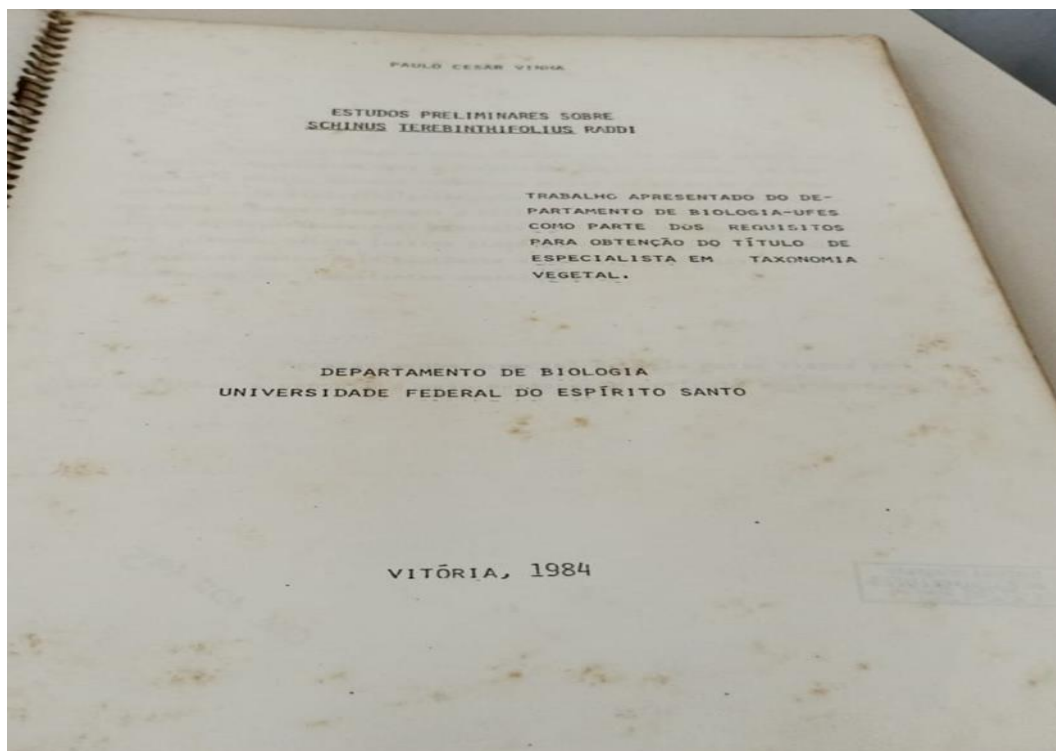
Fonte: Rodrigues, 1993, p. 21.

O único trabalho de autoria de Paulo César Vinha disponível para pesquisa, é uma monografia de especialização, realizada na Universidade Federal do Espírito Santo, no qual consta que o autor obteve, em 1984 o título de “especialista em taxonomia vegetal”. Sob a orientação da professora Solange Schneider, Vinha escreveu um documento intitulado “estudos preliminares sobre *Schinus trebinthifolius RADDI* (VINHA, 1984).

Cabe aqui, inclusive, narrar a forma como o trabalho de Vinha foi encontrado. Depois de pesquisar no arquivo da biblioteca da UFES, percebi que o arquivo estava em uma biblioteca setorial, em Maruípe, isto, não constava no acervo da biblioteca central. Sabendo de um amigo que estava no local, solicitei a ele que fosse até o local, e verificasse se o arquivo de fato se encontrava no acervo. O responsável pelo acervo mencionou que o documento não estava no local, onde o registro de indexação apontava.

Pensei, inclusive que havia se perdido. Mas, após uma busca mais detalhada, a monografia foi encontrada. Já está em estado bem crítico de conservação, conforme pode ser visto na figura 46.

Figura 46- Monografia escrita por Paulo César Vinha, em 1984.



Fonte: arquivo pessoal.

4.2 SEGUNDO ATO: AS AREIAS DE GUARAPARI E O SAPO DO TAMANHO DE UMA MOEDA

Passadas quase três décadas da tragédia que resultou na morte de Paulo César Vinha, os problemas de extração ilegal de areia para construção ainda continuam a afetar a região. O passeio seguiu a rota planejada, os profissionais (figura 47) do lugar iam indicando tudo as trilhas, as características do lugar, os cuidados a serem tomados etc.

Figura 47 - Alunos recebendo informações dos técnicos do parque.



Fonte: arquivo pessoal

Tudo isso funcionava como um fio vermelho que ia juntando a história do lugar e, nessa história, a biodiversidade assume papel fundamental. E aqui começa o segundo ato dessa narrativa “As areias de Guarapari e o sapo do tamanho de uma moeda”.

Se no ato anterior, a exploração das areias na área de preservação, em Guarapari, custou a vida de um biólogo, hoje, coloca em risco a biodiversidade local, inclusive de uma espécie que só é encontrada no Parque Paulo César Vinha: o *melanophryniscus setiba*, popularmente chamado de Sapinho-da-Restinga (figura 48). Quem registrou a espécie no Parque Paulo César Vinha foi o doutor Pedro Luiz Vieira del Peloso, formado em Biologia pela UFES e, atualmente, professor no curso de Zoologia da Universidade Federal do Pará.

Figura 48- Sapinho-da-restinga. Espécie em extinção.



Fonte: Idoeta, 2021

Em uma entrevista à BBC News, o professor Peloso explicou que o sapinho-da-restinga “só é conhecido em uma localidade, cercada de desenvolvimento urbano. Qualquer distúrbio no ambiente, como um fogo fora de controle, pode levá-lo à extinção”. E é aí que entra a relação da espécie com as areias de Guarapari.

No local, apesar da proibição para a extração da areia, a prática ainda continua. Para isso ter acesso ao mineral, os infratores precisam remover a vegetação (restinga) que compõe exatamente o habitat da espécie descoberta pelo Dr. Peloso. O motivo do risco é a baixa qualidade da restinga em áreas de exploração de areia,

Em ecossistemas como a restinga, a extração de areia também impacta as comunidades vegetais, altera as características do solo e promove o afloramento do lençol freático. O PE Paulo César Vinha e a APA Setiba são UCs que sofreram intensa exploração de seus depósitos arenosos abastecendo a construção civil na região metropolitana de Vitória. Passadas três décadas, muitas áreas de restinga nestas UCs ainda permanecem degradadas pela remoção da areia, restando, ali, uma vegetação com baixa diversidade e predominância de espécies exóticas invasoras e nativas oportunistas (ROSA, et al. 2019, p. 67).

Em nosso passeio, os alunos puderam contemplar as áreas em que vive o sapinho-da-restinga e compreenderem melhor a importância de sua preservação.

Figura 49- Trilha no Parque Paulo César Vinha que permite conhecer a restinga, habitat do sapinho-da-restinga



Fonte: Arquivo pessoal

Importante mencionar que, apesar da fiscalização, do apelo das autoridades e da forte conscientização feita por meio de panfletos e das mídias sociais, a exploração ilegal ainda ocorre no lugar. Na figura 50, um flagrante recente, mostra a quão agressiva é a extração da areia no lugar.

Figura 50- Extração ilegal de areia em área da restinga, em Guarapari.



Fonte: Arquivo pessoal

Essa foto, como ensina Alves (2015, p. 312) é própria para se compreender o processo de agressão à natureza, na área da restinga, em Guarapari. Percebe-se que a vegetação cresce formando uma camada verde sobre a areia branca. Na medida em que a areia é retirada, a vegetação é precipitada e morre. E, ao morrer, leva com ela parte da biodiversidade animal que a habita: o sapinho-da-restinga.

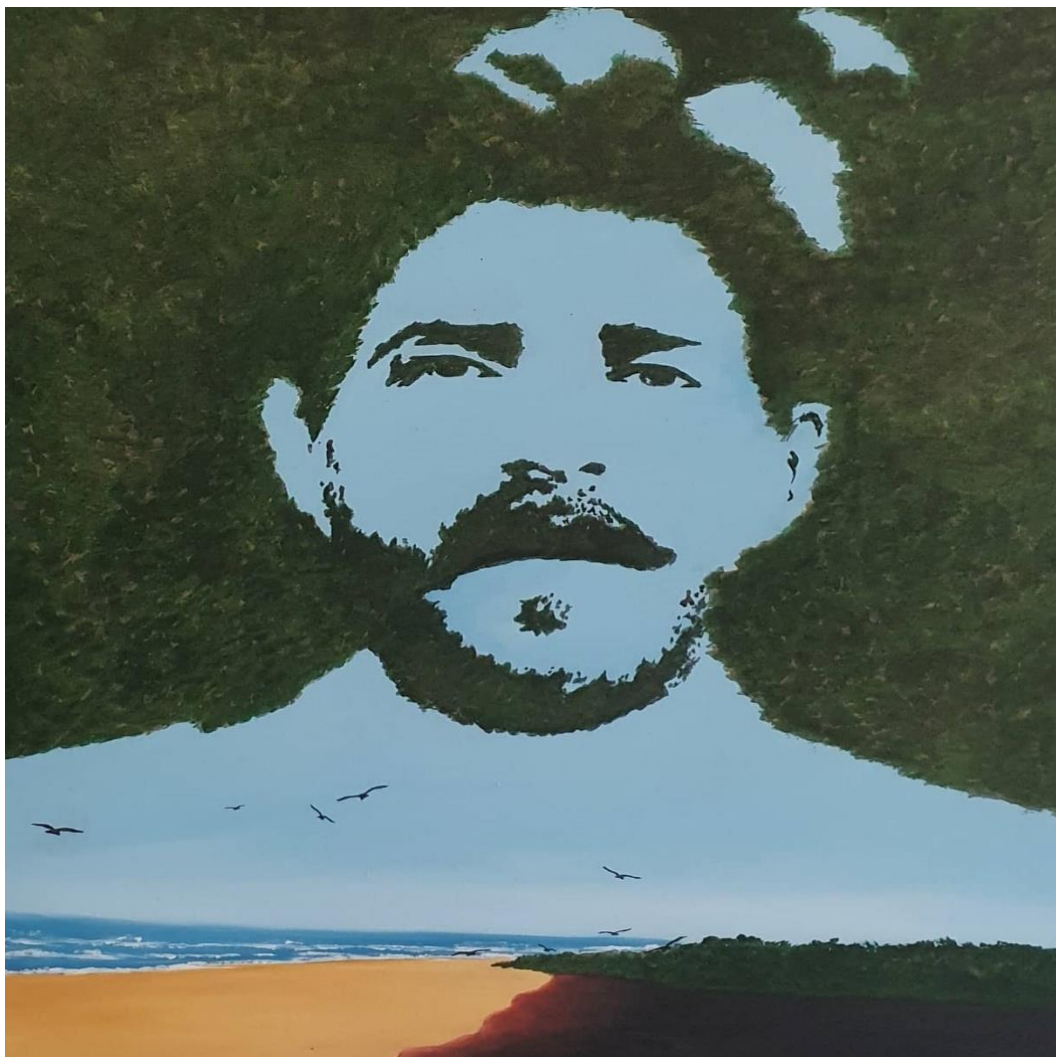
4.3 TERCEIRO ATO: “ARTE E A VIDA”.

Em uma entrevista de 2010, o poeta brasileiro Ferreira Gullar disse: “a arte existe porque a vida não basta” (TRIGO, 2010). Não à toa, um dos mais importantes críticos literários do Brasil, Alfredo Bosi, afirma que Goulart é um “poeta do cotidiano”, mas de um cotidiano focado na “carência”, para as “tensões sociais” (BOSI, 2017, p. 506- 507). É assim que as areias de Guarapari podem ser pensadas no contexto da arte, pois, olhar para as areias de Guarapari é ver que em seus matizes estão simbolizadas as lutas daqueles que buscaram preservá-las contra aqueles que só enxergam nelas os recursos. É isso, sobretudo, que elas narram.

Ao levar os alunos ali, o propósito era que, além do que poderiam aprender sobre as ciências da natureza e da vida, aprendessem também a sensibilidade. Por isso, foi encomendado um retrato do biólogo que passou à história do parque emprestando-lhe o próprio nome. O artista responsável pela obra foi Marivelton Borges que utilizou uma técnica chamada acrílico sobre tela em uma reprodução que funde o busto de Paulo Vinha às praias de Guarapari. Ao fundo, a restinga recai no

lado esquerdo do peito do biólogo, um símbolo do seu amor incondicional e da sua preocupação com a preservação do lugar.

Figura 51- Busto de Paulo Vinha, acrílico sobre tela de Marivelton Borges



Fonte: Arquivo pessoal

Ao longo da visita ao parque, os alunos conheceram as diferentes formações que compõem o espaço. Na trilha que leva até a Lagoa de Caraís, em alguns momentos, a caminhada era pela areia, em outros trechos, caminharam sobre formações rochosas. Todo o trajeto durou cerca de uma hora e, ao longo da trilha, havia sempre uma oportunidade para discutir com os alunos aquilo que só conheciam pelas abstrações das páginas do livro didático.

Figura 52- Lagoa de Caraís- Parque Estadual Paulo César Vinha



Fonte: Arquivo pessoal

A lagoa de Caraís possui água de coloração escura, o que dá a impressão de haver a presença de algum poluente. No entanto, essa coloração está relacionada às características naturais do solo. Por um lado, a matéria orgânica das matas ciliares dos afluentes, cujas as águas chegam à lagoa contribuem para a coloração, por outro lado, como nota Barcelos et al. (2012, p. 74) há presença de hematitas, óxido de manganês além de outros minerais que contribuem para a coloração da lagoa.

A lagoa de Caraís é a parte exposta do lençol freático que se estende ao longo do Parque Estadual Paulo César Vinha. Estudos recentes (BARCELOS, 2011)

demonstram que o nível da lagoa determina a capacidade de retenção de água no solo da região e, conseqüentemente, na formação arbustiva da região.

O que empobrece o solo da região é justamente a sua formação a partir de areias reliquiárias, como pode ser visto em muitas partes do parque e ao longo da trilha que se faz até a lagoa (figura53).

Figura 53- Areias do parque estadual Paulo César Vinha



Fonte: arquivo pessoal

Duas pesquisas são importantes para se compreender as características das areias do parque: (BARCELOS, et al. 2011; BARCELOS et al. 2012). No primeiro, os autores procuram mostrar a característica do solo, que, devido à sua formação a partir de areias reliquiárias, é extremamente poroso, e retém pouco a água. No segundo, os autores mostram que a florística da região é afetada exatamente pelo nível do lençol freático da região. Em ambos os casos, a conclusão é única, é preciso preservar a restinga para aumentar o nível dos lenções freáticos e garantir a beleza do lugar.

Tudo isso pode ser discutido com os alunos, tanto durante o passeio como em momentos oportunos, em sala de aula, antes e depois da atividade em campo. Outro

assunto de grande importância é a formação rochosa da região. Demonstrar que a areia é, na verdade, um grande amontoado de partículas que se desprenderam de blocos monolíticos de rocha. Ao observar a areia, bem de perto, os alunos podem constatar que há grãos de cores e aspectos variados, indicando que ali, por meio de uma série de processos da natureza, chegam partículas de diferentes formações rochosas.

Figura 54- Bloco monolítico de rocha, no Parque Estadual Paulo César Vinha



Fonte: arquivo pessoal

Conforme explicam Cardoso et al. (2020, p.731) na região, ocorrem “zonas de afloramentos de rochas cristalinas pré-cambrianas que entram em contato direto com os depósitos quaternários”. Todos esses assuntos enriquecem, em sala de aula, uma compreensão da formação do planeta, sem perder de vista que as areias têm muito a contar tanto sobre o agora como sobre o passado recente e distante.

Mas, diferente do que ocorre no *Hamlet*, do Shakespeare, em que o “o resto é o silêncio”, aqui, o resto é arte. Se esse último ato foi aberto com arte plástica de Marivelton Borges, termina com a música. Depois de um banho refrescante na Lagoa dos Caraís (figura 55), cujo o tom avermelhado das águas remetem ao sangue

derramado nessas areias para a preservação do lugar, os alunos cantaram *Sementes do amanhã*, do cantor e compositor brasileiro, Gonzaguinha.

Figura 55- Banho na Lagoa dos Caraís.



Fonte: Arquivo pessoal

“Ontem, um menino que brincava me falou, que hoje é semente do amanhã”. Essa música remete ao olhar da criança que, livre das racionalizações que chega com a idade adulta, é possível perceber que as ações do hoje repercutem no futuro.

*Ontem o menino que brincava me falou
Que o hoje é semente do amanhã
Para não ter medo, que esse tempo vai passar
Não se desespere não, nem pare de sonhar
(GONZAGA DO NASCIMENTO JÚNIOR, 1984).*

Aquele fatídico 28 de abril de 1993 foi um “hoje” que do amanhã que já chamamos de agora. Ao dispor essas linhas, sobre as areias do Parque Estadual Paulo César Vinha, sei que estou colhendo frutos da semente que ele plantou.

*Nunca se entregue, nasça sempre com as manhãs
Deixe a luz do sol brilhar no céu do seu olhar
Fé na vida, fé no homem, fé no que virá
Nós podemos tudo, nós podemos mais
Vamos lá fazer o que será. (GONZAGA DO NASCIMENTO JÚNIOR, 1984).*

Olho para a lagoa em minha frente, ela está irrigando vidas. Nela crescem meninos e meninas. Se Vei é mulher, e é professora, a lagoa também o é, as areias também são e, comigo, estamos tentando formar uma vinha, um exército de Vinhas.

5. IMAGENS NARRATIVAS NO PARQUE MORRO DA PESCARIA

*T'o-só pá t-ekó-angaípaba
Kó Gúarapaĩ sui;
T'o-kanhê t-ekó-poxy
Tupã t-ekomonhangaba
T'i-mopó memê îepi*

*Que a vida pecaminosa vá toda
Desta Guaraparim
Que a vida ruim desapareça
Os mandamentos de Deus
Cumpramos sempre*

(Na Aldeia de Guaraparim, Pe. Anchieta, v. 774-778)

Figura 56- Alunos em visita educacional ao Parque Morro da Pescaria



Fonte: Arquivo pessoal

Alves (2010, 180-206) discute a “iconoclastia” que segundo ela minimizava a importância de imagens e de narrativas em trabalhos acadêmicos. No entanto, a autora sugere inclusive romper certas dicotomias e insere um neologismo ‘*imagemnarrativa*’, para, com isso, afirmar o potencial narrativo de uma imagem. O que a autora quer expressar é que, em uma imagem, sempre há uma “escolha” sobre o que se quer mostrar. Assim, o estudo com as imagens não pode ser reduzido

unicamente ao que “aparece” na imagem, mas, sobretudo, “nas escolhas feitas”, durante a produção dessas imagens.

Tendo isso em vista, nessa parte da pesquisa, 6 imagens são analisadas, todas elas relacionadas ao Parque Morro da Pescaria, em Guarapari. A abordagem leva em consideração a potencialidade do lugar para práticas de educação ambiental e, por isso, a importância das imagens dos cotidianos desse lugar no contexto da educação ambiental.

Pois, assim como as areias extraídas para construção civil, no parque Paulo César Vinha, e a monazita extraída nas praias de Guarapari dialogam com os problemas ambientais da cidade que podem ser problematizados na educação ambiental; a apropriação dos espaços naturais com finalidades turísticas e imobiliárias também o podem. Essa é a realidade do Morro da Pescaria, em Guarapari. O lugar, com uma área de 110 hectares, situado na Praia do Morro (SOUZA, 2008).

No Morro da Pescaria, como afirma Souza (2008) duas imagens se encontram e se antagonizam, de um lado, a imponente das construções urbanas, verticalizadas, atendendo aos reclames capitalistas da especulação imobiliária, do outro lado, as reminiscências da mata atlântica que atestam a importância da preservação dos recursos naturais do lugar. A figura (57) procura captar essa realidade. Três planos podem ser observados na fotografia. No primeiro, um pouco desfocada, aparece a formação rochosa do parque coberta pela restinga, no segundo plano, aparece o mar e, por último, ao fundo, a urbanização verticalizada da Praia do Morro.

Olhar uma imagem assim, segundo Nilda Alves (2010, p. 185) é exercitar-se na compreensão dos *espaçotempos*. Nesse caso, a presença do humano urbanizado é um elemento que atravessa esse *espaçotempo*, e revela (narra) a condição de troca do meio natural com os espaços construídos.

Figura 57- Contraste entre o natural e o urbano, no Parque Morro da Pescaria, em Guarapari-ES.



Fonte: arquivo pessoal

Assim como as questões envolvendo as areias monazíticas e a areia para construção civil recursos das praias e das regiões fluviais de Guarapari, respectivamente; o Morro da Pescaria provocou diversos movimentos políticos e sociais. Um desses movimentos pode ser constatado no artigo 267, da Lei Orgânica (LO) do Município de Guarapari, no qual consta que o Morro da Pescaria faz parte do conjunto de espaços considerados “patrimônios, naturais e paisagísticos do Município, de preservação especial e permanente”. Além do Morro da Pescaria, a LO inclui na mesma categoria outros espaços como ilhas, rios, lagoas, manguezais etc. (GUARAPARI, 1990).

De acordo com Oliveira (2011), toda a Praia do Morro é caracterizada como uma “enseada”, isso por que, se estende entre dois promontórios, sendo que o maior deles, é a formação rochosa denominada Parque Morro da Pescaria. Praias nessas condições, tendem a sofrer oscilações morfológicas na troca natural com o continente, principalmente em espaços urbanos em que ocorrem paredões para a construção de calçadas e sangradouros para escoamento da água da chuva O autor aponta essas ocorrências na Praia do Morro, conforme figura 58.

Figura 58- Sangradouro em calçadão da Praia do Morro.



Fonte: Oliveira, 2011, p. 23

A figura 58, por sua vez, narra outro espaçotempo. A época em que a imagem foi produzida possibilita uma narrativa sobre as condições em que a cidade era pensada. O foco do fotógrafo parte do mar para a cidade. O muro de concreto que dá acesso à rua, o sangradouro, o ciclista, a lata de lixo, os dizeres no muro compõe, com afirma Alves (2019, p. 144) um espectro caótico. Mas, nesse espectro, o que o fotógrafo quis destacar foi o sangradouro que, em época de chuva, afetava a qualidade da praia e, de modo particular, as trocas naturais entre o mar e o continente.

Por si só, essas condições representam uma contradição em relação à exploração econômica do lugar, pois, a longo prazo, os imóveis construídos na região poderão ser afetados negativamente, causando enormes prejuízos para os investidores. São essas e outras contradições que são observáveis no lugar. Tais contradições podem ser exploradas nos cotidianos para a construção de temas relacionados à educação ambiental.

Ao realizarem um projeto com alunos da educação básica, no Parque Estadual Morro da Pescaria, os autores da pesquisa chegaram à seguinte conclusão:

[...]a utilização dos espaços educativos não formais integrados ao espaço formal contribui para a promoção de uma visão integrada sobre o meio

ambiente e de uma educação consciente, crítica e problematizadora, apesar de tais características não ocorrerem de forma imediata após a realização do projeto (NESSRALA NASCIMENTO E SGARBI, 2016).

Nesse projeto, os autores chamam a atenção para um fato de grande importância quando se toma essa região como espaço não formal para educação: a especulação imobiliária. Mencionam que no lugar, onde hoje está o parque, fora cogitado para a construção de uma pousada, o que resultou em uma forte mobilização, frustrando o projeto.

5.1 DO RESTAURANTE STAY AO RESTAURANTE E BAR BISTRÔ KEBAB'S

Outra narrativa que mostra o quanto o embate entre os interesses econômicos e as lutas pela preservação, foram publicadas pelo jornal online *Folha de Vitória*. Na reportagem, Couto (2018) explica que a ONG *Sociedade Gaya Religare de Guarapari*, entrou, naquela época (2018) com uma representação junto ao Ministério Público do Espírito Santo (MPES) contestando a destinação do espaço do antigo *Stay Bar*, dada pela prefeitura.

Em outra reportagem da *Folha de Vitória*, Couto (2018) noticiou que em 9 de fevereiro de 2018, a prefeitura dera uma ordem de serviço, estimada em R\$ 400.000,00 (quatrocentos mil reais) para a adaptação das dependências do antigo *Stay Bar* para que o lugar pudesse abrigar “a Secretaria de Turismo, a Secretaria do Meio Ambiente, uma sala de reunião emergencial de segurança, Polícia Militar e Ambiental, e a central de videomonitoramento”.

Ao olhar para a imagem da figura 59, uma série de elementos emergem, quase todos eles denunciando uma decadência do lugar. Os muros estão pichados, parte da construção está sem o revestimento, as divisórias que demarcam os terrenos são irregulares. Toda essa imagética parece apelar para uma condição, a necessidade da presença do Estado. E é isso que aparece em primeiro plano, na imagem. Uma placa informa que o Estado chegou e, com ele, as condições para restituir ao lugar um aspecto mais agradável.

Toda essa narrativa, no entanto, pode denunciar outra condição que pode e deve ser problematizada nas educações ambientais, qual seja, o uso do Estado para garantir a grandes empresários condições “legais” para explorar os recursos naturais, como ocorreu em Guarapari, tanto no contexto das areias monazíticas, como no contexto das areias do parque Paulo César Vinha.

Na ocasião em que a imagem da figura 59 fora produzida, o prefeito Edson Figueiredo Magalhães (PSDB), afirmou que, além dos serviços mencionados na ordem de serviço, a prefeitura iria construir um bar no local “Vamos fazer um bar muito moderno aos pés do morro da pescaria, o município vai dar em concessão e o valor vai para a segurança dos equipamentos, com vigilância das 7h às 19h” [sic] (COUTO, 2018).

Figura 59- Ordem da prefeitura de Guarapari para adaptação do Antigo Stay Bar



Fonte: Couto (2018)

A presidente da Associação dos Moradores da Praia do Morro, que, segundo a mesma reportagem, assinou a ordem de serviço junto com o prefeito, afirmou, na ocasião, que apoiava o prefeito, pois o projeto traria segurança a todos. Em sua fala, a presidente da associação ainda disse que estava em diálogo com o prefeito, para que, “pelo menos uma castanheira fique de pé”. Disse ainda que esse seu diálogo ocorria “até por uma questão ambiental”.

Em resposta a essa fala sobre o corte das castanheiras, a então Secretária de Meio Ambiente e Agricultura do Município de Guarapari, Thereza Christina, afirmou:

“Vamos substituir para uma espécie própria de praia e restinga, essa substituição foi estudada” (COUTO, 2018).

Figura 60- Prefeito de Guarapari Assinando Ordem de serviço para construção de um Bar, ao pé do Morro da Pescaria.



Fonte: Couto 2018

À época, a prefeitura chegou a divulgar uma maquete do projeto, conforme figura 61.

Figura 61- Maquete do projeto de adaptação do antigo Stay Bar, em Guarapari.



Fonte: (Prefeitura de Guarapari)

Sete meses após a assinatura da ordem, foi que a ONG *Sociedade Gaya Religare de Guarapari*. Entrou com a representação no MPES. A ONG, baseou-se no decreto 810 de 2014, da Prefeitura Municipal de Guarapari.

Declara de Utilidade Pública, para fins de Desapropriação o Domínio Útil, do imóvel edificado em uma gleba de terra num lugar denominado Morro da Pescaria, localizado na Av. Beira Mar nº. 05, nesta cidade de Guarapari, conhecido como “Restaurante Stay”, com área construída de 190,00m² (cento e noventa metros quadrados), inscrição imobiliária nº. 03.04.011.0015.000, cadastrado em nome de Carlos César Molina, destinado a construção da Sede do Parque Natural Municipal Morro da Pescaria, assim como um Centro de Recepção (Educação Ambiental), Administração e informação aos visitantes (VITÓRIA, 2014, p. 3).

É importante mencionar a dificuldade para se acessar o decreto acima, o mesmo não está disponibilizado nem no site da prefeitura, nem no site da câmara. Depois de uma longa peregrinação pela internet, foi possível localizá-lo no Diário Oficial dos Poderes do Estado. O nome arrolado no decreto, como sendo do antigo proprietário, consta em uma planilha de transparência da prefeitura, em nome desta pessoa, aparecem dois empenhos em que o beneficiário receberia R\$ 273.00 em cada um, tais empenhos estão registrados sob os números 4582/2016, e 4043/2016 (GUARAPARI, 2016).

As reformas foram feitas e a construção final resultou em uma arquitetura diferente daquela apresentada na maquete, por ocasião da assinatura da ordem de serviço.

Figura 62- Atual centro de atendimento



Fonte: Arquivo pessoal

Em janeiro de 2022, a prefeitura de Guarapari publicou em seu site o edital de concorrência pública nº 010/2021, no qual estipulava o aluguel do restaurante construído nas dependências do complexo da Secretaria Municipal de Turismo, Empreendedorismo e Cultura- SETEC. De acordo com o edital, o objeto da licitação seria alugar o objeto “Lanchonete”, que compõe o complexo arquitetônico do “Centro Turístico Cultural”, com valor mínimo mensal de R\$ 6.000,00 (seis mil reais) e uma taxa a ser paga pelo licitante vencedor, no ato do contrato, no valor R\$ 30.000,00 (trinta mil reais). Apenas um empresário apresentou uma proposta de R\$ 8.000,00 (oito mil reais) mensais, e venceu a licitação (GUARAPARI, 2021).

O restaurante, hoje, explora as condições naturais do lugar em suas propagandas, como pode ser visto na figura 63.

Figura 63- Propaganda do restaurante que ocupa o espaço público do Parque Morro da Pescaria.



Fonte: Kebabspraia (2021)

Pesquisadores ligados à educação têm defendido a potencialidade do lugar como espaço não formal para a construção do saber, a partir dos cotidianos, entre professores e alunos da educação básica. Nesse ambiente, o contato do aluno com a natureza, oportuniza, por exemplo, uma reflexão sobre os diferentes tipos de reprodução entre animais e vegetais, pois, além diversas espécies vegetais, outras tantas de animais ainda são preservadas no lugar (DELMONDES, 1990).

Por outro lado, as atividades turísticas no lugar, embora movimentem recursos para o comércio do município, revela, por outro lado, o distanciamento entre as pessoas que procuram por essa opção de lazer, e o que esses locais, de fato, representam. Pesquisas demonstram, inclusive, que o desconhecimento sobre os riscos de acidentes envolvendo as espécies presentes no Morro da Pescaria é uma demonstração do quanto o ser humano está desequilíbrio com a própria natureza (CARVALHO, HOHN e SANTOS, 2020).

Desse modo, percebe-se que o olhar humano para o Morro da Pescaria pode ser positivo, como é o caso dos educadores que enxergam ali uma oportunidade para a construção do saber a partir dos cotidianos, ou negativo, quando parte da ambição de explorar comercialmente os recursos que ainda predominam como reminiscências de uma natureza intocada.

Contudo, se por um lado a presença humana no Parque Morro da Pescaria representa um risco para a preservação, considerando os interesses particulares no lugar, por outro lado, a constituição do lugar como área de preservação tem surtido alguns efeitos positivos. Dialoga com os interesses desta pesquisa, um levantamento feito recentemente para quantificar a presença de *Tatuís (Emerita brasiliensis)*, na Praia do Morro, em Guarapari. Os estudos demonstraram que o ponto de coleta mais próximo ao parque revelou uma quantidade maior desses crustáceos. Sobre isso, os pesquisadores apontaram o seguinte:

Ao analisar a geografia da praia, verifica-se que o P3 está próximo de um grande costão rochoso protegido por uma unidade de conservação chamada Parque Morro da Pescaria. Esta proximidade pode fornecer condições ambientais mais propícias resultando no maior número de indivíduos coletados em P3 que nos demais pontos [...] (DUTRA, RÉGIS e KROHLING, 2011, p. 41).

É nessa dicotomia que se observa o Parque Morro da Pescaria como um símbolo da resistência da natureza frente a ação devastadora imposta pela lógica capitalista, e, ao mesmo tempo, uma reminiscência de um logradouro que reinsere na paisagística urbana, uma imagem narrativa importante para os debates e diálogos sobre as ecologias.

5. 2 DO PARQUE PARA A SALA DE AULA.

Alves (2010), a partir do neologismo *dentrofora*, refere-se aos espaços escolares procurando afastar a ambiguidade “dentro” e “fora” da sala de aula, como se um espaço fosse melhor ou pior que o outro. A partir dessa concepção, a autora analisa diversas imagens que abordam a educação em condições delicadas, sejam por falta de recursos, sejam por condições impostas pela guerra ou mesmo por questões culturais. Sobre isso, a autora afirma: “nos dois álbuns o interesse foi mostrar crianças em escolas, *dentrofora* delas, em situações individuais e coletivas, com os

‘tradicionais’ artefatos curriculares com que se trabalha na escola” (ALVES, 2010, p. 190).

Seguindo os passos metodológicos da autora, procuramos analisar, nesta parte da pesquisa, três imagens. Nas duas primeiras (figuras 64 e 65), as aulas problematizaram os chamados “microplásticos”, na última foto, (figuras 66) uma saída em campo.

Na figura 64 estão expressas as reações dos alunos do terceiro ano do fundamental 1. A aula em tela, ocorreu no auditório de uma escola pública, na culminância de um projeto que buscou elucidar o conceito e a importância das Organizações não governamentais (ONG). O palestrante, representante de uma ONG voltada para as questões ambientais começou sua apresentação entregando uma bala para cada aluno. Esperou por alguns segundos, até que todos tivessem retirado a embalagem da bala e questionou: “e agora, o que vocês farão com o plástico que retiraram da bala?”. A partir desta pergunta, passou a tratar sobre os impactos dos microplásticos, na natureza.

De acordo com o palestrante, os microplásticos são provenientes de muitas atividades cotidianas. Explicou para os alunos que as roupas produzidas a partir de tecido sintético, são uma das causadoras de poluição nos oceanos. Isso porque, ao serem lavadas, em casa, aos poucos, vão liberando partículas muito pequenas de plásticos, chamadas de microplásticos.

O palestrante explicou a importância de olhar sempre nas etiquetas das roupas que são compradas. Aquelas que são compostas por materiais como viscose, poliéster e nylon afetam a saúde dos animais das regiões marítimas. “esses pedacinhos de plásticos, às vezes, são invisíveis a olho nu, por isso, são ingeridos por muitos animais”. De acordo com o palestrante, as pesquisas sobre poluição têm mostrado que nos litorais próximos a cidades, quanto mais povoada é a cidade, maior a presença de microplásticos na água do mar.

Essa parte foi especialmente significativa, porque Guarapari se enquadra no contexto de cidade litorânea, como no caso das pesquisas apontadas pelo palestrante. Os alunos olharam as etiquetas de suas roupas, e viram nelas as porcentagens dos tipos de tecido que as compunham. Levantaram as mãos para comunicar isso ao palestrante.

Figura 64- Figura 64- Aula em auditório

Fonte: arquivo pessoal

Nesse ponto, é importante mencionar uma reflexão feita por Reigota (2008). De acordo com o pesquisador, as educações ambientais estão atreladas a questões políticas e culturais e, como esses conceitos se diferenciam no tempo e no espaço, é preciso que as abordagens também sejam diferenciadas, sobre isso, o autor afirma: “Os constantes deslocamentos em espaços com culturas e meio ambiente diferentes possibilitaram o aprofundamento e a avaliação de noções teóricas e da definição de educação ambiental como educação política” (REIGOTA e SOARES, 2008, p. 172).

Assim, falar de meio ambiente, tendo como tema os microplásticos e a poluição das áreas marítimas é significativo para uma população de uma cidade praiana, como Guarapari.

Figura 65- Alunos em aula sobre a importância das ONGs na preservação do meio ambiente.



Fonte: arquivo pessoal.

A imagem da figura 65, demonstra um contexto em que a educação ambiental ocorre em um ambiente completamente controlado. Os alunos, todos uniformizados, encontram-se organizados em fileiras, mediados por uma pessoa adulta. Todos participam, ao mesmo tempo de uma aula que, embora dinâmica, é uma abordagem expositiva. O contexto é o mesmo que ocorre na aula registrada na figura 64. As questões podem ser postas, a partir desta realidade é sobre a possibilidade de flexibilizar mais essas abordagens, garantido, ao mesmo tempo, a organização e a autonomia, necessárias à uma pedagogia como aquela apresentada por Freire (1997).

Figura 66- Aluno em aula, no Parque Morro da Pescaria



Fonte: Arquivo Pessoal

Na figura 66 , observamos outro momento em que o meio ambiente é tomado como tema educacional. Desta vez, fora da sala de aula, mas, mesmo assim, em um ambiente semi-controlado. Os alunos continuam de uniforme e são mediados por adultos. Nessa ocasião, também se discutira a relação entre as ONGs e a preservação ambiental, em Guarapari. O cenário escolhido como motivação à abordagem, foi o Parque Morro da Pescaria, tematizado e problematizado neste capítulo.

Sobre a imagem da figura 66, é importante a reflexão que Alves (2019, p. 75-80) faz sobre os espaçostempos. A autora parte de uma narrativa, sobre a inauguração de uma escola, em Brasília. Menciona dois fatos sobre isso, um, ligado à política partidária, em que o prefeito chega para a inauguração da unidade e, enquanto anda pelo campus, vai testando a funcionalidade do lugar: abrindo e fechando torneiras, acendendo e apagando lâmpadas etc.

O segundo fato, muito mais inusitado, está relacionado ao esvaziamento do espaço educacional para fins de mídia político-partidária. A autora menciona que, por ser uma escola rural, no dia da inauguração chegou ao lugar um caminhão de galinhas

de raça. As aves, depois de serem alojadas nos galinheiros novos da escola, foram fotografadas. Porém, ao final da inauguração, as galinhas foram retiradas e seguiram um itinerário de outras inaugurações, de outras unidades escolares rurais, ou seja, eram galinhas figurantes.

A partir dessa narrativa, a autora procura exemplificar o que são os ‘*espaçostempos*’ nos espaços educacionais, e como eles são atravessados pela “marca” do político que se apropria desses espaços como uma propriedade de uma determinada “gestão”. De acordo com o que se pode inferir do texto de Alves (2019), há uma tensão entre a forma como professores, alunos e comunidade pensam os espaços educacionais, e a forma como a política partidária enxergam esses espaçostempos.

Os primeiros, veem concebem em tais espaçostempos, possibilidades para construção do saber, os últimos, em geral, os veem como uma marca que deve ser midiaticizada e transformada em propaganda política. Por isso, é preciso que esses espaços sejam ocupados por professores, alunos e comunidade. É preciso que todas as potencialidades para a construção de um saber autônomo (FREIRE, 1997) sejam apropriadas por docentes e discentes.

Educação ambiental tem a ver, sobretudo, com ambiente. E esse ambiente está em todos os espaços, na sala de aula, na rua, nas praias etc. Na medida em que um poder passa a cooptar esses ‘*espaçostempos*’, controla-los e usá-los para fins que não sejam públicos e democráticos, cabe à educação ambiental contestar essas políticas.

Ao finalizar esse capítulo, lembro-me da escritora capixaba Lacy Ribeiro, autora cuja obra analisei ao concluir a graduação em Letras. Em *Avenida República: diária na madrugada*, a autora tematiza a decadência da região do Parque Moscoso, em Vitória - ES. Em seus contos, descreve um ambiente que, no tempo, tem a marca de várias apropriações. Ao olhar para as prostitutas, homossexuais, vendedores ambulantes, indígenas, estrangeiros, crianças exploradas e violentadas, ruas sujas, postes infestados de cartazes políticos etc. a autora diz:

A Avenida República, antiga Rua da Vala, continua vala, república a fora. Permanece, nas madrugadas, de carnaval a carnaval, com seus sujos em bloco a destilarem o sonho das cinzas não só das quartas-feiras, mas das segundas, terças, quintas, sextas ...O fio da lâmina que separa a noite do dia é o espaço mágico que junta esperança e ilusão de homem e cidade conviverem em harmonia. (RIBEIRO, 1987, p. 13).

Lacy Ribeiro tomou um ambiente público e estudou os cotidianos que nele ocorriam. Seu olhar literário que recai sobre o Parque Moscoso pode, entretanto, ser estendido a qualquer espaçotempo. Seja nas escolas, que Alves (2019) problematiza, ou sobre o parque tomada como espaço educacional, neste capítulo.

No Morro da Pescaria, a linha d'água que separa o mar da areia – como em todas as praias- é movente assim como são as políticas que afetam o lugar. Ora avanços, ora retrocessos. Por isso, além do verde exuberante da restinga, além do azul esplendoroso do mar e da imponência do granito que se ergue como um gigante do mar, esses avanços e retrocessos devem constituir o tema central nas educações ambientais motivadas pelo lugar.

6. CONSIDERAÇÕES SUSPENSAS

Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades — as nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com a liberdade que formos capazes de inventar, não botar ela no mercado. Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência.

(KRENAK, 2019)

Yeah!¹¹
 Bora, rapaziada
 Eh, delírios paralelos de uma realidade
 Natureza forte dobra o vírus homem
 Delírios paralelos de uma realidade
 Natureza forte dobra o vírus homem
 Arrebatados pelo ódio
 Segurando o estandarte da ignorância
 Chovem mentira pelas redes
 Para pescar os inocentes
 Chovem mentira pelas redes
 Para pescar os inocentes
 Do oriente veio o aviso
 Que algo está no seu limite
 Desequilíbrio humano risco
 Em um mundo de gaia que não existe
 [..]

¹¹ Música “Delírio do ódio da banda “Manga Rosa Experience” . É considerada uma banda de groove rock tropical stone samba de Guarapari .Música disponível no link:
<https://open.spotify.com/artist/2WUXkiSJKx4JttM9ShCrxi#login>. Acesso em: 18/11/2022

Figura 67- Banho na Lagoa de Caraís.



Fonte: ARQUIVO PESSOAL

A música parece um prenúncio do que a pesquisa vem nos alertar sobre “delírios paralelos de uma realidade”. O que observamos na maioria das fotografias e outras imagens relacionadas a Guarapari, pouco tem a ver com o contexto e a realidade em que a maioria dos alunos advindos da rede pública vivem. Quando vamos abordar as questões ambientais na escola, percebemos que é impossível desassociar os aspectos ambientais, dos sociais, culturais e políticos. E esta dissertação além de denunciativa, contém os elementos essenciais para uma educação problematizadora como defendia Paulo Freire. O que queremos dizer é que, os elementos factuais das imagens são aqueles que acontecem na vida cotidiana, mas não nos chocam - ou por que são narrados de um ponto de vista acrítico, ou porque são, intencionalmente, isolados dos problemas.

Já a escolha da imagem dos alunos felizes e brincantes, divertindo-se e conhecendo pela primeira vez a lagoa de Caraís, situada no Parque Paulo César Vinha parece trazer esperança de um novo modo de ensinar e aprender rompendo com um sistema que insiste em aprisionar os seres humanos da natureza. E o que infelizmente percebemos: a distância da realidade que insiste em manter as crianças emparedadas despontencializando a curiosidade e tudo o que a envolve (TIRIBA, 2021).

Em relação às análises esperadas advindas dessa dissertação, todas elas estão fortemente associadas as práticas cotidianas nas escolas deste município e percebemos que a historicidade ambiental em Guarapari é pouco revelada nas práticas cotidianas. É necessário que os diversos espaçostempos (ALVES,2021) estejam presentes, seja no currículo, na formação de professores e em outras redes das quais nossas escolas possuem conexão.

Guarapari tem uma história ambiental que revela um passado de forte exploração de recursos naturais, envolvendo estratégias de ordens políticas, interesses econômicos, bélicos dentre outros, esses temas são, muito raramente, abordados nas escolas. E aí podemos nos perguntar: Quem conta essa história? Existe outras histórias que não são contadas? Que história são valorizadas? Como elas são contadas?

Acreditando na potência das imagensnarrativas (ALVES, 2021) convido o (a) leitor(a) para que vocês possam pegar uma fotografia e habitualmente fazer o que todos nós fazemos quando a mostramos: “narrar histórias”, trazer a memória histórias esquecidas ou não contadas.

Nesta perspectiva, acreditamos que existe a possibilidade de percorrermos outras margens como nos apresenta em seu conto Guimarães Rosa, que trazem à tona novas possibilidades de fazer educação ambiental, uma, atrevo-me a dizer, outras educações ambientais possíveis, cujo comprometimento é com a cidadania, visando a superação hegemônica dominante que impede outros modos de ver e sentir o mundo (REIGOTA, 2014).

Percebemos à nível nacional uma crise política e ambiental com o desmonte das políticas de meio ambiente. O que observamos é um país onde tem prevalecido as dissensões, a falta de diálogo, o negacionismo que ameaçam a democracia no país. Este momento de turbulência atinge também a educação ambiental em sentido nacional.

O modo de obter esperança em tempos de tantos conflitos e de decadência e crises mundiais, nada melhor que ler e reler Freire (1996) que vem nos lembrar que é necessário perder a ingenuidade de que a esperança sozinha vai dar conta de mudar uma realidade, isso é cair no fatalismo. A concretude histórica e a luta contra as injustiças sociais, econômicas e ambientais partem das nossas vozes.

É por isso que esta pesquisa critica veementemente as educações ambientais terceirizadas que chegam às nossas secretarias de educação baseadas na meritocracia, exclusão de determinadas faixas etárias, premiação e desempenho reproduzindo práticas descontextualizadas com as verdadeiras necessidades dos bairros, da cidade, fortemente ligadas as ideias neoliberalistas.

O modo de esperar vem das vozes de quem habita nos cotidianos. Nesta pesquisa, especificamente os professores, as pesquisas do nosso grupo alimentam uma nova possibilidade, uma potência, que por meio de pesquisas com narrativas ficcionais (REIGOTA, 1999) geram “novas vozes” que não são reconhecidas na vida real, mas adquire identidade própria no reconhecimento (ou não) dos sentimentos, opiniões sobre diversificados temas.

O tema central da narrativa foi o descarte do lixo na cidade e a visão que o professor tem dele em relação aos processos curriculares, propostas de práticas advindas de secretaria, ou seja, as vozes denunciam um problema recorrente e sério no município.

As ‘*imagensnarrativas*’ aqui presentes nesta dissertação trazem uma aproximação com as problemáticas ambientais invisibilizadas dos cotidianos da

famosa Guarapari- “cidade saúde” apresentando que é possível a resistência face a tantas “verdades absolutas” e histórias oficiais.

A extração de areias no passado, para possíveis fins bélicos, uma história envolvida em mistério e no controle de militares. O roubo de areias de restinga que perdura até os dias atuais, que envolve o assassinato de um biólogo e a impunidade dos criminosos, são assuntos que precisam adentrar nos cotidianos escolares e na formação de professores locais.

A proposta e finalidade do produto educacional *Fotoconversas e outras ecologias de Guarapari* é a possibilidade de desconstruir uma história hegemônica, com discursos vazios, possibilitando uma nova ‘*praticateoria*’ (Alves ,2019) onde diversos artefatos culturais se articulem com os processos curriculares e práticas, percebendo a potência advindas dos professores, docentes e de outras redes que acreditam nesta temática e em um futuro de mais esperança para Guarapari.

7 PRODUTO EDUCACIONAL: *FOTOCONVERSAS E OUTRAS ECOLOGIAS DE GUARAPARI.*

Fomos durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo de que somos partes, a Terra, passando a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo que exista algo que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo o que eu consigo pensar é natureza. (KRENAK, 2020, p.83)

Este capítulo destina-se a apresentarmos o produto educacional da dissertação cujo objetivo é de problematizar o potencial político e pedagógico das *'imagensnarrativas'* em práticas de educações ambientais nos cotidianos escolares e nos *espaçostempos* da formação docente.

Como vimos, no capítulo 2, o concurso promovido pela Secretaria Municipal de Educação de Guarapari, conquanto não tenha sido, especificamente, concebido como um projeto de educação ambiental, ao sugerir “os encantos de Guarapari” como tema para a produção das imagens (desenhos e fotografias) privilegia uma visão romantizada da cidade. A contrapelo dessa proposta, sugerimos outras abordagens, concebidas não a partir do que é “agradável” na natureza, mas a partir das suas realidades e problemáticas atuais em constante transformação na vida cotidiana.

É sempre muito agradável poder passar algumas horas estudando ou fazendo atividades em parques e reservas ecológicas, jardins botânicos, ou em qualquer lugar roco nos seus aspectos naturais e/ou culturais. No entanto, a natureza conservada não deve ser apresentada como modelo, já que o que existe no cotidiano entre a sociedade e a natureza é uma relação de permanente transformação de ambos (REIGOTA, 2014, p. 47).

É claro que os espaços preservados são importantes, e não se nega, aqui, a importância de práticas de educação ambiental em tais espaços, porém, em tais casos, sugerimos que nosso olhar deva suplantar uma mera contemplação. “A educação ambiental realizada nesses espaços preservados deve enfatizar os motivos pelos quais foram e devem ser preservados” (REIGOTA, 2014, p. 47).

Ou seja, apostamos em propostas de educação ambiental a contrapelo do que se vê na educação bancária e, muitas vezes, institucionalizada e até patrocinada, e que considere o meio ambiente a partir de suas condições políticas, culturais, sociais e econômicas. Do contrário, como argumenta Reigota (2014), o que de traveste de

educação ambiental não transcende os domínios dos ensinamentos disciplinares da escola.

O que se pretende, aqui, é compreender que a ação humana está relacionada ao meio ambiente e que, essa ação, não é única nem uniforme. Como segue explicando Reigota (2014, P. 50- 51), o ser humano, em geral, e indistintamente, é apresentado como o grande vilão da degradação do meio ambiente. Contudo, como sugere o autor, é preciso distinguir entre quem retira dos espaços naturais apenas o que depende para viver, e quem vive e enriquece a partir desses espaços; entre aquele ser humano que escolhe o transporte público para se locomover na cidade e aquelas pessoas que não se preocupam com o consumo em excesso de energia. Fazer essa diferenciação se constitui em uma prática que, verdadeiramente, pode ser chamada de educação ambiental.

A prática pedagógica aqui proposta vai ao encontro de alguns aspectos criticados por Reigota (2014, p. 53-54), a saber, a questão da “conscientização” e do “conhecimento” como objetivos da educação ambiental. Em sua reflexão, o autor apresenta uma postura crítica aos dois conceitos. À ideia de conscientização, sua crítica é baseada na definição que Paulo Freire dá a esse conceito; Em Freire a conscientização toma ares de liberdade, de expor suas ideias e de reconhecer seus direitos como humano de como ser e estar no mundo, não de forma neutra, mas sim transformadora. Já sobre o “conhecimento”, explica que a forma como o termo aparece na *Carta de Belgrado*¹², abre espaço para se pensar o “conhecimento escolarizado” em detrimento de outros conhecimentos, ficando de fora da questão ambiental os conhecimentos dos cotidianos, que são de imprescindível importância para as questões ambientais.

Para tanto, apresentamos como proposta de produto educacional uma oficina de cunho pedagógico e formativo com foco no potencial político, pedagógico e ecológico das *imagens narrativas*. Intitulamos a oficina de “*Fotoconversas e outras ecologias de Guarapari*”. A proposta de se pensar na metodologia das *fotoconversas* surgiu a partir das ideias de *fotomapas* (FIRMINO, 2014) e de *cineconversas* (MENDONÇA; SANTOS; TOJA, MORAIS, 2020). De acordo com FIRMINO, 2014, “fotomapas são imagens ricas em subjetividades, nelas estão a possibilidade de

¹² A carta de Belgrado foi um documento elaborado no ano de 1975, na então Iugoslávia, em Belgrado que reuniu especialistas em educação, biologia, geografia, história entre outros. Neste seminário foram definidos os objetivos da educação ambiental. (Reigota, 2014,p.27)

experimentar outros possíveis olhares, é um “ver a mais” do óbvio sobre o tema trabalhado”.

Para Mendonça; Santos; Toja; Morais a metodologia das *cineconversas* se torna uma possibilidade metodológica que utiliza filmes para possibilitar um ‘*verouvirsentir*’ pensar no coletivo, criando novas conexões, experiências e vivências de quem participa.

Para nós, as propostas metodológicas dos *fotomapas* e das *cinerconversas* trazem possibilidades para abordarmos e conversarmos com os estudantes e educadores/as acerca das problemáticas e potencialidades ecológicas do município a partir de uma abordagem pedagógica que dialogue também com a perspectiva política de educação ambiental. Desse modo, apostamos nas oficinas e no seu potencial pedagógico, dialógico, criativo e coletivo, e que possibilitam redes de conhecimentos, espaços de convivências, memórias, narrativas e afetos.

A proposta da oficina de *fotoconversas* foi pensada inicialmente em 03 encontros que apresentaremos a seguir. Os professores podem utilizar como provocador de reflexões e diálogo o material intitulado “LIVRO **ÁLBUM: FOTOCONVERSAS E OUTRAS ECOLOGIAS DE GUARAPARI**”, elaborado como parte deste produto educacional, fruto das experiências e práticas educativas da autora desta dissertação.

Utilizaremos as fotografias e imagens como ‘*imagensnarrativas*’ para abordarmos diferentes temáticas e aspectos históricos e ecológicos do município de Guarapari, tanto em práticas pedagógicas como em contextos de formação docente com foco na educação ambiental. As *imagensnarrativas* trazem desde a descoberta e a extração das areias monazíticas, o uso estratégico e bélico deste mineral, incluindo também, aspectos da vida do biólogo e ambientalista Paulo César Vinha a preservação da restinga de Setiba, a expansão do turismo e expansão imobiliária, as potencialidades educativas do parque, e, as problemáticas ambientais da atualidade.

A intenção é de dialogarmos e problematizarmos as *imagensnarrativas* que circulam nas mídias, fotos realizadas pela autora da dissertação que estejam relacionadas com aspectos históricos e ecológicos do município de Guarapari, e com as problemáticas ecológicas atuais, ampliando e problematizando assim, a ideia de “cidade saúde”, como forma de trazer à tona tais problemáticas para os cotidianos escolares.

7.1 FOTOCOCONVERSAS 1: DA EXPLORAÇÃO DAS AREIAS MONAZÍTICAS AO TURISMO NA “CIDADE SAÚDE”.

As *imagensnarrativas* deste tema abordam momentos e acontecimentos históricos relacionadas à exploração das areias monazíticas nas praias de Guarapari. Registros da década de 1950 mostram trabalhares condicionando areias das praias de Guarapari para exportação, até foto de turistas se “enterrando” na praia da areia preta.

7.2 GUARAPARI, MARAVILHA DA NATUREZA: O USO MEDICINAL E TERAPÊUTICO DA RADIOATIVIDADE DOS MINERAIS.

A origem desta narrativa pode ser rastreada desde a obra “Guarapari: Maravilha da natureza” do Dr. Silva Mello que, na segunda metade do século XX, passou a divulgar a Cidade de Guarapari como um lugar, que por suas próprias características naturais, promovia a saúde de seus habitantes, sobre isso, ele escreve

Verifiquei que o clima da região era excelente, havendo muita gente de idade avançada e de boa saúde, muitos habitantes falando das propriedades de Guarapari para o tratamento de determinadas moléstias. Eu encontrava na natureza o que conhecia de laboratórios e pude prever com absoluta segurança que essa dádiva da natureza, de incomensurável valor e ainda completamente desconhecida, teria um futuro de proporções inacreditáveis. (MELLO, 1971, p. 6).

Mais especificamente, Mello (1971, p. 99) menciona as areias monazíticas de Guarapari, chamando a atenção para a presença do elemento Tório que, por suas propriedades radioativas, segundo Mello, continham princípios medicinais curativas, especialmente para doenças reumáticas. Assim, Guarapari, divulgada por Mello como “A maravilha da natureza”, passou a atrair pessoas de diversos lugares do Brasil e do mundo que vinham em busca da cura para seus mais diversos problemas de saúde.

As narrativas das areias de Guarapari encontram em Silva Mello três momentos: o da esperança, em que o autor prevê e se entusiasma com as potencialidades da cidade espírito-santense; o esforço científico na legitimação do empirismo sobre as propriedades medicinais das areias pretas e, por fim, a gravidade crítica quanto a exploração dos recursos naturais e do espaço geográfico, de forma descomprometida e capitalista. Deixemos que, pela pena de Silva Mello, as areias narrem esses três momentos.

Após apresentar as *'imagemnarrativas'*, “Da exploração das areias monazíticas ao desenvolvimento do turismo na “cidade saúde”, o professor pode propor variadas perguntas para reflexão, e no final propor a elaboração de uma revista ou álbum digital cujo tema seria o histórico das areias contadas pelas imagens selecionadas pelos próprios alunos. Lembrando que este trabalho pode ser interdisciplinar envolvendo professores de outras disciplinas, dependendo do nível em que for aplicado.

7.2 FOTOCONVERSAS 2 - AS AREIAS DO PARQUE PAULO CÉSAR VINHA: UMA TRAGÉDIA EM TRÊS ATOS.

O Parque Estadual Paulo César Vinha, antigo Parque Estadual de Setiba, foi criado por meio de decreto estadual nº 2.993-N, de 05 de junho de 1990 (ICMBIO, 1990). O atual nome se deve a um fato histórico marcante: a morte do biólogo Paulo César Vinha, que foi assassinado na região no ano de 1993, “por defender a preservação do lugar contra a extração ilegal de areia” e demais agressões à biodiversidade (ROCHA, 2012).

Sobre a criação do parque, Coelho (2013) menciona que, mesmo com o decreto que transformou a região em um parque em 1990, a população continuou a demarcar lotes e a aterrar partes do espaço de utilidade pública, o que prejudicou seriamente a biodiversidade do lugar. O autor afirma que, mesmo com projetos de recomposição da vegetação nativa, no final da década de 1990, cerca de 65 hectares correspondiam a solo desprotegido, isto é, sem vegetação. Esse percentual, segundo afirma, sofreu uma redução de cerca de 50%, e, na década de 2010, correspondia aproximadamente 30 hectares.

O que torna a região alvo da exploração são, como no caso das praias, as areias. Porém, o motivo é outro. No lugar, um dos atrativos é a Lagoa de Carais, uma das fontes de água doce, na região. Foi próximo a essa região que, em 1993, Paulo César Vinha foi assassinado a tiros, exatamente por organizar uma frente de protesto contra os extrativistas de areia para construção civil. Essas areias, das áreas fluviais, também têm uma história a narrar.

No local, apesar da proibição para a extração da areia, a prática ainda continua. Para isso ter acesso ao mineral, os infratores precisam remover a vegetação (restinga)

que compõe exatamente o habitat da espécie descoberta pelo Dr. Peloso. O motivo do risco é a baixa qualidade da restinga em áreas de exploração de areia,

Em ecossistemas como a restinga, a extração de areia também impacta as comunidades vegetais, altera as características do solo e promove o afloramento do lençol freático. O PE Paulo César Vinha e a APA Setiba são UCs que sofreram intensa exploração de seus depósitos arenosos abastecendo a construção civil na região metropolitana de Vitória. Passadas três décadas, muitas áreas de restinga nestas UCs ainda permanecem degradadas pela remoção da areia, restando, ali, uma vegetação com baixa diversidade e predominância de espécies exóticas invasoras e nativas oportunistas (ROSA, et al. 2019, p. 67).

Importante mencionar que, apesar da fiscalização, do apelo das autoridades e da forte conscientização feita por meio de panfletos e das mídias sociais, a exploração ilegal ainda ocorre no lugar.

No caminhar da pesquisa, já quase em sua finalização, uma tragédia atravessa uns dos campos da pesquisa. Um incêndio de grandes proporções no Parque Estadual Paulo César Vinha. O professor pode propor aqui dois painéis fotográficos. Um que ficasse exposto para a comunidade escolar, em praças, coletivos, feira de ciências que retratasse a biografia do biólogo que deu nome ao parque. O outro painel poderia ser feito com imagens captadas pelos próprios alunos em uma aula de campo. No final poderiam ser feitas pequenas narrativas no formato de cartões postais sobre as percepções que os alunos tiveram durante a visitação do parque.

7.3 FOTOCONVERSAS 3 : NO PARQUE MORRO DA PESCARIA

É importante levar em consideração a potencialidade do lugar para práticas de educação ambiental e, por isso, a importância das imagens dos cotidianos desse lugar no contexto da educação ambiental. Pois, assim como as areias extraídas para construção civil, no parque Paulo César Vinha, e a monazita extraída nas praias de Guarapari dialogam com os problemas ambientais da cidade que podem ser problematizados na educação ambiental; a apropriação dos espaços naturais com finalidades turísticas e imobiliárias também o podem. Essa é a realidade do Morro da Pescaria, em Guarapari. O lugar, com uma área de 110 hectares, situado na Praia do Morro (SOUZA, 2008).

No Morro da Pescaria, como afirma Souza (2008) duas imagens se encontram e se antagonizam, de um lado, a imponência das construções urbanas, verticalizadas,

atendendo aos reclames capitalistas da especulação imobiliária, do outro lado, as reminiscências da mata atlântica que atestam a importância da preservação dos recursos naturais do lugar. A figura 68 procura captar essa realidade. Três planos podem ser observados na fotografia. No primeiro, um pouco desfocada, aparece a formação rochosa do parque coberta pela restinga, no segundo plano, aparece o mar e, por último, ao fundo, a urbanização verticalizada da Praia do Morro.

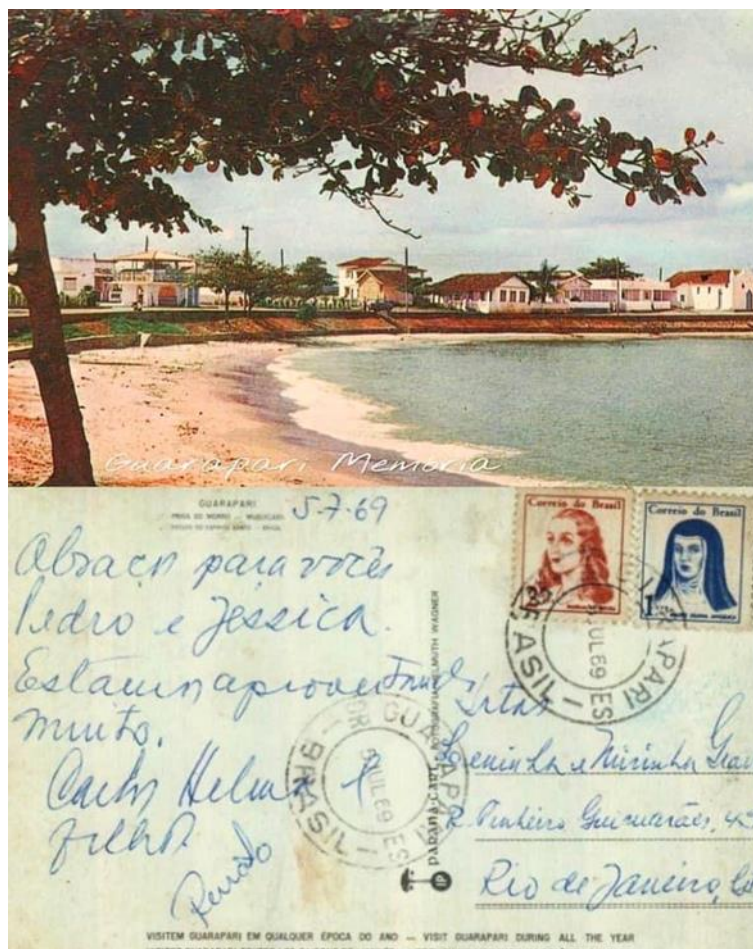
Olhar uma imagem assim, segundo Nilda Alves (2010, p. 185) é exercitar-se na compreensão dos ‘*espaçotempos*’. Nesse caso, a presença do humano urbanizado é um elemento que atravessa esse *espaçotempo*, e revela (narra) a condição de troca do meio natural com os espaços construídos. Assim como as questões envolvendo as areias monazíticas e a areia para construção civil recursos das praias e das regiões fluviais de Guarapari, respectivamente; o Morro da Pescaria provocou diversos movimentos políticos e sociais. Um desses movimentos pode ser constatado no artigo 267, da Lei Orgânica (LO) do Município de Guarapari, no qual consta que o Morro da Pescaria faz parte do conjunto de espaços considerados “patrimônios, naturais e paisagísticos do Município, de preservação especial e permanente”. Além do Morro da Pescaria, a LO inclui na mesma categoria outros espaços como ilhas, rios, lagoas, manguezais etc. (GUARAPARI, 1990).

Uma prática possível é procurar pesquisar o histórico do local e fazer um painel criativo sobre a Praia do Morro. A praia do Morro são umas das praias mais populares de Guarapari. As pessoas que moram aqui já estabeleceram um vínculo afetivo com esta praia. Quem morava naquele local antes do “boom” de empreendimentos imobiliários? Eram pescadores? Onde estão seus descendentes? Que histórias eles têm para contar?

7.4 FOTOCONVERSAS 4: PROBLEMÁTICAS ECOLÓGICAS DA CIDADE SAÚDE.

O município de Guarapari, desde as décadas de 1950, aparece nos cartões postais como um lugar onde as belezas naturais e a saúde fervilham. Essa narrativa tem atraído para cidade pessoas que vêm em busca de lazer e descanso, mas também de cura por meio das propriedades radioativas das areias da cidade.

Figura 68- Cartão postal de Guarapari, 1969.



Fonte: DELPUPO, 2020

Alves (2004) ensina que, ao analisar imagens como elementos narrativos e reveladores dos cotidianos, é preciso considerar tanto as diferenças como as semelhanças entre as imagens e, ainda, considerar essas diferenças e semelhanças no espaço e no tempo, o que a autor chama de 'espaçostempos'. Ao olhar para as diferentes imagens podemos entender que as diferenças não se constituem apenas nas intencionalidades, isto é, na intenção de quem produz e reproduz as imagens. Mas, também, nos diferentes lugares e cotidianos da cidade. Ou seja, as imagens exuberantes dos bairros nobres não se estendem ao subúrbio.

Alves (2004) ainda diz que as pessoas que fazem uso destas diferentes imagens, como aquela do cartão postal (Figura 68) nem sempre percebe essa diferença ao reproduzir essa narrativa, pois julga normal que haja espaços com diferenças tão gritantes. Essa acomodação às diferenças se dá, segundo a autora, porque ocorrem nos cotidianos, tornando-se banais, ao longo do tempo.

Dentro deste mesmo recorte histórico, isto é, entre os anos de 1970 e a década de 2000, segundo Reigota (2008b), dois momentos marcaram a condição em que as políticas públicas ambientais, enquanto políticas de direitos cidadãos, ocorreram no Brasil. Em primeiro lugar, durante a década de 1970 houve um movimento de resistência em torno de questões ambientais que procuravam discutir o assunto do ponto de vista social em favor das pessoas que eram diretamente afetadas pelas políticas ambientais da ditadura.

Segundo o autor, partidos de esquerda, como o partido dos trabalhadores (a partir da década de 1980) que se posicionaram ao lado das resistências, mais tarde, na redemocratização do Brasil, “esfacelaram” esses ideais e favor de uma política neoliberal (REIGOTA, 2008b)

Durante o primeiro mandato do governo PT, segundo Reigota (2008b) o problema se -agravou porque, sob a aparência de políticas públicas voltadas para as questões ambientais, uma série de decisões tomadas naquele governo foram, na verdade, no sentido completamente oposto àquele movimento da década de 1970. Isto é, ao manter o discurso – e apenas o discurso- de políticas ambientais, o governo do PT engendrou uma série de políticas que viriam a afetar, especialmente, as classes mais desfavorecidas e exposta a condições socioambientais de risco.

Em menor ou maior escala, o discurso – seja ele político, científico, jornalístico etc. – precisa estar ajustado à realidade social para que não ocorra distorções entre o que é apresentado na forma discursiva e a realidade que cerca as pessoas afetadas pelo ambiente descrito.

A esse respeito, Reigota (2008a) apresenta o problema dos marginalizados em relação às questões ambientais de outra perspectiva: a do sujeito periférico que se insere no mundo acadêmico e passa da condição de sujeito passivo para sujeito ativo. [...] educação ambiental poderá iniciar uma fase na qual as novas gerações formadas a partir desta crise ética e política serão as protagonistas. Mas antes disso ainda temos o longo percurso de buscar respostas às nossas questões específicas: poderá a educação ambiental ter participação efetiva na reconstrução da cidadania? (REIGOTA, 2008b, p. 67).

Nesse sentido, essas pessoas das áreas suburbanas da cidade, ao tomarem posse das condições de pesquisas tendem a romper com padrões da cultura colonizadora que afere a determinados autores canônicos a qualidade de “santos” e

“mandarins” e passam a discutir os problemas sociais da cidade a partir de suas vivências. Contribui, nesse processo, a distância que essas pessoas percebem entre suas vivências e os intrincados textos e teorias de autores canônicos.

Para o autor, portanto, não são as pesquisas de comparação com outros cenários que, de fato, revelam os problemas ambientais de uma determinada comunidade. Isso tem validade, mas os elementos que motivam essas pessoas suburbanas que andam de ônibus e fazem confraternizações na universidade são variadas podendo ser ações consideradas objetivas (quando se quer melhorar o salário) ou tradicional (porque alguém conhecido resolveu ir para a vida acadêmica).

Esse intrincado tecido de ações sociais que determinam a presença destas pessoas na universidade em busca de cursos de mestrado e doutorado dá à vida acadêmica uma condição mais dinâmica e interdisciplinar, o que possibilita a abordagem de campos do conhecimento antes deixadas de lado pelo caráter linear e disciplinar das abordagens elitistas.

Podemos refletir também por meio do artigo de Jesus (2020) que é importante perceber uma lacuna deixada aberta nas abordagens sobre as questões ambientais: a necessidade de uma quantificação mais exata sobre as diferenças socio-raciais no acesso a condições ambientais adequadas – que o autor não apresenta, pelos motivos já mencionados- e a necessidade da politização deste tema que, por hora, é expresso em números contingentes e abordados por meio de uma legislação pensada de cima para baixo, isto é, que não inclui a população que, de fato, é afetada pelo problema ambiental.

O que se percebe, ao colocar em diálogo pesquisas com a de Jesus (2020) e Reigota (2008) é que, de um lado, a pesquisa está procurando ajustar a conduta de grandes economias e suas multinacionais à um tipo de propaganda que procura, por um lado, expor a postura nacional como completamente irresponsável em comparação com outra – a internacional- apresentada como exemplar.

Por outro lado, promover uma justificção das políticas ambientais como algo que vem do mais forte. Já, do ponto de vista de Reigota (2008) é preciso criticar sim, as políticas públicas voltadas para essas questões, mas, sobretudo, produzir dados a partir da realidade local, o que exige, segundo um mapeamento de cada uma destas realidades para que, uma determinada política possa contemplar o problema de forma sistêmica.

Nesse sentido, há uma proposta de abordagem do tema por meio da cartografia que, tem por objetivo demarcar as partes que, justapostas, dão impressão de um mesmo, quando na realidade, de forma intercalada, cada uma destas pequenas partes que constituem um problema ambiental se relaciona com a outra e a modifica.

É, pois, a partir desta abordagem que se procura compreender o discurso “Cidade Saúde” como predicado da cidade de Guarapari. Uma sugestão de proposta para esta oficina é que seja apresentado aos alunos filmes, vídeos que circulam o *dentrofora* da escola com o tema Guarapari. E que sejam propostos aos alunos a criação de micronarrativas e cartões postais, a partir de desenhos ou capturas fotográficas da realidade de seus bairros. E que seja exposto estes “novos mapas” na escola, em coletivos, praças e feira de ciências.

REFERÊNCIAS

AGRINHO. *Sistema Faep*. Disponível em: <https://www.sistemafaep.org.br/agrinho/>. Acesso em 13 jan. 2023.

ALVES, N.; OLIVEIRA, I. B. Imagens de escolas: espaçostempos de diferenças no cotidiano. **Educação & Sociedade**. [S. L.], v. 25, n. 86. p. 17-36. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000100003> Acesso em: 27 jul. 2021.

ALVES, N.; FERRAÇO, C. E. As pesquisas com os cotidianos das escolas: pistas para se pensar a potência das *imagensnarrativas* na invenção dos currículos e da formação. **Espaço do currículo**, v.8, n.3, p. 306-316, Set/dez 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rec/article/download/rec.2015.v8n3.306316/14761/> . Acesso em: 27 jul. 2021.

ALMEIDA S. S; BRITTO M. C. P. Chico Mendes: dignidade humana, mudanças climáticas e biodiversidade. **Revista de Geografia (UFPE)**, v. 30, n. 2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/viewFile/229104/23508>. Acesso em 15 jun. 2022.

ALVES, N.; CALDAS, ANDRADE, N. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos- após muitas conversas acerca deles. In: OLIVEIRA, I. B.; PEIXOTO, L. F.; SÜSSEKIND, M. L. **Estudos dos cotidianos, currículo e formação docente**: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019.

ALVES, N; Dois fotógrafos e imagens de crianças e seus professores: **as** possibilidades de contribuição de fotografias e narrativas na compreensão de espaçostempos de processos curriculares. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de Oliveira (Org.). **Narrativas**: outros conhecimentos, outras formas de expressão. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.

BARCELOS, M. E. F et al. Influência do solo e do lençol freático na distribuição das formações florísticas nas areias reliquias do Parque Estadual Paulo César Vinha, ES, Brasil. **Natureza on line** n. 9, v.3, p. 134-143. Disponível em: http://www.naturezaonline.com.br/natureza/conteudo/pdf/04_barcelosmefetal_071_076.pdf. Acesso em: 26 mai. 2012.

BARCELOS, M. E. F et al. Uma visão panorâmica sobre os solos das restingas e seu papel na definição de comunidades vegetais nas planícies costeiras do sudeste do Brasil. **Natureza on line** v. 10, n. 2, p. 71-76, 2012. Disponível em: http://www.naturezaonline.com.br/natureza/conteudo/pdf/04_barcelosmefetal_071_076.pdf. Acesso em: 26 mai. 2022.

BENJAMIN, Walter. O surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia. In: BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Roaunet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BILAC, O. **Antologia**: Poesias. São Paulo: Martin Claret, 2002. p. 37-55: Via-Láctea. (Coleção a obra-prima de cada autor).

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 52. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

BRANDÃO, D. Salvemos nossa monazítica. **Manchete**, Rio de Janeiro, v 4. n. 56. p. 20- 23. 16 de mai. 1953. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=004120&Pesq=guarapari&pagfis=3671>. Acesso em 27 jul. 2021.

CARVALHO, B. **Há uma citação do escritor português [...]**. Guarapari, 19 de dez. 2020. Facebook. Guarapari Memória. Disponível em:
<https://www.facebook.com/groups/Guaraparimemoria/posts/1611687599005008>. Acesso em 23 jul. 2021.

CARDOSO et al. Sambaquis do litoral de Guarapari-ES. **Soc. Nat.** v.32, p. 728-739, 2020. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/sn/a/FgBHQYL5CBLRqjpbs4LkHVf/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 26 mai. 2020.

CARVALHO, G.D.; HOHN, G. R.; SANTOS, I. L. F. Percepção de frequentadores de unidades de conservação sobre acidentes provocados por animais marinhos. In: I Congresso Brasileiro Interdisciplinar de Ciência e Tecnologia, 2020. Anais do I Congresso Brasileiro Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia. Recife - PE: Even3 Publicações, 2020. Disponível em:
<https://www.even3.com.br/anais/icobicet2020/258380-percepcao-de-frequentadores-de-unidades-de-conservacao-sobre-acidentes-provocados-por-animais-marinhos/>. Acesso em: 03 jul. 2022.

COELHO, Rafael de Rezende. **O Controle Social da Política Ambiental**: o caso da Unidade de Conservação Parque Estadual Paulo Cesar Vinha – PEPCV. 2013. 101 f. il. Dissertação (Mestrado em políticas públicas e desenvolvimento local) Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória, EMESCAM. Vitória-ES. Disponível em:
http://www.emescamvirtual.edu.br/arquivos/pos/stricto/dissertacoes/52_RAFAEL_DE_REZENDE_COELHO.pdf. Acesso em: 14 mai. 2022.

COVIZZI, Lenira Marques, SANTOS NASCIMENTO, Edna Maria Fernandes dos; João Guimarães Rosa: homem plural, escritor singular. Atual Editora, 1988.

CORTEZ, Mariana. Encontro de sentidos em uma nova velha história: análise discursiva de Fita verde no cabelo, de Guimarães Rosa. **Literatura em Debate**, v. 8, n. 14, p. 110-126, 2014. Disponível em:
<http://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/1452>. Acesso em: 13 jan. 2023.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. (volume 1).

DELMONDES, M. O. Sexualidade e cotidiano escolares: entre movimentos e imagens narrativas curriculares transbordantes. 1990. 149f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Espírito Santo- UFES. Vitória-ES. Disponível em:

file:///C:/Users/Felicio/Downloads/tese_12837_Dissera%C3%A7%C3%A3o%20para%20impress%C3%A3o.pdf. Acesso em: 01 jul., 2022.

ECOVIVER. **Guia de metodologia 2020**: Jornada Ecoviver – Protegendo a vida de hoje e de amanhã. Brasília: Ministério do Turismo e grupo EcoRodovias. Disponível em: <https://www.ecoviver.com.br/wp-content/uploads/2020/07/Guia-de-Metodologia-paginas-soltas-min.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2023.

DUTRA, J. G. O.; REGIS, R. D.; KROHLING, W. Ocorrência de Emerita brasiliensis (Decapoda, Anomura) em ciclo circadiano na Praia do Morro, Guarapari, Espírito Santo, sudeste do Brasil. **Natureza On Line** (Espírito Santo), v. 9, p. 38-42, 2011. Disponível em: http://www.naturezaonline.com.br/natureza/conteudo/pdf/08_DutraJGOetal_3842.pdf. Acesso em: 01 jul. 2022.

FERREIRA MACHADO, Marcelo; MORAIS, Maria; TOJA, Noale. 'Cineconversas': criando currículos com filmes de migração. **Revista de la Escuela de Ciencias de la Educación**, v. 1, n. 15, p. 93-103, 2020. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S2362-33492020000100011&script=sci_arttext&tlnq=pt. Acesso em: 10 out.2022.

FIRMINO, Larissa Corrêa. Cidade, lugar do possível: experimentações para um ver a mais. **TEXTURA-Revista de Educação e Letras**, v. 16, n. 30, 2014. Disponível em: <http://posgrad.ulbra.br/periodicos/index.php/txra/article/view/1128>. Acesso em: 10 out. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 55. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017a.

GARRARD, G. **Ecocrítica**. Tradução de Vera Ribeiro, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

GONZAGA DO NASCIMENTO JÚNIOR, L. S. Nunca Pare De Sonhar (Sementes Do Amanhã). In. **Grávido**. Produção de Renato Correa e Jota Moraes. São Bernardo do Campo, SP: EMI – Odeon, 1984.

GUARAPARI- Câmara Municipal de Guarapari. Lei Orgânica 01/1990. Disponível em: <http://www3.cmg.es.gov.br/legislacao/norma.aspx?id=2921>. Acesso em: 01 jul. 2022.

ICMBIO- Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Decreto N° 2.993-N, de 05 de junho de 1990, cria o Parque Estadual de Setiba e dá outras providências. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/legislacao/Decretos/1990/dec_2993_n_1990_criaparqueestadualsetiba_es.pdf. Acesso em: 15 jun. 2022.

IDOETA, Paula Adamo. *Os sapos do tamanho de uma moeda que Brasil pode perder antes mesmo de conhecer*. *BBC News, Brasil*, out. 6, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58769186#:~:text=O%20sapinho%2Dda%2Drestinga%20%C3%A9,artigo%20cient%20C3%ADfco%20seis%20anos%20depois..> Acesso em: 20 mai. 2022.

JESUS, Victor de. Racializando o olhar (sociológico) sobre a saúde ambiental em saneamento da população negra: um continuum colonial chamado racismo ambiental. **Saúde soc.** vol.29 n.2, e 180519. 11 maio 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-12902020180519>. Acesso em: 10 set. 2020.

KOHAN, Walter. **Filosofia: o paradoxo de aprender e ensinar**. Autêntica, 2015.

KOHAN, Walter. Paulo Freire e a (sua) infância educadora. In: SILVA, Marta Regina Paulo da Silva; MAFRA, Jason Ferreira (Org.) . **Paulo Freire e a educação das crianças**. São Paulo: Editora Epub, 2020

LEÃO, Igor Z. C; MAIA, Denise M. A teoria de gaia. **Economia & Tecnologia** – Ano 06, v.. 21 – Abril/Junho de 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/ret/article/view/26995>

LOPES, A. BOURGUIGNON, N. Nuclear Guarapari. Gazeta Online, ago. 29, 2015. Disponível em: <https://especiais.gazetaonline.com.br/bomba/>. Acesso em: 02 mai. 2020.

MAAKAROUN, Bertha. Krenak no 'Roda Viva': veja as frases mais marcantes do líder indígena. **Estado de Minas**. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/04/20/interna_cultura,1258972/krenak-no-roda-viva-veja-as-frases-mais-marcantes-do-lider-indigena.shtml. Acesso em: 15 nov. 2022.

MACHADO, Carlos Roberto da Silva; MORAES, Bruno Emilio. Educação ambiental crítica: da institucionalização à crise. **Quaestio-Revista de Estudos em Educação**, v. 21, n. 1, 2019. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/3508>. Acesso em 13 jan. 2021.

NASCIMENTO, Flávia Nessler; SGARBI, Antonio Donizetti. Espaços educativos não formais na educação formal: Educação ambiental como eixo integrador do ensino de ciências. **Indagatio Didactica**, v. 8, n. 1, p. 1917-1930, 2016.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão. In: ALVES, N. **Dois fotógrafos e imagens de crianças e seus professores: as possibilidades de contribuição de fotografias e narrativas na compreensão de espaçotempos de processos curriculares**. Petrópolis, RJ: DP et Alii: Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010. P. 185-206

OLIVEIRA, L. A. K. **Alterações Morfológicas da Praia do Morro, Guarapari - ES, em uma escala de décadas**. 2011. 85f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal do Espírito Santo- UFES, Vitória- ES. Disponível em: http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/3576/1/tese_5011_leonardo.pdf. Acesso em: 28 jun. 2022.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; LILIANA, E. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

REIGOTA, Marcos. Cidadania e educação ambiental. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 20, n. esp., p. 61-69, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822008000400009&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 10 mar. 2019.

REIGOTA, M. **Hiroshima e Nagasaki**. Sorocaba: O autor, 2015.

REIGOTA, M. SOARES, B. H. **Educação Ambiental: utopia e práxis**. São Paulo: Cortez, 2008.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2014.

REIGOTA, Marcos. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Teias**. Rio de Janeiro, ano 11, n. 21, jan./abr. 2010a. Disponível em: <http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/download/24105/1708>. Acesso em: 11 abr. 2019.

ROCHA, Pablo de Azevedo. **Características edáficas de cinco ambientes de restinga do Parque Estadual Paulo Cesar Vinha- ES, Brasil**. Dissertação (Mestrado em ciências) Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/5490/1/texto%20completo.pdf>. Acesso em 14 mai. de 2022.

RODRIGUES, Aurélio. Novo mártir do verde. **Manchete**, n. 2.44, ano 42, p. 20-21, 1993. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=278707>. Acesso em 23 mai. 2022.

ROSA, J. G. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, J. G. **Manuelzão e Miguilim (Corpo de Baile)**. 11^a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANTOS, Adriano Gomes. CASTOR, Katia Gonçalves. Educação ambiental crítica: tecendo as práticas educativas dos docentes da EMEIEF de jaqueira “Bery Barreto de Araújo”. **Educação ambiental em ação**. [S. L.], v. 19, n. 74. 2019. Disponível em: <https://revistaeea.org/artigo.php?idartigo=4003>. Acesso em 10 mai. 2021.

SERRA, O. A.; LIMA, J. F.; DE SOUSA FILHO, P. C. A luz e as terras raras. **Rev. Virtual Quim**. v. 7, n. 1, p. 242-264, 2015.

SILVA, Arlindo. História de uma praia milagrosa. **Cruzeiro**, n.9, v. 5, p. 65. 1949.

SOUZA, T. M. Apropriação do Patrimônio Natural para o Turismo: Interesses e Contradições nos Discursos sobre Preservação Ambiental. 2008. **V AMPTUR**. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/5/97.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2022.

TAKEHARA, L. Terras Raras em depósitos tipo placers. In: TAKEHARA, L. **Avaliação do potencial de Terras Raras no Brasil**. Brasília: CPRM, 2015.

TESCH, Nelson Alberto. **Projeto Minerais Pesados na Costa do Espírito Santo**. 1984.

TIRIBA, L. V. V. **Crianças, natureza e educação infantil**, 2005. 249 f. Tese (doutorado em educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.pucRio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=77041>. Acesso em: 22 mai. 2022.

TIRIBA, L. V. V. **Educação infantil como direito e alegria**: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. São Paulo, Rio de Janeiro, 2021.

TRIGO, Luciano. A arte existe porque a vida não basta', diz Ferreira Gullar. G1, 2010. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/flip/noticia/2010/08/arte-existe-porque-vida-nao-basta-diz-ferreira-gullar.html>. Acesso em: 25 mai. 2022.



VINHA, Paulo César. Estudos preliminares sobre *schinus terebinthifolius* RADDI. 1984. 62 f. Monografia (Especialização em taxonomia vegetal) Departamento de Biologia da Universidade do Espírito Santo- UFES, 1984.

VITÓRIA-. Decreto nº. 810/2014. **Diário Oficial dos Poderes do Estado**, n. Edição Nº23832, Vitória (ES), Terça-feira, 02 de setembro de 2014. Disponível em: https://silo.tips/queue/diario-oficial-jose-renato-casagrande-g-o-v-e-r-n-a-d-o-r-3?&queue_id=-1&v=1656971344&u=MjgwNDQ1NmM6YTRiYTpmMDA6ZDAzYzpjM2NiOmQzYmM6N2E4Yg==. Acesso em 03 jul. 2022.

SANTOS, A G. CASTOR, K. G. Educação ambiental crítica: tecendo as práticas educativas dos docentes da EMEIEF de jaqueira “Bery Barreto de Araújo”. **Educação ambiental em ação**. [S. L.], v. 19, n. 74. 2019. Disponível em: <https://revistaea.org/artigo.php?idartigo=4003>. Acesso em 10 mai. de 2021.

APÊNDICES

APÊNDICE A- AUTORIZAÇÃO DE USO DE MÚSICA

	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO CENTRO DE EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO</p> <p>Avenida Fernando Ferrari, 514, Campus de Goiabeiras, Vitória – ES, CEP 29075910 - Telefone: (27) 4009-7779 – e-mail: ppgmpe.ufes@gmail.com ppgmpe.ufes@gmail.com</p>	
---	--	---

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE MÚSICA AUTORAL

Eu, NORTON COTAN SCARTON, SOLTEIRO, RESIDENTE NA RUA FARIDYJORGE RIBEIRO ,568, MUQUIÇABA, GUARAPARI-ES, CPF: 085 911 407-45,

autorizo à aluna OLGA RODRIGUES VICENTE FERNANDES, matriculada no PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM

EDUCAÇÃO, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) a usar, parafins exclusivamente didáticos, as músicas baixas listadas em suporte podcast. Singles

- 1) Música: Delírios do ódio, compositor: Norton Cotan Scarton
- 2) (Música: Rios de lama /compositor: Norton Cotan Scarton
- 3) (Música: Faça o que for /compositor: Norton Cotan Scarton

Nome

Detentor dos direitos

autoriasData_/ /2021

APÊNDICE B- CARTA CONVITE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO**

Avenida Fernando Ferrari, 514, Campus de Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29075910-
Telefone: (27) 4009-7779 - e-mail: ppgmpe.ufes@gmail.com ppgmpe.ufes@gmail.com



Guarapari – ES, agosto de 2021.

Eu, Olga Rodrigues Vicente Fernandes, sou professora da Educação Infantil da rede municipal de Guarapari e estou matriculada no curso de Mestrado Profissional em Educação, na linha de pesquisa Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão da Universidade Federal do Espírito Santos-UFES, sob a orientação do Professor Dr. Soler Gonzalez, estamos desenvolvendo uma pesquisa de dissertação de mestrado com foco na educação ambiental. Esta é uma carta convite destinada aos professores, equipe gestora e demais funcionários que desejarem contribuir para esta pesquisa. O encontro acontecerá por meio de uma roda de conversa, na modalidade remota, com o objetivo inicial de nos apresentarmos e também criarmos um espaço dialógico, no qual possamos compartilhar experiências e práticas pedagógicas que desenvolvemos em práticas cotidianas escolares do município de Guarapari e que estejam relacionadas às suas potencialidades culturais, ecológicas, assim como, as problemáticas ambientais locais. Acreditamos que essa roda de conversa contribuirá muito com o projeto de pesquisa em fase de qualificação, assim como, para pensarmos também nas potencialidades das práticas pedagógicas de educação ambiental que realizamos em nossos cotidianos escolares. Agradecemos antecipadamente a atenção dispensada e nos colocamos à disposição.

Roda de conversa: Práticas pedagógicas de educação ambiental nos cotidianos escolares. Data: a definir. Horário: (1h30 no máximo de duração)

Atenciosamente,

Olga Rodrigues Vicente Fernandes

Soler Gonzalez



OLÁ PROFESSORES!
VAMOS CONVERSAR

PROFª. OLGA RODRIGUES VICENTE
 FERNANDES



OLÁ, ESPERO QUE ESSA MENSAGEM ENCONTRE VOCÊ E SEUS FAMILIARES BEM E COM SAÚDE!!

É COM ALEGRIA QUE CONVIDO OS PROFESSORES PARA PARTICIPAR DE MODO ONLINE (MEET) DE UMA RODA DE CONVERSA DO PROJETO DE PESQUISA INTITULADO : EDUCAÇÃO AMBIENTAIS : A NARRATIVA CIDADE SAÚDE EM GUARAPARI /ES E A FORMAÇÃO DO ALUNO NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

NOS MOVIMENTOS DAS PESQUISAS COM OS COTIDIANOS ESCOLARES PROPOMOS A REALIZAÇÃO DE CONVERSAS MEDIADAS POR IMAGENS DE FORMA ONLINE (MEET) COMO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO PARA A PRODUÇÃO DE DADOS NO TRABALHO DE CAMPO, PRIVILEGIANDO O ACENTO NAS CONVERSAS COM OS SUJEITOS DA PESQUISA. COM A PANDEMIA, AS ATIVIDADES DO PROJETO ACONTECERÃO DE MODO REMOTO.

SERÁ UMA HONRA CONTAR COM A SUA PRESENÇA !

LINK SERÁ ENVIADO PELO SEU WHATSAAP

APÊNDICE D- AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO CENTRO DE EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO</p> <p>Avenida Fernando Ferrari, 514, Campus de Goiabeiras, Vitória – ES, CEP 29075910 - Telefone: (27) 4009-7779 – e-mail: ppgmpe.ufes@gmail.com ppgmpe.ufes@gmail.com</p>	
--	---	--

Secretária Municipal de Educação– SEMED

Eu, Olga Rodrigues Vicente Fernandes, matriculada no curso de Mestrado Profissional em Educação, na linha de pesquisa Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão da Universidade Federal do Espírito Santos-UFES, sob a orientação do Professor Dr. Soler Gonzalez, venho solicitar a autorização para realizar no âmbito do Parque Natural Municipal Morro da Pescaria o projeto de pesquisa em elaboração abordando a seguinte temática de pesquisa em educação ambiental: **Dos encantos às problemáticas ecológicas de Guarapari: reflexões e saberes nos cotidianos escolares a partir de ‘imagensnarrativas’** Nesse trabalho dialogaremos com as metodologias de pesquisa com os cotidianos, aproximações da pesquisa cartográfica e das pesquisas narrativas. O objetivo desta pesquisa é problematizar a contribuição política, pedagógica e ecológica dos saberes, memórias e das práticas em educação ambiental no município de Guarapari. Durante a pesquisa assumiremos o compromisso de registrar e acompanhar as práticas e processos vivenciados no campo da pesquisa somente para fins científicos. Agradecemos antecipadamente e esperamos contar com a sua colaboração.

Atenciosamente,

Olga Rodrigues Vicente Fernandes

Soler Gonzalez